

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e  
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia  
Período de Análise: fevereiro de 2010.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da Abag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Revista Isto é Dinheiro Rural  
Revista Globo Rural

## Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	5
<b>Etanol</b> .....	5
<b>Produção de etanol poderá dobrar</b> – Sítio Eletrônico da CNA – 05/02/2010.....	5
<b>Safra de cana 2010/11 deve crescer 20% no Paraná</b> – Sítio Eletrônico da CNA – 10/02/2010.....	6
<b>Cosane Shell se unem para tornar o etanol um combustível global</b> – Paula Pacheco - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 02/02/2010.....	6
<b>União acentua concentração no mercado de combustíveis</b> – Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 02/02/2010.....	8
<b>Indianos assumem controle do grupo de açúcar e álcool Equipav</b> – Gustavo Porto – Estado de São Paulo – 22/02/2010.....	9
<b>Preços do etanol e da gasolina começam a cair</b> - Nicola Pamplona e Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 27/02/2010.....	10
<b>Com aumento no preço, consumo de álcool cai 25%</b> - Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/02/2010.....	11
<b>Refinaria de açúcar da Índia paga R\$ 600 mi por usinas em SP</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/02/2010.....	12
<b>Consolidação no setor de etanol avança com fusão ETH-Brenco</b> – Aginaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/02/2010.....	12
<b>ETH adquire a Brenco e cria nova gigante do etanol</b> – Mariana Barbosa – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/02/2010.....	13
<b>Brasil estuda ir à OMC contra UE por açúcar</b> – Luciana Coelho – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/02/2010.....	14
<b>Mercado de etanol foca nova safra e preço cai nas usinas</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/02/2010.....	15
<b>Álcool recua na usina, mas sobe no posto</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/02/2010.....	15
<b>Colheita mecanizada de cana cobrirá 60% do total em São Paulo</b> - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 01/02/2010.....	16
<b>Máquina de carregar, a grande revolução dos anos 60</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 01/02/2010.....	18
<b>'Bom é que hoje minha filha não quer mais ser cortadora'</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 01/02/2010.....	18
Colheita mecanizada de cana cobrirá 60% do total em São Paulo – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 01/02/2010.....	19
<b>"Caldo" de cana é bom para motores</b> - Marli Olmos – Valor Econômico – Empresas - 02/02/2010.....	21
<b>São Francisco fatura com usinas de açúcar e álcool</b> – Beth Koike – Valor Econômico – Empresas – 05/02/2010.....	22
<b>Cana volta a atrair investimentos</b> – Valor Econômico – Agronegócios - 09/02/2010.....	23
Cana volta a atrair investimentos – Alexandre Ignácio - Valor Econômico – Agronegócio – 09/02/2010.....	25
Colheita da nova safra já derrapa na logística – Alexandre Ignácio – Valor Econômico – Agronegócios – 09/02/2010.....	26

<b>Consumo de álcool cai 40% na bomba – Valor econômico – Agronegócios -</b> 10/02/2010 .....	27
AGU, Ministério Público e Minc buscam saída para ações contra usina – Juliano Basile – Valor Econômico – Brasil – 10/02/2010 .....	28
Consumo de álcool cai 40% na bomba – Valor Econômico – Agronegócios – 10/02/2010 .....	30
Fusão de ETH e Brenco fica para depois do Carnaval – Valor Econômico – Agronegócios – 11/02/2010 .....	30
Turbinando o etanol – José Roberto Campos – Valor Econômico – Brasil – 11/02/2010 .....	31
Paranaense Santa Terezinha chega ao time das maiores usinas do país – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 11/02/2010 .....	33
ETH e Brenco planejam aporte de R\$ 3 bi – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2010 .....	34
<b>ETH e Brenco se unem para criar Maior grupo global de etanol de cana –</b> Paula Pacheco – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 18/02/2010 .....	35
<b>No Nordeste, cortador de cana vira soldador –</b> Murillo Camarotto – Valor Econômico – Especial - 22/02/2010 .....	36
Com crise da cana, Dedini muda o foco – Ivo Ribeiro – Valor econômico – Empresas – 22/02/2010 .....	39
Demanda por açúcar resiste, mas preço alto já é obstáculo – Valor Econômico – Agronegócios – 23/02/2010 .....	40
<b>Biodiesel</b> .....	42
<b>Brasil Ecodiesel coloca terras à venda -</b> Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 09/02/2010 .....	42
<b>POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS</b> .....	43
<b>Etanol</b> .....	43
<b>Perspectivas para os biocombustíveis –</b> Sítio eletrônico da CNA – 08/02/2010	43
<b>China sai na frente para produzir energia limpa -</b> Keith Bradsher – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 01/02/2010 .....	44
<b>Energia Limpa –</b> Xico Graziano – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 23/02/2010 .....	46
<b>Energia do vento atrai grandes usuários –</b> Estado de São Paulo – Vida & - 25/02/2010 .....	47
<b>Rainha promete "carnaval" para Lula no Pontal –</b> Ricardo Schwarz - Folha de São Paulo – Brasil – 04/02/2010 .....	48
<b>Biocombustível empurra boi para a mata –</b> Rafael Garcia – Folha de São Paulo – Ciência – 09/02/2010 .....	49
<b>Virada pró-agroenergia –</b> Roberto Rodrigues - Folha de São Paulo – Opinião – 27/02/2010 .....	50
<b>Etanol terá taxa de importação zerada –</b> Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 03/02/2010 .....	51
<b>Alerta no etanol -</b> O Globo – Opinião – Editorial – 16/02/2010 .....	52
<b>Odebrecht compra usina e cria gigante do etanol -</b> Aguinaldo Novo – O Globo – Economia – 18/02/2010 .....	52
<b>Produção de agrocombustíveis gera emissões por desmatamento –</b> Sítio Eletrônico do MST – 19/02/2010 .....	54
<b>Canas-de-açúcar: altos impactos socioambientais –</b> Sítio Eletrônico do MST – 26/02/2010 .....	55

<b>Estoque regulador do etanol</b> – Antônio Delfim Netto – Valor Econômico – Brasil – 02/02/2010 .....	56
<b>Álcool 61%</b> - André Meloni Nassar – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 17/02/2010 .....	58
Etanol embala retomada sucroalcooleira – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2010 .....	60
Aval de agência americana é 'passaporte' do combustível – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2010 .....	62
<b>Aprovação do etanol brasileiro</b> – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 18/02/2010 .....	64
Energia eólica chega ao mercado livre – Valor econômico – Empresas – 19/02/2010 .....	65
Censo mapeia expansão da cana em SP – Fernando Lopes – Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2010 .....	66
<b>Biodiesel</b> .....	69
<b>Ecólogo defende dendê no lugar do biodiesel de soja</b> – Folha de São Paulo – Ciência – 09/02/2010 .....	69
<b>Ciclo verde</b> – Folha de São Paulo – Opinião – Editorial – 16/02/2010 .....	69
<b>MDA abre chamada para projetos na cadeia do biodiesel</b> – Sítio Eletrônico do MDA – 26/02/2010 .....	70
RELAÇÕES INTERNACIONAIS .....	72
<b>Etanol</b> .....	72
<b>Exportadores de açúcar se reúnem na OMC</b> – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/02/2010 .....	72
<b>Etanol caro faz Petrobras trazer gasolina da Venezuela</b> – Samantha Lima – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/02/2010 .....	72
<b>‘Etanol ganha passaporte para o mundo’</b> - Renée Pereira – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 05/02/2010 .....	73
Europeu aluga terra para etanol na África – Assis Moreira – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2010 .....	74
Exportações estaduais do setor crescem 11% em janeiro – Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2010 .....	76
Indústrias do Brasil de olho em projetos de usinas na África – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 26/02/2010 .....	77
Demanda por cogeração na América do Sul surpreende – Valor Econômico – Agronegócios – 26/02/2010 .....	79

## AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

### **Etanol**

#### **Produção de etanol poderá dobrar** – Sítio Eletrônico da CNA – 05/02/2010

A decisão da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (EPA, sigla em inglês) de incluir o etanol de cana-de-açúcar na lista do biocombustível renovável de baixo carbono poderá duplicar a produção nacional. A medida, aprovada na última terça, está sendo aplaudida pelo governo brasileiro e pelo setor privado, já que ela vem ao encontro da plataforma do governo de transformar o produto em uma commodity.

Tanto a União da Indústria de cana-de-Açúcar (Unica) quanto o Ministério da Agricultura ficaram animados com a decisão, porque ela abre espaço para uma eventual redução, ou talvez até eliminação, das barreiras tarifárias levantadas contra o etanol no exterior.

EUA poderão diversificar a matriz energética Nos Estados Unidos, por exemplo, a tarifa cobrada é de US\$ 0,15 por litro de etanol e cabe ao governo americano a decisão de mantê-la ou não. A votação para decidir pela prorrogação deverá ocorrer no fim do ano.

— A decisão da EPA ressalta os muitos benefícios ambientais do etanol de cana e reafirma como este combustível avançado, renovável e de baixo carbono, pode ajudar o mundo a mitigar os efeitos do aquecimento global e ao mesmo tempo diversificar a matriz energética, inclusive nos Estados Unidos — avalia Joel Velasco, que é representante-chefe da Unica em Washington, onde mora há dois anos.

Cálculos da EPA dão conta de que o etanol brasileiro reduz as emissões de gases efeito estufa em até 61% se comparado com a gasolina. Esta performance do produto ajuda os Estados Unidos a alcançarem as metas de segurança energética e de redução de gases de efeito estufa estabelecidas em 2007. A meta é consumir 45 bilhões de litros de biocombustível em 2010, podendo chegar a um volume de 145 bilhões de litros em 2020.

— Foi uma decisão acertada, porque ela ratifica a visão defendida pelo governo brasileiro das propriedades ambientais do produto — comenta Alexandre Strapasson, diretor do Departamento de cana-de-Açúcar e Agroenergia do Ministério da Agricultura.

Diesel de biomassa e etanol da celulose são opções Projeções do Ministério da Agricultura mostram que, com a decisão da agência ambiental americana, a produção nacional de etanol de cana tem potencial para duplicar nos próximos anos. A safra de cana-de-açúcar de 2009/2010 superou 527 milhões de toneladas até o fim da primeira quinzena de janeiro deste ano, gerando 22,90 bilhões de litros de etanol.

Além do etanol de cana-de-açúcar, as outras modalidades consideradas avançadas são o etanol celulósico e o diesel de biomassa, que proporcionam uma redução de gases de efeito de pelo menos 50% em relação à gasolina

*\* Autora: Liana Melo. Fonte: Jornal O Globo de 05/02/2010.*

### **Safra de cana 2010/11 deve crescer 20% no Paraná – Sítio Eletrônico da CNA – 10/02/2010**

Ribeirão Preto, 10 - A safra de cana-de-açúcar 2010/2011 já começou no Paraná, com o início do processamento na destilaria Nova Produtiva, na cidade de Astorga. O Estado, que divide com Minas Gerais o posto de segundo maior processador do País, deve moer até 55 milhões de cana-de-açúcar nesta safra. O volume é 20% maior que o previsto para safra 2009/2010, a qual deve ficar entre 45 milhões e 46 milhões de t.

Os dados da safra passada ainda não foram fechados porque a colheita e o processamento ainda são feitos em oito das 30 usinas paranaenses, que optaram por manter as atividades na entressafra, período de manutenção das unidades. Segundo o presidente da Associação dos Produtores de Açúcar e Álcool do Paraná (Alcopar), Anísio Tormena, outras 13 usinas devem iniciar a safra 2010/2011 de cana-de-açúcar no começo de março em busca de ampliar a oferta de açúcar e álcool em um cenário de preços remuneradores.

"Queremos também ampliar a oferta, principalmente de etanol, já que os preços atuais estão além da realidade e o produto está escasso em virtude da queda na produção prevista para a safra passada", disse Tormena. Para ele, as chuvas que prejudicaram a colheita e a produção de açúcar e álcool, a partir do segundo semestre de 2009, devem ajudar a próxima safra. "A expectativa é muito boa, pois as lavouras apresentaram um bom desenvolvimento", explicou o presidente da Alcopar.

Nem mesmo a ameaça da ferrugem alaranjada da cana-de-açúcar, doença que já tem focos registrados no Paraná, parece tirar o otimismo dos produtores. Cerca de 23% da área de cana do Estado é cultivada com a variedade RB 454, altamente suscetível à doença, causada por um fungo e relatada em dezembro no Brasil. Apesar de considerar "séria" a ferrugem alaranjada, Tormena acredita a doença deverá ser controlada com a troca da variedade por outra resistente e ainda com o apoio dos centros de pesquisa na cultura.

### **Cosane Shell se unem para tornar o etanol um combustível global – Paula Pacheco - Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 02/02/2010**

O etanol brasileiro se prepara para uma mudança de patamar no cenário da matriz energética mundial. Ontem, Vasco Dias, presidente da Shell do Brasil, Rubens Ometto, presidente do Conselho de Administração da Cosan, e Marcos Lutz, presidente-executivo da companhia, anunciaram a criação de uma joint venture entre as duas empresas, dividida em duas áreas.

Juntas, elas terão um faturamento inicial de US\$21 bilhões, segundo Ometto, e um valor de aproximadamente US\$ 12 bilhões: "O etanol brasileiro vai ganhar corpo", disse. Na nova composição, cerca de 70% do patrimônio líquido da Cosan será colocado

na joint venture. A gestão dos negócios será compartilhada entre as duas empresas. Numa das joints estarão as operações de açúcar, etanol e cogeração de energia. Na outra, a distribuição de combustíveis (postos) dos dois grupos. No caso da Cosan, ficam de fora a área de logística, as terras e as negociações de terrenos. A parte de lubrificantes da Shell também não foi incluída.

As usinas e plantas de cogeração passam a compor a nova empresa resultante da joint venture. A Cosan entra no negócio com 23 usinas, com produção de 2 bilhões de litros de etanol, 7 plantas de cogeração (mais 2 em construção e outras seis a serem construídas nos próximos anos).

Também fazem parte do acordo 1.730 postos de combustíveis. Além de entrar com ativos de US\$ 4,9 bilhões, a Cosan passa para a joint venture uma dívida líquida de cerca de US\$ 2,5 bilhões.

A Shell entrará com 2.740 postos, com 50% da Logen (líder na pesquisa de etanol de celulose) e com 14,7% da Codexis, que desenvolve tecnologias limpas (aplicadas na indústria farmacêutica, de energia e de químicos).

Também fará um aporte financeiro de US\$ 1,625 bilhão a longo de dois anos. No total, a contribuição da companhia chegará também a US\$ 4,9 bilhões.

Para a Cosan, é a chance de entrar de cabeça na pesquisa do etanol de segunda geração. E, principalmente, aproveitar o canal de distribuição da gigante de petróleo no mundo, por meio da exportação de etanol.

Um negócio foi estruturado pelo banco BTG, de André Esteves.

No ano passado, o banqueiro comprou duas redes de postos de combustível no País (Áster e Via Brasil) e chegou a ser apontado como eventual comprador da rede Shell no Brasil.

O negócio passou pelas mãos de Mark Williams, diretor mundial de downstream (refino, transporte e comercialização) da Royal Dutch Shell. Ele veio ao Brasil na semana passada para costurar os últimos detalhes do acordo. De Londres, por teleconferência, ele explicou a escolha da parceira: “O etanol brasileiro é o que produz menos carbono e é o mais eficiente.

E a Cosan é a líder absoluta na produção de etanol.”

Dias, da Shell brasileira, é outro defensor do etanol. Mas num passado não tão remoto, dizia sem titubear que o futuro dos combustíveis passaria ao largo do etanol. Ontem, o discurso era outro: “O Brasil é um país que deve aproveitar os benefícios do crescimento orgânico.

Juntas, nos tornaremos ainda mais eficientes.”

A resolução 43 da Agência Nacional do Petróleo (ANP), em vigor desde dezembro, teve influência no negócio. As comercializadoras de etanol não poderão mais ser produtoras, diz Amárylis Romano, da consultoria Tendências. Como no novo perfil de negócio as duas áreas ficaram em joint ventures diferentes, a Cosan se livrou de um problema futuro.

‘Obcecado’, Ometto terá de Compartilhar

Rubens Ometto é um empresário habituado a aquisições.

Apesar de ter se afastado do cargo de presidente da Cosan e ser desde o ano passado o presidente do Conselho de Administração, não mudou muito o jeito de participar no dia a dia da companhia.

Mas, nos últimos tempos, teve de controlar a sanha compradora e transformá-la em um comportamento negocial e associativo. Para ele, um confesso “obcecado”, a associação com a Shell foi uma oportunidade de mostrar que o seu objetivo é correr

atrás de oportunidades para aumentar a produtividade, o que na maioria das vezes passou pela estratégia de aquisição.

A mais recente aquisição da Cosan, fundada em 1951, foi a compra da rede de postos Petrosul, que se juntou à Esso, nas mãos da Cosan desde dezembro de 2008 – ambas na área de distribuição de combustível. Agora a Shell compartilha o comando não só das outras bandeiras do grupo, mas da sempre rival Esso.

Juntas, as empresas passam a ter 4.470 postos.

### **União acentua concentração no mercado de combustíveis – Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 02/02/2010**

A união entre Shell e Cosan acentua a concentração na distribuição de combustíveis, que vem passando por forte consolidação nos últimos anos.

A situação será pior no mercado de diesel, no qual as três grandes empresas – BR, Ultra e Shell/Cosan – passam a controlar 79,9% das vendas. Para o consumidor, há risco de preços mais altos, diz a Federação Nacional do Comércio Varejista de Combustíveis (Fecomcombustíveis).

“O que nos preocupa é a diminuição da concorrência. Em vez de duas empresas, que vinham com políticas agressivas em busca do mercado, teremos apenas uma”, disse o presidente da Fecomcombustíveis, Paulo Miranda.

Segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), a nova empresa terá 19,1% do mercado de gasolina, 16,2% do de diesel e 18,6% do de etanol. Permanece na terceira posição nas vendas de gasolina e diesel, mas ultrapassa a Ultra em volume de vendas de etanol, atingindo a segunda posição.

Os dados são referentes ao período de janeiro a agosto de 2009 e já sinalizam forte concentração por causa do processo de consolidação do setor nos últimos anos, após a aquisição da Ipiranga pela Ultra e Petrobrás e da Texaco pela Ultra.

Com a união entre Shell e Cosan, as três maiores passam a deter 68,7% do mercado de gasolina, 79,9% do mercado de diesel e 68,3% do mercado de etanol.

A estatística inclui as vendas totais de cada empresa (para seus postos, grandes clientes e postos de terceiros).

Em número de postos, as três principais companhias passam a deter 43,6% do mercado no País. No Sudeste, a concentração chega a 47%. A quarta maior companhia do setor, Ale-Sat, vem bem atrás, com 3,6% dos postos – a companhia também vem experimentando forte crescimento via aquisições, a maior delas envolvendo a rede brasileira da espanhola Repsol. “A joint venture (entre Shell e Cosan) mostra confiança no crescimento do mercado de combustíveis no Brasil”, disse o vice-presidente executivo do Sindicato das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e Lubrificantes (Sindicom), Alísio Vaz. ● COLABOROU KELLY LIMA



**Indianos assumem controle do grupo de açúcar e álcool Equipav – Gustavo Porto – Estado de São Paulo – 22/02/2010**

O grupo indiano Shree Renuka Sugars Ltd. finalizou ontem a aquisição de 50,8% da Equipav Açúcar e Álcool, que tem usinas nas cidades paulistas de Promissão e Brejo Alegre. O negócio prevê a injeção de R\$600 milhões na companhia sucroalcooleira e produtora de energia elétrica de biomassa. A empresa indiana assumirá, ainda, proporcionalmente, parte da dívida de R\$ 1,5 bilhão da Equipav, que será negociada. Procurada pela *Agência Estado*, a diretoria da Equipav, cujos acionistas ficarão com 49,2% das usinas, confirmou a negociação com o grupo indiano.

No negócio, iniciado em agosto, o Shree Renuka Sugars Ltd. bateu as multinacionais Bunge, Noble Group, a parceria entre Rhodia e o fundo Vital Renewable Energy Company (VREC), bem como o Grupo Cosan, única companhia brasileira que ainda estava na disputa pelas usinas. As usinas Equipav e Biopav devem processar 10,5 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na safra que será iniciada até o próximo mês e ampliar para 12 milhões de toneladas na safra 2011. “A companhia é uma plataforma de crescimento do grupo indiano no Brasil”, afirmou José Carlos Toledo, acionista e diretor da Equipav.

Parte do dinheiro capitalizado pela Equipav na associação ao grupo Shree Renuka Sugars Ltd. já foi injetado no pagamento de compromissos de curto prazo, entre eles o atraso no pagamento de fornecedores, que gerou protestos na última semana em frente à Biopav, em Brejo Alegre.

A compra da fatia majoritária da Equipav é o segundo negócio do grupo indiano em quase quatro meses no Brasil. Em 11 de novembro, a companhia anunciou a compra das duas unidades sucroalcooleiras da Vale do Ivaí Açúcar e Álcool, em São Pedro do Ivaí (PR).

O valor total das unidades para aenses compradas, que processam 3,1 milhões de toneladas de cana, chegou a US\$ 240 milhões e incluiu 18 mil hectares de terras, associações nos dois maiores terminais de exportação de açúcar e de álcool do Paraná e ainda na CPATrading, responsável pela comercialização de 60% do etanol daquele Estado.

À época, a companhia já falava em mais aquisições no Brasil, com um crescimento centralizado na região do Centro-Sul do País, a fim de ampliar a competitividade no negócio global de açúcar. O Brasil é o maior produtor e exportador mundial da commodity e a Índia, hoje o segundo maior produtor, precisou importar açúcar na atual safra, após a quebra da safra local.

A venda do controle acionário da Equipav amplia ainda mais a participação estrangeira no setor sucroalcooleiro do Brasil. Entre dezembro de 2009 e este mês, a Bunge definiu a aquisição de cinco usinas do Grupo Moema, capazes de moer 13,5 milhões de toneladas de cana por safra. Ainda em fevereiro, a Cosan anunciou uma parceria com a gigante petroleira Shell. No ano passado, a francesa Louis Dreyfus Commodities (LDC) ficou com 60% da Santelisa Vale, na região de Ribeirão Preto.

**Preços do etanol e da gasolina começam a cair** - Nicola Pamplona e Eduardo Magossi  
– Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 27/02/2010

Os preços da gasolina e do etanol finalmente começaram a responder às medidas tomadas pelo governo durante o mês e registraram pequena queda esta semana, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP). Na média nacional, o preço da gasolina caiu 0,3%, para R\$ 2,603 por litro. Já o preço do etanol combustível teve queda de 0,4%, para R\$ 1,982 por litro. Os dois produtos mantiveram-se estáveis por duas semanas, mesmo após a redução do percentual de etanol na gasolina e dos impostos cobrados sobre o derivado do petróleo. Em São Paulo, a queda foi ainda maior: 1,4% para a gasolina e 2,1% para o etanol hidratado.

De acordo com a ANP, a primeira teve um preço médio no Estado de R\$ 2,487 por litro; o segundo foi vendido, em média, a R\$ 1,806 por litro. Ainda assim, o consumidor paulista deve optar pela gasolina na hora de abastecer o tanque, uma vez que o litro do etanol equivale a 72% do valor de venda do concorrente – o limite estabelecido por especialistas é 70%. No total, o preço do etanol recuou em 13 estados e no Distrito Federal.

No Acre e no Amazonas, os preços ficaram estáveis no período analisado. As cotas não subiram em onze estados.

As maiores altas foram registradas em Alagoas (+3,16%), Rio Grande do Norte (+2,11%) e Bahia (+1,87%). Os dados da ANP indicam que o etanol só é competitivo com relação à gasolina em dois Estados: Mato Grosso e Goiás. O primeiro teve o menor preço do etanol durante a semana, de R\$ 1,44 por litro.

Embora ainda não represente o repasse de toda a queda do preço do etanol hidratado nas usinas de São Paulo – que acumula 8,6% nas últimas quatro semanas – a redução no preço dos principais combustíveis automotivos nas bombas é uma resposta esperada promovida pelo governo durante o mês. Logo no início de fevereiro, foi reduzido o percentual de etanol na gasolina. Uma semana depois, o imposto federal sobre o derivado de petróleo também foi cortado, para evitar o aumento no preço.

Para representantes dos postos e distribuidoras, o consumidor tem papel fundamental nesse movimento, ao optar por abastecer o tanque com gasolina ao invés do etanol, contribuindo para melhorar a relação entre oferta e demanda do derivado da cana-de-açúcar. Havia, no setor, a sensação de que os estoques de etanol não seriam suficientes, caso o ritmo de consumo se mantivesse. Em 2009, as vendas de etanol hidratado cresceram 16%.

“Com o encerramento do período de moagem da safra 2009/10, muitas usinas consultadas pelo Cepea finalizaram o ano praticamente sem estoque. Já outras unidades procuraram se organizar para cumprir o tempo de contratos com compradores domésticos.

Em casos mais extremos, algumas unidades chegaram a renegociar contratos, postergando entregas”, comentaram os pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da USP, em seu relatório mensal sobre o mercado de açúcar e álcool de janeiro. A expectativa é que a situação comece a mudar no final de março.

**Com aumento no preço, consumo de álcool cai 25%** - Pedro Soares – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/02/2010

Diante de reajuste de 15% desde dezembro, consumidor volta a utilizar gasolina

Tendência no ano passado foi a inversa, aponta ANP; etanol registrou avanço de 16,5% e impediu retração no setor de combustíveis

**PEDRO SOARES**  
DA SUCURSAL DO RIO

Na esteira da recente disparada dos preços, o consumo de álcool caiu 25% em janeiro deste ano, apesar de as vendas do combustível terem registrado um crescimento recorde em 2009, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo). O consumo de álcool no país cresceu 16,5% no ano passado. O bom desempenho impediu uma retração do mercado de combustíveis, que, mesmo abatido pela crise, avançou 2,7% em 2009. Já no início de 2010, o cenário mudou e as vendas de álcool caíram porque abastecer com o produto deixou de ser vantajoso em quase todos os Estados, depois de o produto subir 15% nas bombas dos postos desde meados de dezembro. Diante desse aumento, o consumidor voltou a utilizar a gasolina. Ao longo de 2009, a tendência era justamente a inversa: havia uma migração da gasolina para o álcool, que resultou numa expansão de apenas 0,9% nas vendas do derivado de petróleo no ano passado.

Com isso, as vendas de álcool superaram, pelo segundo ano seguido, as de gasolina em 2009 -22,8 bilhões de litros, contra 19,1 bilhões. Segundo Dirceu Amorelli Jr., superintendente de Abastecimento da ANP, neste ano o consumidor viu que o preço do álcool já não mais corresponde a 70% do valor da gasolina e passou a consumir mais gasolina. Esse percentual é considerado o teto máximo para o preço álcool se manter competitivo em relação ao da gasolina, combustível que tem um rendimento maior. "O carro flex permite essa migração e o consumidor está atento aos preços." Os preços do álcool, afirma Amorelli, subiram em razão da entressafra mais severa da cana-de-açúcar neste ano e das fortes chuvas que atrapalharam a colheita no final de 2009. Com isso, a oferta ficou escassa e os preços subiram. O superintendente disse acreditar, porém, "numa normalização do mercado" já nas próximas semanas graças à redução da mistura do produto à gasolina e ao início da nova safra da cana. Diante da alta dos preços, o governo diminuiu a percentual de adição de álcool à gasolina de 25% para 20% de fevereiro a abril. Apesar da queda "temporária" do consumo de álcool, Amorelli crê na expansão do mercado de etanol e na constituição, por parte de produtores e distribuidores, de estoques estratégicos do produto que evitem problemas no abastecimento durante a entressafra.

"Com a demanda crescente, os empresários estão estimulados a investir, inclusive em estoques", disse Amorelli. Se os combustíveis automotivos "salvaram" o desempenho do setor em 2009, o mesmo não se pode dizer dos voltados à indústria e à movimentação de cargas. O consumo de

diesel caiu 1% em 2009 -o combustível é o mais vendido do país. Segundo Alan Kardec Duailibe, diretor da ANP, o desempenho do setor "foi extraordinário" diante do impacto da crise, que se restringiu aos produtos destinados à indústria. É o caso do óleo combustível, cujo consumo caiu 3,2%.

### **Refinaria de açúcar da Índia paga R\$ 600 mi por usinas em SP – Folha de São Paulo – Dinheiro – 16/02/2010**

A Shree Renuka Sugars, maior refinaria da Índia, finalizou a compra de 51% da Equipav Açúcar e Álcool por R\$ 600 milhões, ampliando a presença estrangeira no setor sucroalcooleiro do Brasil. A Equipav, com usinas em Promissão e Brejo Alegre (SP), tem capacidade para processar 10,5 milhões de toneladas de cana e gerar 203 MW de energia. Com investimentos de R\$ 218 milhões, a capacidade deverá subir para 12 milhões de toneladas e 295 MW, disse a Renuka. Essa é a segunda grande aquisição da empresa no Brasil. Em novembro, a indiana já havia adquirido a paranaense Vale do Ivaí Açúcar e Etanol, avaliada em US\$ 240 milhões e com capacidade de moagem de 3,1 milhões de toneladas. A compra segue tendência de ampliação da presença estrangeira no setor: desde outubro, a francesa Dreyfus anunciou a compra da Santelisa, a americana Bunge comprou a Moema, e Cosan e Shell firmaram parceria.

### **Consolidação no setor de etanol avança com fusão ETH-Brenco – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/02/2010**

Nova empresa tem planos para moer 37 milhões de toneladas de cana e produzir 3 bilhões de litros de álcool

A ETH Bioenergia, empresa de açúcar e álcool controlada pelo grupo Odebrecht, anuncia hoje, em São Paulo, o acordo final para a fusão de ativos com a Brenco, empresa criada por um grupo de investidores, como Vinod Khosla, criador da Sun, e Steve Case, responsável pela AOL nos EUA. O memorando de entendimento para a união das duas empresas havia sido assinado no início de novembro do ano passado. A fusão cria uma das maiores companhias de processamento de cana-de-açúcar no Brasil, com estimativa de capacidade para moagem de 37 milhões de toneladas e a produção de 3 bilhões de litros de álcool a partir da safra 2013/2014. Criada em 2007, a ETH -presidida pelo ex-presidente da petroquímica Braskem- tem projetos para investimentos de R\$ 6 bilhões nos próximos anos. O objetivo do braço de açúcar e álcool do grupo Odebrecht é montar três polos de produção nos Estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás. Um terço do capital da ETH já é controlado por uma trading japonesa, a Sojitz. A Brenco, empresa que enfrentou grandes dificuldades financeiras nos últimos anos

depois de se lançar num grande projeto de investimento, tinha planos para investir R\$ 5,5 bilhões até o ano de 2015. A meta era construir 12 unidades de processamento de cana. Como a ETH, o plano da Brenco também era montar três polos de produção.

### **Consolidação**

O processo de consolidação do setor de açúcar e álcool avançou nos últimos meses no Brasil. No início de fevereiro, um acordo histórico marcou a união da Cosan e a petroleira Shell. A união formou uma companhia com força suficiente para ser uma grande consolidadora do setor. O negócio envolverá a junção da divisão de distribuição de combustíveis no mercado brasileiro. Shell e Cosan (que assumiu a estrutura de distribuição da Esso no ano passado) serão responsáveis, sozinhas, por distribuir 3 bilhões de litros de álcool no mercado interno. A Shell terá papel fundamental para a internacionalização do álcool combustível. O acordo entre Shell e Cosan é considerado passo importante para a conversão do etanol em commodity mundial.

### **ETH adquire a Brenco e cria nova gigante do etanol – Mariana Barbosa – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/02/2010**

Até 2012, empresa do grupo Odebrecht planeja investir R\$ 3,5 bi e abrir nove usinas

Expectativa é atingir um faturamento de R\$ 4 bi até 2012; capacidade de moagem será de 40 milhões de toneladas de cana por safra

A ETH Bioenergia, empresa do grupo Odebrecht, anunciou ontem a aquisição da Brenco, um dos negócios mais badalados do setor de etanol, criado em 2007, em tempos de euforia pré-crise financeira. O negócio envolve troca de ações. Os acionistas da ETH (Odebrecht e o grupo japonês Sojitz) ficarão com 65% da nova empresa, e a Brenco, com os 35% restantes. O preço dos ativos para a conclusão da operação não foi divulgado. Segundo o presidente da ETH, José Carlos Grubisich, entre os critérios para avaliar os ativos está quanto cada empresa investiu até agora. Desde que foi criada, em 2007, a ETH investiu R\$ 2,3 bilhões. A Brenco investiu R\$ 845 milhões, mas os sócios se comprometeram a aportar mais R\$ 655 milhões -total de R\$ 1,5 bilhão- antes da conclusão da operação, prevista para abril. Segundo o presidente da Brenco, Philippe Reichstul, esse novo aporte está garantido. "Mas, caso não haja a adesão de todos os sócios, os três principais -BNDESPar e os fundos Ashmore e Tarpon- já se comprometeram com o aumento de capital", disse Reichstul, que deixa a empresa após a conclusão da operação. Se todos os sócios da Brenco aderirem à chamada para aumentar o capital na proporção de suas atuais participações, o BNDESPar ficará com 16,6% da ETH (equivalente a 47% da participação da Brenco). O fundo Ashmore terá 15,1%, o Tarpon, 2,7%, e os demais minoritários, 0,6%. Se o aporte for proporcional a essas participações, o banco estatal deverá investir mais de R\$ 300 milhões.

Sob a liderança de Grubisich, a ETH vai investir mais R\$ 3,5 bilhões até 2012. Naquele ano, quando as nove usinas estiverem em operação, a empresa deverá apresentar um faturamento de R\$ 4 bilhões. Os investimentos vão garantir uma capacidade de moagem de 40 milhões de toneladas de cana por safra nas nove usinas. Com isso, a empresa terá capacidade para produzir 3 bilhões de litros de etanol e gerar 2.700 GW hora ao ano de energia a partir da biomassa. Embora a união de ETH e Brenco crie uma gigante do setor, a capacidade de produção de etanol prevista para 2012 equivale à capacidade atual da Cosan, de 2,9 bilhões de litros, segundo dados da Bloomberg New Energy Finance. Na safra passada (2008/09), a Cosan -que anunciou no início do mês uma joint venture com a Shell- moeu 44,2 milhões de toneladas de cana. Sem a Brenco, a ETH é hoje a sétima empresa em capacidade de produção de etanol (672 milhões de litros). Segundo Grubisich, do total de investimentos, 40% sairão de recursos próprios. O restante será levantado em instituições financeiras. "O financiamento não nos preocupa. Temos uma geração de caixa garantida com a venda de energia e de etanol e podemos securitizar isso", disse o executivo. A empresa tem plano de abrir capital na Bolsa de Valores, mas não antes do final do segundo semestre de 2011. Concebida para atender aos mais altos padrões de eficiência e excelência, com a mecanização total da colheita, a Brenco foi idealizada pelo empresário Ricardo Semler e tinha como sócios fundadores bilionários como James Wolfensohn (ex-presidente do Banco Mundial), Steve Case (fundador da AOL) e Vinod Kohsla (um dos fundadores da Sun Microsystems), entre outros. Apesar do time de estrelas, a crise financeira deixou a empresa com dificuldades de caixa. Como os projetos eram todos novos, a empresa consumia recursos para a construção das usinas, mas não gerava caixa. Relutantes em fazer novos aportes, os sócios foram atrás de novos investidores. A empresa chegou a negociar com a Petrobras, mas acabou assinando com a ETH.

**Brasil estuda ir à OMC contra UE por açúcar** – Luciana Coelho – Folha de São Paulo – Dinheiro – 19/02/2010

O Brasil, ao lado da Austrália e da Tailândia, estuda pedir consultas na Organização Mundial do Comércio sobre a exportação de açúcar pela União Europeia, que superou neste ano a cota fixada pela entidade. Ontem, os três países criticaram a medida no Mecanismo de Solução de Controvérsias da OMC, chamando-a de violação (a ação não tem peso legal). "Estamos cogitando [pedir a abertura de um painel], mas dependerá ainda de consultas e deliberações tanto internas quanto com os europeus", disse à **Folha** o embaixador do Brasil na OMC, Roberto Azevedo. A UE anunciou no fim de janeiro que exportaria até o fim de julho deste ano mais açúcar do que o permitido em sua cota de quase 1,3 milhão de toneladas, alegando que os preços estavam pressionados e sua produção havia sido muito alta. A Austrália, no entanto, afirmou ontem que a produção europeia de beterraba (vem dela o açúcar do bloco) cresceu somente 3,9% no período em questão, enquanto as exportações subiram 146% em 2009-2010, na comparação com a safra do ano anterior. O Brasil calcula que o excedente seja de ao menos 500 mil toneladas e diz não haver prova de que ele tenha sido produzido sem subsídios, como alega a União Europeia. Segundo o comunicado, já no fim de janeiro a tendência de preços se inverteu e o país

perdeu "milhões de dólares". A principal preocupação dos três países, que protestam por não terem sido consultados, é que a medida que em tese expira em julho abra precedentes. Ante esse prazo, qualquer ação terá de ser rápida. Reuniões com a União Europeia já foram agendadas para debater a questão e tentar evitar uma ação na OMC. "Nossa conversa com a UE é mais sobre o longo prazo", disse Azevedo. "Os produtores europeus serão estimulados a produzir mais excedente de açúcar", afirma o texto brasileiro. "E os mercados vão faturar -já faturam- nos preços futuros a expectativa com a nova política da União Europeia", completa o texto.

**Mercado de etanol foca nova safra e preço cai nas usinas – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/02/2010**

DA REUTERS

Os preços do etanol nas usinas no Estado de São Paulo registram queda neste mês, apesar do período de pico da entressafra. Especialistas avaliam que há a antecipação de uma tendência que deve se acentuar com a chegada da nova safra. A partir de março, parte das usinas do centro-sul, principal região produtora do país, já estará moendo a nova safra, colocando pressão adicional nas cotações. A queda deste mês nas usinas paulistas, que respondem por mais da metade da produção nacional, ainda não foi verificada nos postos, segundo pesquisa da ANP, que aponta em sua última pesquisa o preço médio de R\$ 1,99 por litro no país -leve alta ante o início do mês.

"Quando vai chegando [a safra], os preços tendem a cair, é o que está acontecendo, pelo fato de que o pessoal está começando a safra antecipadamente", diz Alexandre Aspasio, da Delta Trading. Ele disse não ter ideia sobre quantas usinas estarão moendo em março no centro-sul, "mas teremos mais [usinas] do que em 2009". Pesquisa do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) concluída na última sexta-feira apontou queda nos preços do etanol anidro e do hidratado -este último, usado nos carros flex, foi vendido na usina a R\$ 1,09 por litro, ante R\$ 1,12 na semana anterior.

**Álcool recua na usina, mas sobe no posto – Folha de São Paulo – Dinheiro – 26/02/2010**

Preço do biocombustível nos postos do Estado de São Paulo subiu 1,32% nas quatro últimas semanas

DA REUTERS

De acordo com a Unica (associação dos produtores), o preço médio do álcool hidratado recebido pelos produtores caiu pela quarta semana consecutiva, chegando a R\$ 1,09 por litro de 15 a 19 deste mês, sem impostos. Apesar do recuo, os preços na bomba subiram. No Estado de São Paulo, no acumulado das quatro últimas semanas, enquanto o preço

no produtor caiu 9,5%, o da bomba cresceu 1,32%. Já o preço de venda pelas distribuidoras aumentou 1,53% no mesmo período, de acordo com dados da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), disse a Unica no comunicado. A produção total de álcool continua abaixo da do mesmo período da safra 2008/2009, sofrendo um recuo de 7,05%. Na primeira quinzena de fevereiro, a produção de álcool atingiu 136,7 milhões de litros. Nesse período, aproximadamente 79% da cana moída no país foi destinada para a produção do biocombustível. Esse percentual é bem diferente do registrado ao longo da safra. Do total de cana processada do início da safra até o último dia 16, 42,97% foram destinados à produção de açúcar e 57,03% à produção de álcool. A produção de derivados de cana-de-açúcar no centro-sul do Brasil cresceu pouco na primeira quinzena de fevereiro em relação aos 15 dias anteriores, uma vez que a temporada está no fim. Isso ocorreu apesar do volume maior de cana processada na primeira quinzena de fevereiro (2,8 milhões de toneladas), na comparação com o mesmo período do ano passado (1,2 milhão) -tais volumes, entretanto, são pequenos comparados aos meses de pico de moagem. "As condições climáticas menos adversas permitiram um aumento da moagem nessa quinzena, apesar da redução do número de usinas em operação durante um período em que, normalmente, ocorre a entressafra", informou a Unica em comunicado. Até a primeira quinzena de fevereiro, a produção de etanol da região, no acumulado da safra, havia atingido 23,2 bilhões de litros, ante 23 bilhões até 1º de fevereiro e 24,9 bilhões em 2008/09. Já a produção de açúcar do centro-sul, que responde por mais de 90% da safra de cana do país, chegou a 28,5 milhões de toneladas em 2009/10 até 16 de fevereiro, quase estável ante os 28,4 milhões até 1º de fevereiro da safra anterior.

### **Colheita mecanizada de cana cobrirá 60% do total em São Paulo - Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios - 01/02/2010**

De forma mais intensa, o processo começou na safra 2006/07. Até aquele momento, 34% dos 3,2 milhões de hectares de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo já eram colhidos por máquinas. A preocupação era com a eficiência, que se expressava nos ganhos de escala e na redução de custos. Mas quando o componente ambiental entrou em cena, a dimensão mudou. O movimento, que corria silencioso e era visível apenas em terras paulistas, ganhou proporção nacional e passou a envolver toda a cadeia sucroalcooleira.

De fato, o apelo ambiental criou a necessidade do segmento sucroalcooleiro nacional de fazer mais e em um tempo menor do que dita a lei. Desde então, as usinas investiram R\$ 1,2 bilhão somente em São Paulo para ampliar a mecanização em mais de 20 pontos percentuais e atingir 53,4% na temporada que chega ao fim (2009/10). Outros R\$ 300 milhões estão sendo aplicados para cumprir a meta de encerrar 2010/11 com 60% dos 4,3 milhões de hectares colhidos com máquinas.

Ao longo do processo, houve uma antecipação às exigências legais. Assim, enquanto a lei determina o fim da queima em áreas mecanizáveis (declive de até 12%) até 2021, as usinas encurtaram essa meta para 2014. Da mesma forma, a exigência legal



de pôr fim à queima até 2031 em 100% das áreas foi antecipada para até 2017. Ambas as antecipações foram oficializadas por meio do Protocolo Agroambiental, um compromisso firmado entre usinas e governo paulista em 2007.

Apesar da pressão internacional por uma produção sustentável, esse empenho tem muitos motivadores econômicos. O segmento sucroalcooleiro tem dois terços de sua produção de açúcar comercializada no mercado internacional, cada vez mais atento à sustentabilidade da atividade. Além disso, apesar de os volumes embarcados ao exterior de etanol ainda não terem essa proporção, é no mercado externo que se baseia grande parte do que se projeta de expansão futura para o biocombustível.

Ainda no viés econômico, pesam outros fatores. O custo de produção de uma usina que colhe manualmente a cana é 20% a 25% maior. Uma máquina colheitadeira substitui os braços de 80 a 100 trabalhadores. O diretor-executivo da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), Eduardo Leão de Sousa, lembra da pegada de carbono da iniciativa. "Ao deixar de queimar a palha da cana e utilizando-a para cogeração de energia juntamente com o bagaço, o setor evitará a emissão de 60 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente entre 2007 e o fim da queima em 2017", diz Leão. Até aqui há ganhos econômicos, na medida em que mais energia será produzida pelas usinas para ser comercializada no mercado, usando matéria-prima antes descartada, a palha.

Apesar de todos esses números refletirem o que acontece em São Paulo, a mecanização da colheita está avançando em todos os Estados produtores de cana, inclusive no Nordeste e em suas terras íngremes. Mas, obviamente, o território plano do cerrado, onde está grande parte das áreas novas de expansão, a tecnificação cresce em velocidade maior do que a nordestina.

Em Mato Grosso do Sul, onde a maior parte dos projetos novos já nasce com colheita mecanizada, o nível de tecnificação já atingiu 40% (de 400 mil hectares) em 2009/10. Para o próximo ciclo, o percentual deve avançar para 50% em uma área 200 mil hectares maior. Em 2010/11, a área deve ser ampliada para 600 mil hectares, e a parte mecanizada deverá representar 50%. "Esse avanço veio das unidades novas, que foram construídas nos últimos dois anos", diz Roberto de Hollanda Filho, presidente da Associação dos produtores de Bioenergia de Mato Grosso do Sul (Biosul). No Estado, a lei prevê a extinção da queima em áreas mecanizáveis até 2016.

Em Minas Gerais, outro importante Estado produtor, a colheita com máquinas saiu de 32%, em 2008/09, avançou para 43% no ciclo seguinte e, na próxima safra deve atingir 50%, conforme a Associação das Indústrias de Açúcar e Alcool do Estado (AIAA-MG).

Apesar de todo o avanço, a colheita manual não deve ser 100% eliminada, ainda que a queima, sim, explica o diretor da Unica. Isso porque sempre haverá áreas não mecanizáveis que, em São Paulo, atingem 5% do plantio de cana. Além disso, os investimentos para adotar a tecnologia são um entrave às usinas e fornecedores de cana de menor porte, que representam cerca de 15% da área cultivada com o produto no Estado de São Paulo.

Uma colheitadeira custa pelo menos R\$ 500 mil, mas o problema é que ela sozinha não basta. Secretário da Agricultura de São Paulo e fornecedor de cana, João Sampaio explica que o negócio é mais complexo. "É preciso agregar mais caminhões para transportar a cana, que passa a ser colhida em um tempo menor. Também é preciso um caminhão pipa para prevenir percalços de um excesso de aquecimento da colheitadeira, além de um aparato móvel de manutenção e lubrificação da máquina", diz.

Com a crise financeira e os baixos preços do etanol no ano passado, mesmo médios e grandes pisaram no freio nessa frente. Tanto que houve pouca conversão do corte manual já existente. "Poderia ter sido maior, mas, apesar da crise, a mecanização avançou de forma satisfatória, em cerca de 400 mil hectares de área nova", afirma Leão.

### **Máquina de carregar, a grande revolução dos anos 60** – Valor Econômico – Agronegócios - 01/02/2010

Na época dele, fim dos anos 50, cortador de cana era aquele que morava na fazenda, muitas vezes trabalhava desde criança e ia para casa na hora do almoço. Luiz Antônio Lazarim, hoje com 63 anos, lidou com canavial entre os 11 e os 16 anos. Seu pai era trabalhador da usina Costa Pinto, a primeira construída pela família Ometto, em meados da década de 30. Depois foi trabalhar no escritório da indústria como auxiliar, chegou ao departamento pessoal e formou-se advogado. Assumiu a função na empresa, até que entrou na magistratura e atualmente é desembargador do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da 15ª região.

Mas, o fato, relembra ele, é que eram outros tempos. Não tinha queima de canavial. O mesmo cortador que colhia a cana, também classificava e transportava a matéria-prima em uma época em que as escalas de uma usina eram diferentes. A primeira mudança, relata, ocorreu na década de 60, quando uma máquina de carregar a cana foi inserida na lavoura. "Isso trouxe uma mudança radical, pois o cortador passou apenas a cortar e isso trouxe possibilidade ganhos de escala às usinas", conta.

A queima do canavial foi inserida no processo para eliminar a folhagem e possibilitar ao cortador mais agilidade. O maquinário da indústria foi se aperfeiçoando, as escalas aumentando, e as casas onde os antigos cortadores moravam tiveram que abrir espaço a mais canaviais.

De lá pra cá, a história já é mais conhecida. Mas, apesar da mecanização em curso em todo o país, há regiões que ainda continuarão usando mão-de-obra no corte da cana. Na região Nordeste, por exemplo, se as pesquisas em curso avançarem será possível mecanizar 30% do corte em cinco anos, espera Renato Cunha, presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool no Estado de Pernambuco. O percentual atual é de 15% para uma área de 1 milhão de hectares e que emprega no corte manual 330 mil cortadores.

Subsidiado por um fundo privado, bancado por onze usinas e que deve reunir aproximadamente R\$ 2 milhões, as pesquisas hoje focam em duas colheitadeiras adaptadas para regiões íngremes - uma trazida da África do Sul e outra, da China. As máquinas prometem um avanço sem igual nos canaviais nordestinos. Estão cortando de 15 a 20 toneladas por ano, enquanto por dia o corte manual rende 3 toneladas por pessoa. **(FB)**

### **'Bom é que hoje minha filha não quer mais ser cortadora'** – Valor Econômico – Agronegócios - 01/02/2010

Quando "montou" pela primeira vez em uma máquina de colher, a ex-cortadora de cana, Isaura Freitas de Souza, de 38 anos, pensou que não ia conseguir aprender. O

tamanho da engenho e a quantidade de botões a intimidaram. Depois de 21 anos de lida no canavial, Isaura foi convidada pela usina onde trabalha, pertencente ao grupo Cosan, para fazer um curso de operador de colheitadeira.

Há dois anos ela exerce a nova profissão, com salário até três vezes maior para um trabalho que exige esforço, mas infinitamente menor do que o de cortar cana. "O bom de tudo isso é que hoje minha filha não quer mais ser cortadora de cana. Quer operar máquina", comenta Isaura sobre os planos de sua primogênita, de 12 anos.

Desde a safra 2006/07 foram 30 mil vagas de cortador de cana fechadas somente em São Paulo - que atualmente emprega 140 mil trabalhadores na função. No próximo ciclo, esse número não vai cair, mas 10 mil vagas deixarão de ser criadas porque os projetos novos que entrarão em operação já nascem mecanizados. "Em torno de 20% do contingente total será reabsorvido pela mecanização", diz Eduardo Leão de Sousa, diretor-executivo da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica).

O treinamento pelo qual Isaura passou é um dos cerca de 154 programas desenvolvidos pelas usinas do Centro-Sul que já existiam em 2008, quando a Unica fez seu primeiro levantamento socioambiental. Apesar do esforço para conter o impacto social do fim do corte manual, os programas têm limitações. "Quanto mais escolaridade o cortador tem, mais chances ele tem de crescer na usina", afirma Luiz Veguin, diretor de Recursos Humanos do grupo Cosan.

A Unica, juntamente com o governo de São Paulo e associações de trabalhadores rurais iniciam em fevereiro um amplo programa de treinamento, com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), para qualificar tanto cortadores que estão nas usinas quanto os que já saíram do mercado, com meta de qualificar 7 mil pessoas por ano. **(FB)**

### **Colheita mecanizada de cana cobrirá 60% do total em São Paulo – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 01/02/2010**

De forma mais intensa, o processo começou na safra 2006/07. Até aquele momento, 34% dos 3,2 milhões de hectares de cana-de-açúcar no Estado de São Paulo já eram colhidos por máquinas. A preocupação era com a eficiência, que se expressava nos ganhos de escala e na redução de custos. Mas quando o componente ambiental entrou em cena, a dimensão mudou. O movimento, que corria silencioso e era visível apenas em terras paulistas, ganhou proporção nacional e passou a envolver toda a cadeia sucroalcooleira.

De fato, o apelo ambiental criou a necessidade do segmento sucroalcooleiro nacional de fazer mais e em um tempo menor do que dita a lei. Desde então, as usinas investiram R\$ 1,2 bilhão somente em São Paulo para ampliar a mecanização em mais de 20 pontos percentuais e atingir 53,4% na temporada que chega ao fim (2009/10). Outros R\$ 300 milhões estão sendo aplicados para cumprir a meta de encerrar 2010/11 com 60% dos 4,3 milhões de hectares colhidos com máquinas.

Ao longo do processo, houve uma antecipação às exigências legais. Assim, enquanto a lei determina o fim da queima em áreas mecanizáveis (declive de até 12%) até 2021, as usinas encurtaram essa meta para 2014. Da mesma forma, a exigência legal

de pôr fim à queima até 2031 em 100% das áreas foi antecipada para até 2017. Ambas as antecipações foram oficializadas por meio do Protocolo Agroambiental, um compromisso firmado entre usinas e governo paulista em 2007.

Apesar da pressão internacional por uma produção sustentável, esse empenho tem muitos motivadores econômicos. O segmento sucroalcooleiro tem dois terços de sua produção de açúcar comercializada no mercado internacional, cada vez mais atento à sustentabilidade da atividade. Além disso, apesar de os volumes embarcados ao exterior de etanol ainda não terem essa proporção, é no mercado externo que se baseia grande parte do que se projeta de expansão futura para o biocombustível.

Ainda no viés econômico, pesam outros fatores. O custo de produção de uma usina que colhe manualmente a cana é 20% a 25% maior. Uma máquina colheitadeira substitui os braços de 80 a 100 trabalhadores. O diretor-executivo da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), Eduardo Leão de Sousa, lembra da pegada de carbono da iniciativa. "Ao deixar de queimar a palha da cana e utilizando-a para cogeração de energia juntamente com o bagaço, o setor evitará a emissão de 60 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente entre 2007 e o fim da queima em 2017", diz Leão. Até aqui há ganhos econômicos, na medida em que mais energia será produzida pelas usinas para ser comercializada no mercado, usando matéria-prima antes descartada, a palha.

Apesar de todos esses números refletirem o que acontece em São Paulo, a mecanização da colheita está avançando em todos os Estados produtores de cana, inclusive no Nordeste e em suas terras íngremes. Mas, obviamente, o território plano do cerrado, onde está grande parte das áreas novas de expansão, a tecnificação cresce em velocidade maior do que a nordestina.

Em Mato Grosso do Sul, onde a maior parte dos projetos novos já nasce com colheita mecanizada, o nível de tecnificação já atingiu 40% (de 400 mil hectares) em 2009/10. Para o próximo ciclo, o percentual deve avançar para 50% em uma área 200 mil hectares maior. Em 2010/11, a área deve ser ampliada para 600 mil hectares, e a parte mecanizada deverá representar 50%. "Esse avanço veio das unidades novas, que foram construídas nos últimos dois anos", diz Roberto de Hollanda Filho, presidente da Associação dos produtores de Bioenergia de Mato Grosso do Sul (Biosul). No Estado, a lei prevê a extinção da queima em áreas mecanizáveis até 2016.

Em Minas Gerais, outro importante Estado produtor, a colheita com máquinas saiu de 32%, em 2008/09, avançou para 43% no ciclo seguinte e, na próxima safra deve atingir 50%, conforme a Associação das Indústrias de Açúcar e Alcool do Estado (AIAA-MG).

Apesar de todo o avanço, a colheita manual não deve ser 100% eliminada, ainda que a queima, sim, explica o diretor da Unica. Isso porque sempre haverá áreas não mecanizáveis que, em São Paulo, atingem 5% do plantio de cana. Além disso, os investimentos para adotar a tecnologia são um entrave às usinas e fornecedores de cana de menor porte, que representam cerca de 15% da área cultivada com o produto no Estado de São Paulo.

Uma colheitadeira custa pelo menos R\$ 500 mil, mas o problema é que ela sozinha não basta. Secretário da Agricultura de São Paulo e fornecedor de cana, João Sampaio explica que o negócio é mais complexo. "É preciso agregar mais caminhões para transportar a cana, que passa a ser colhida em um tempo menor. Também é preciso um caminhão pipa para prevenir percalços de um excesso de aquecimento da colheitadeira, além de um aparato móvel de manutenção e lubrificação da máquina", diz.

Com a crise financeira e os baixos preços do etanol no ano passado, mesmo médios e grandes pisaram no freio nessa frente. Tanto que houve pouca conversão do corte manual já existente. "Poderia ter sido maior, mas, apesar da crise, a mecanização avançou de forma satisfatória, em cerca de 400 mil hectares de área nova", afirma Leão.

**"Caldo" de cana é bom para motores - Marli Olmos – Valor Econômico – Empresas - 02/02/2010**

A Mercedes-Benz, o maior fabricante de caminhões e ônibus do país, decidiu apoiar a ideia do uso do diesel feito da cana-de-açúcar. A empresa testou o combustível em seus motores e concluiu que os resultados superam os de várias outras alternativas de energia veicular. Entre as conclusões da montadora, além dos ganhos para o ambiente, também surge uma boa notícia para os frotistas: adocicar o motor do transporte coletivo ou de carga não vai custar mais, não vai reduzir em nada o desempenho e pode ser usado em qualquer veículo já em circulação.

A partir de abril, serão iniciados os testes de rua. A montadora alemã também se prepara agora para encaminhar os resultados das suas análises para a Agência Nacional do Petróleo (ANP). Pretende também defender o uso do novo combustível de acordo com a mistura testada na fábrica de São Bernardo do Campo (SP) e por meio da qual se comprovou a sua eficiência: uma mistura de 10% do diesel de cana e 90% do diesel comercial das áreas metropolitanas (S 500).

Segundo o gerente de desenvolvimento de motores da Mercedes-Benz, Gilberto Leal, com essa fórmula, os motores testados apresentaram redução de 9% nas emissões de material particulado, sem aumentar em nada os níveis de NOx (Óxidos de Nitrogênio). Nas mesmas avaliações, diz o executivo, o desempenho manteve-se igual ao do motor que usa diesel convencional. Além disso, o uso do novo combustível não exigiu nenhuma alteração na estrutura do equipamento.

As conclusões da montadora também trazem uma boa notícia para a Amyris, uma empresa de desenvolvimento de novos combustíveis com sede nos Estados Unidos. Com filial no interior de São Paulo, a Amyris está em processo de negociação de parcerias com usinas locais para alcançar o plano de produção em escala. A empresa americana desenvolveu modificações genéticas que permitem transformar o caldo de cana em um combustível puro.

Trata-se, portanto, de um produto diferente do biodiesel, obtido a partir da reação química de óleos vegetais com álcool. Até agora, a tecnologia estava disponível somente nos Estados Unidos, onde o combustível pode ser obtido não apenas da cana, como também de beterraba e milho.

"Os resultados com o produto da cana superaram os de todas as demais experiências com energias alternativas para motores a diesel", afirma Leal. O executivo destaca, ainda, que uma das maiores vantagens da nova experiência é que o combustível

foi adequado aos motores existentes. E não o inverso. Um ônibus que já roda nas cidades pode, por exemplo, usar a mistura. Somente São Paulo tem uma frota de cerca de 15 mil coletivos.

"E se um dia o uso do diesel de cana não for mais viável, o motor pode perfeitamente novamente receber o diesel derivado do petróleo", afirma Leal. É mais ou menos como funciona, por exemplo, o sistema do automóvel flex, que aceita gasolina ou etanol.

As conclusões puderam ser obtidas em pouco tempo. Segundo Leal, os testes com a cana começaram no início de dezembro. Essas análises foram feitas no centro de desenvolvimento tecnológico da Mercedes, o maior do grupo Daimler fora da Alemanha. Com uma equipe de 500 engenheiros, o centro foi criado em 1991. Mas, segundo Leal, os estudos em torno de propostas de energias alternativas começaram na mesma fábrica nos anos 70. Em 2009, a Mercedes produziu no Brasil 34,3 mil caminhões, 18,9 mil ônibus e 65,9 mil motores.

Além de toda a pressão mundial pela redução de emissões em veículos, no Brasil a indústria automobilística se concentra, agora, na adequação dos motores para o cumprimento da Conama P7, nome da norma de controle de emissões que entrará em vigor no país em 2012.

### **São Francisco fatura com usinas de açúcar e álcool – Beth Koike – Valor Econômico – Empresas – 05/02/2010**

Fundado em Ribeirão Preto (SP), um dos principais polos sucroalcooleiros do país, o grupo de saúde São Francisco cresce a passos largos graças à expansão das usinas de açúcar e álcool. Além disso, também investe em aquisições: acaba de adquirir uma carteira regional com 12 mil vidas da Amil.

Nos últimos três anos, o número de usinas atendidas pela empresa - que possui desde planos de saúde e odontológico, hospitais, clínicas até resgate e laboratório - saltou de 3 para 30. O resultado foi um aumento expressivo no faturamento, que em 2007 somava R\$ 120 milhões e neste ano deve ultrapassar a casa dos R\$ 350 milhões.

"Com o crescimento do setor sucroalcooleiro montamos um modelo de atendimento específico para as usinas. Hoje, elas representam 30% da receita e 40% do número de beneficiários do nosso plano de saúde", disse Lício Cintra, superintendente da operadora São Francisco Saúde.

Criado há apenas 12 anos, o plano de saúde é o que gera a maior receita para o grupo, sendo responsável por R\$ 200 milhões do total. O hospital, fundado pelas famílias Pessoa e Musa na década de 50 e origem de todo o negócio, tem um faturamento de R\$ 120 milhões. O restante da receita é proveniente dos serviços de resgate, do plano odontológico e do laboratório.

Atualmente, a carteira de clientes do plano de saúde é composta por 30 grandes usinas como as paulistas Santelisa Vale, Cosan Bonfim, São Martinho e a mato-grossense AdecoAgro, entre outras. Para atrair essas gigantes, a operadora construiu 27

centros médicos no interior de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Sul de Minas - regiões que abrigam as usinas. "Muitas vezes, as usinas são erguidas em cidades bem pequenas, que não interessam às demais operadoras porque elas precisam ter uma estrutura própria para atender os trabalhadores das usinas", explicou Cintra.

"A estratégia montada pela empresa é bem interessante. A maior parte dos atendimentos dos planos de saúde é de baixa e média complexidades, podem ser feitos em centros médicos. Como eles têm atendimento próprio, dá para controlar bem os custos", disse Fernando Barreto, sócio da Primeira Consulta, consultoria especializada em saúde. "Além disso, a operadora acaba agradando muitos aqueles beneficiários que moram em regiões afastadas e normalmente não têm médico na região", complementou Barreto.

Para segurar os custos, o grupo conta ainda com laboratório e resgate de ambulâncias para transferir os pacientes com problemas de alta complexidade. As transferências de clientes de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul são feitas para hospitais credenciados, uma vez que nessas regiões a operadora não tem hospital próprio. Já os beneficiários paulistas são alocados para o Hospital São Francisco, em Ribeirão Preto.

O foco da São Francisco é crescer no interior dos Estados, em especial nas cidades com usinas. Para isso a empresa também está voltando suas atenções para aquisições. A São Francisco Saúde acaba de fechar a compra de uma carteira com 12 mil vidas da Amil em Ribeirão Preto e região. Essa carteira, cujo valor não foi divulgado, pertencia à Amico, que foi comprada pela Amil em 2003.

Em dezembro, a São Francisco adquiriu o plano concorrente Medes, do interior de São Paulo. Nos últimos três anos, foram três aquisições, que somaram 25 mil beneficiários à carteira da São Francisco. "A São Francisco é um maiores dos 'players' do interior de São Paulo porque está crescendo também por meio de aquisições", disse o consultor de saúde Valter Hime.

Seu grande concorrente sem dúvida são as Unimed. Mas, segundo Cintra, as cooperativas médicas também não se interessam por cidades muito pequenas. A Unimed Ribeirão Preto, por exemplo, conta com cerca de 100 mil beneficiários. Já a São Francisco Saúde tem apenas na região de Ribeirão Preto aproximadamente 80 mil vidas, o que representa 50% da carteira total da operadora, que tem clientes também no Sul de Minas e Mato Grosso do Sul.

A família Pessoa é dona também da Fundação Waldemar Barnsley Pessoa, sem fins lucrativos, a que pertence a operadora de plano de saúde São Francisco Clínicas, com 130 mil vidas e voltada principalmente para as classes A e B.

**Cana volta a atrair investimentos – Valor Econômico – Agronegócios - 09/02/2010**

Enquanto a soja segue um ritmo acelerado de ganho de produtividade em Mato Grosso, outra cultura avança rápido e não mais de forma tão silenciosa. A crise

financeira internacional diminuiu flagrantemente o ritmo de investimento das usinas de cana-de-açúcar no Estado, mas já há sinais retomada.

Mato Grosso ainda está longe de ser considerado um grande produtor de cana. O último dado da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) mostra que na safra 2009/10 serão cultivados 194,2 mil hectares no Estado, dos quais uma parcela representativa está concentrada na região sudoeste. Mas os projetos estão em curso.

A unidade da Brenco no município de Alto Taquari, por exemplo, deve iniciar a moagem de cana já nesta safra, a partir de agosto. A companhia deveria ter começado a moer a cana plantada na região sul do Estado, perto da divisa de Goiás e Mato Grosso do Sul, em março do ano passado, mas a crise financeira e algumas falhas no planejamento atrasaram o projeto.

Menos de 200 quilômetros adiante, já em Goiás, a Cosan instalou em Jataí uma unidade com capacidade para 4 milhões de toneladas. Entre Alto Taquari e Jataí está a cidade de Mineiros (GO), que também tem se mostrado um importante produtor de cana.

Há 20 mil hectares de cana já plantados na região de influência dos projetos da Cosan e da Brenco - que está em vias de se unir à ETH, do grupo Odebrecht -, e a expectativa é que nos próximos dois anos essa área pelo menos dobre, para perto de 40 mil hectares. A unidade da Brenco é capaz de moer a colheita de 50 mil hectares de cana. Hoje, em Alto Taquari, a estrela é a soja, que já ocupa 50 mil hectares.

Em Mato Grosso, o avanço da cana-de-açúcar é motivo de otimismo e preocupação. "Temos a preocupação de tentar evitar a criação de uma monocultura, mas acredito que as leis de mercado tendem a equilibrar essa situação", afirma Luis Carlos Sperandio, presidente do Sindicato Rural de Alto Taquari.

As leis de mercado às quais Sperandio se refere se resumem ao preço de arrendamento das terras. A região de Alto Taquari tem um dos melhores solos do Estado, o clima é bom para o plantio e a soja tem muita concorrência com o algodão e a própria cana. Segundo Sperandio, também ele produtor, as usinas pagam em média 14 toneladas de cana para cada hectare arrendado, a um preço próximo de R\$ 40 por tonelada. Para não perder espaço, o arrendamento para soja e algodão paga 15 sacas por hectare a um preço médio de R\$ 30 por saca, um dos mais altos de MT, já que em algumas regiões do Estado os arrendamentos oscilam entre sete e nove sacas por hectare.

Um dos motivos para que a cana-de-açúcar não tenha avançado de forma mais rápida é o prazo do contrato com as usinas. As primeiras propostas feitas pela Brenco previam que as terras seriam utilizadas para o cultivo de cana por 12 anos, ou seja, dois ciclos da cultura - a cana permite seis cortes por ciclo. Por se tratar de uma empresa e de uma cultura novas na região, muitos produtores foram cautelosos e ainda não cederam.

Além disso, a Brenco também enfrentou problemas de liquidez com a crise internacional. A empresa atrasou pagamentos das terras arrendadas e teve cheques devolvidos, segundo o presidente do sindicato.

"De qualquer forma, acreditamos que com a redução dos prazos dos contratos e o aumento do preço do valor do arrendamento possam incentivar os produtores a ceder áreas para cana", afirma Sperandio. O produtor cita como exemplo as áreas mais tradicionais no cultivo, como São Paulo, onde as usinas pagam até 30 toneladas por hectare arrendado. "Com esse patamar de preço, quem não arrendaria as terras de grãos para cana", pergunta. **(A1)**



**Cana volta a atrair investimentos** – Alexandre Ignácio - Valor Econômico –  
Agronegócio – 09/02/2010

Enquanto a soja segue um ritmo acelerado de ganho de produtividade em Mato Grosso, outra cultura avança rápido e não mais de forma tão silenciosa. A crise financeira internacional diminuiu flagrantemente o ritmo de investimento das usinas de cana-de-açúcar no Estado, mas já há sinais retomada.

Mato Grosso ainda está longe de ser considerado um grande produtor de cana. O último dado da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) mostra que na safra 2009/10 serão cultivados 194,2 mil hectares no Estado, dos quais uma parcela representativa está concentrada na região sudoeste. Mas os projetos estão em curso.

A unidade da Brenco no município de Alto Taquari, por exemplo, deve iniciar a moagem de cana já nesta safra, a partir de agosto. A companhia deveria ter começado a moer a cana plantada na região sul do Estado, perto da divisa de Goiás e Mato Grosso do Sul, em março do ano passado, mas a crise financeira e algumas falhas no planejamento atrasaram o projeto.

Menos de 200 quilômetros adiante, já em Goiás, a Cosan instalou em Jataí uma unidade com capacidade para 4 milhões de toneladas. Entre Alto Taquari e Jataí está a cidade de Mineiros (GO), que também tem se mostrado um importante produtor de cana.

Há 20 mil hectares de cana já plantados na região de influência dos projetos da Cosan e da Brenco - que está em vias de se unir à ETH, do grupo Odebrecht -, e a expectativa é que nos próximos dois anos essa área pelo menos dobre, para perto de 40 mil hectares. A unidade da Brenco é capaz de moer a colheita de 50 mil hectares de cana. Hoje, em Alto Taquari, a estrela é a soja, que já ocupa 50 mil hectares.

Em Mato Grosso, o avanço da cana-de-açúcar é motivo de otimismo e preocupação. "Temos a preocupação de tentar evitar a criação de uma monocultura, mas acredito que as leis de mercado tendem a equilibrar essa situação", afirma Luis Carlos Sperandio, presidente do Sindicato Rural de Alto Taquari.

As leis de mercado às quais Sperandio se refere se resumem ao preço de arrendamento das terras. A região de Alto Taquari tem um dos melhores solos do Estado, o clima é bom para o plantio e a soja tem muita concorrência com o algodão e a própria cana. Segundo Sperandio, também ele produtor, as usinas pagam em média 14 toneladas de cana para cada hectare arrendado, a um preço próximo de R\$ 40 por tonelada. Para não perder espaço, o arrendamento para soja e algodão paga 15 sacas por hectare a um preço médio de R\$ 30 por saca, um dos mais altos de MT, já que em algumas regiões do Estado os arrendamentos oscilam entre sete e nove sacas por hectare.

Um dos motivos para que a cana-de-açúcar não tenha avançado de forma mais rápida é o prazo do contrato com as usinas. As primeiras propostas feitas pela Brenco previam que as terras seriam utilizadas para o cultivo de cana por 12 anos, ou seja, dois ciclos da cultura - a cana permite seis cortes por ciclo. Por se tratar de uma empresa e de uma cultura novas na região, muitos produtores foram cautelosos e ainda não cederam.

Além disso, a Brenco também enfrentou problemas de liquidez com a crise internacional. A empresa atrasou pagamentos das terras arrendadas e teve cheques devolvidos, segundo o presidente do sindicato.

"De qualquer forma, acreditamos que com a redução dos prazos dos contratos e o aumento do preço do valor do arrendamento possam incentivar os produtores a ceder áreas para cana", afirma Sperandio. O produtor cita como exemplo as áreas mais tradicionais no cultivo, como São Paulo, onde as usinas pagam até 30 toneladas por hectare arrendado. "Com esse patamar de preço, quem não arrendaria as terras de grãos para cana", pergunta. **(AI)**

### **Colheita da nova safra já derrapa na logística – Alexandre Ignácio – Valor Econômico – Agronegócios – 09/02/2010**

O crescimento da produção de soja em Mato Grosso nesta safra 2009/10 traz à tona problemas antigos e bastante conhecidos pelos produtores e pelos governos do Estado e do país. A logística deficiente para percorrer o longo caminho aos portos fica mais evidente à medida que a safra aumenta e a colheita da soja avança. E é isso o que acontece.

Nos últimos anos, o investimento em armazenagem não acompanhou o aumento da produção e hoje não há silos suficientes para estocar o que se produz. A estimativa da Conab, que divulga hoje um novo levantamento, é de produção de 27,73 milhões de toneladas de grãos em Mato Grosso, sendo que a capacidade estática é para 26,25 milhões.

Dados do Instituto Mato-grossense de Economia Agrícola (Imea) indicam que só 17% da área plantada com soja em 2009/10 já foi colhida. Mesmo assim, já se pode notar um fluxo intenso de caminhões pelas principais estradas do Estado, especialmente nas rodovias federais, que formam grandes canais de escoamento entre as maiores regiões produtoras e as linhas férreas que levam a soja até os portos.

A BR-364, por exemplo, sai do extremo oeste de Mato Grosso, passa pela capital Cuiabá, desce para Rondonópolis (segunda maior cidade do Estado), entra em Goiás e vai até São Paulo. A rodovia é um dos principais eixos para o escoamento da soja do sudeste mato-grossense e recebe, por meio das estradas estaduais, o grão produzido em municípios como Jaciara, Primavera do Leste, Pedra Preta, Alto Araguaia, Alto Taquari, entre outros polos.

O sudeste de Mato Grosso é a segunda maior região produtora de soja do Estado. Produz uma em cada quatro sacas e será responsável por pela colheita de 4,36 milhões de toneladas nesta temporada. Além disso, a região é porta de entrada e saída do Estado, já que faz fronteiras com Goiás e com Mato Grosso do Sul.

Pouco antes da divisa entre os dois Estados do Centro-Oeste, porém, a BR-364 se encontra com o terminal da Ferronorte, ferrovia administrada pela ALL na cidade de Alto Araguaia, que liga o Centro-Oeste ao porto de Santos (SP). Apesar do volume relativamente pequeno de soja colhida até agora, uma fila de pelo menos cinco quilômetros de caminhões já se forma ao longo da BR.

Nesse cenário, os caminhoneiros chegam a passar dias parados no estreito acostamento da rodovia federal. Os grandes caminhões acabam ocupado parte da pista por onde outros veículos transitam nos dois sentidos. O trem seria a forma mais barata de escoar a soja do sudeste mato-grossense até os portos, mas diante da demanda pelo frete ferroviário, o valor nem sempre é vantajoso. Relatos de produtores dão conta de preços de frete de trem superiores ao de caminhão em safras passadas.

Por conta disso, muitos ainda optam por levar a soja das regiões de Itiquira e Alto Taquari, por exemplo, até os portos dentro de caminhões. Mesmo com a estratégia do governo estadual em recuperar estradas em parceria com os próprios produtores, algumas delas precisam melhorar muito para serem consideradas ruins. As péssimas condições fazem muita gente ficar encalhada pelos caminhos, especialmente em períodos como o atual, quando as chuvas transformam estradas de terra em verdadeiros atoleiros.

Percorrendo o trecho que liga Itiquira a Alto Araguaia, onde está a ALL, durante a edição deste ano do Rally da Safra, foi possível ver um caminhão carregado de soja que não conseguiu subir um trecho mais íngreme da estrada de terra. O veículo tentou subir, patinou e desceu, encalhando no "acostamento", com a carroceria atravessada na pista.

A situação permitia que carros pequenos passassem pela barreira provocada pela carroceria, mas impedia que outros caminhões seguissem viagem. "Estamos esperando um trator chegar para nos tirar daqui", disse o caminhoneiro, já acostumado com a quadro. **(AI)**

### **Consumo de álcool cai 40% na bomba – Valor econômico – Agronegócios - 10/02/2010**

O consumo de álcool hidratado nas bombas de combustível fechou o mês de janeiro com queda de 40% em relação a dezembro, segundo informou o Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom), cujas associadas representam 60% do mercado brasileiro.

Foram comercializados 578 milhões de litros no primeiro mês de 2010, ante os 960 milhões de dezembro de 2009. Normalmente, segundo o Sindicom, há queda de consumo em janeiro em relação ao mês anterior, no entanto, em menor proporção. Em

janeiro de 2009, por exemplo, o recuo foi de 9% em relação a dezembro de 2008. O forte recuo no consumo de álcool é explicado pela alta dos preços do combustível que deixou de ser viável em relação ao preço da gasolina em todos os Estados brasileiros, com exceção de Mato Grosso. Em média, é considerado vantajoso abastecer com álcool quando este equivale a no máximo 70% do preço da gasolina.

Ontem, a Agência Nacional de Petróleo (ANP) divulgou que o consumo de álcool hidratado em 2009 no Brasil foi de 16,47 bilhões de litros, um aumento de 24% em comparação com os 13,29 bilhões registrados de janeiro a dezembro de 2008. Somente o mês de dezembro passado, as vendas atingiram 1,5 bilhão, 23,9% mais que em igual mês de 2008. A agência ainda não divulgou os dados de janeiro deste ano. **(FB)**

**AGU, Ministério Público e Minc buscam saída para ações contra usina – Juliano Basile – Valor Econômico – Brasil – 10/02/2010**

Agentes públicos do governo Lula já foram acionados na Justiça mais de 830 vezes, apenas nos últimos três anos, por conta de obras ou atos de gestão, e boa parte dessas ações foi proposta por integrantes do Ministério Público. Foi esse levantamento que levou o advogado-geral da União, ministro Luís Inácio Adams, a advertir os procuradores do Pará que ameaçaram ingressar com ações contra os técnicos do governo que cuidam do processo de licenciamento ambiental da usina de Belo Monte.

O episódio levou a um impasse entre a AGU e o Ministério Público Federal, pois o procurador-geral da República, Roberto Gurgel, respondeu imediatamente às críticas de Adams, fazendo a defesa da base do MPF.

O impasse começou a ser superado, anteontem, em reunião entre Adams e Gurgel. O encontro contou ainda com o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, e procuradores do Pará. Os procuradores disseram que não pretendiam ingressar com novas ações antes de conhecer os termos da licença prévia ambiental concedida pelo Ibama para a hidrelétrica. Eles alegaram a Adams que não foram bem compreendidos pelos jornais que divulgaram que eles entrariam com ações contra Belo Monte.

Minc defendeu o processo técnico de licenciamento ambiental. Ele disse que é favorável à hidrelétrica desde que se cumpram, passo a passo, as exigências ambientais na região, onde vivem índios, animais e comunidades extrativistas.

Gurgel defendeu o papel do Ministério Público de acompanhar esse processo e de ingressar com ações, caso verifique ilegalidades. Por outro lado, ele garantiu que abusos de procuradores serão levados ao Conselho Nacional do MP para julgamento. O procurador-geral também informou a Adams que reconhece o papel da Advocacia-Geral da União de defender os agentes públicos, em especial do Ibama.

Por fim, Adams disse que o conflito com o MP ocorreu porque o movimento dos procuradores focou os agentes públicos. Isso seria, segundo ele, uma forma de intimidação. "Esses agentes ficam com medo de tomar novas decisões", justificou.

O advogado-geral também criticou integrantes do MPF que esvaziaram uma audiência pública sobre Belo Monte, em Belém, ao pedir a todos os presentes que fossem embora simplesmente por serem contrários à hidrelétrica. "Isso não é função da instituição Ministério Público. É um ato de agente político e não de agente de Estado", diferenciou.

Para Adams, o encontro com Gurgel deu à construção de Belo Monte um foro qualificado. "Agora, não é mais uma questão local, de Altamira, ou do Pará. É um tema nacional, que vai ser discutido por chefes de instituições públicas." O advogado-geral acredita que o processo de construção da usina ganhou novo impulso por conta desse episódio e, com isso, haverá menos interrupções. "Houve um momento de conflito ao tornarmos públicas nossas críticas, mas, agora, evoluímos para uma compreensão."

Apesar do acerto de intenções, a AGU deverá entrar com representação contra procuradores que questionaram os procedimentos para a construção das usinas de Jirau, no rio Madeira, e Belo Monte.

As mais de 830 ações contra os agentes públicos envolvem desde técnicos subalternos do Ibama, como Adriano Rafael Arrepi de Queiroz, o coordenador de licenciamento que atua em Belo Monte, até ministros, autoridades do primeiro escalão do governo e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. São 724 ações contra servidores da administração direta, como ministérios do governo, e mais de cem processos envolvendo técnicos da administração indireta, como autarquias.

Há ações de improbidade contra servidores que inscreveram empresas no Cadastro Nacional de Inadimplentes (Cadin), que deram registro de patente ou que liberaram importações. Há professores federais acionados por abandonar alunos durante doutorado e engenheiros do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes acusados de homicídio por causa de acidentes em rodovias federais. Na área ambiental, técnicos do Ibama que liberam obras são constantemente acusados de crimes.

Queiroz sofreu ação de improbidade pelo fato de liberar as audiências públicas para a construção da hidrelétrica. Para a AGU, a ação funciona como uma ameaça, pois, se aceita, o coordenador do Ibama pode perder nomeações, pagar multas e, em último caso, ser exonerado e perder os direitos políticos (não votar nem ser votado).

Lula responde a diversas ações populares por atos de governo. O presidente é réu em Chapecó, no interior de Santa Catarina, por ter assinado medida provisória vedando o ressarcimento do DPVAT (seguro obrigatório de veículos) para quem tem assistência do Sistema Único de Saúde (SUS). Em outra ação, em Blumenau, Lula é réu por ter criado o Parque Nacional do Itajaí, em 2004. Num terceiro processo, o presidente responde, junto com o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, pela liberação de R\$ 750 milhões de créditos no orçamento com o objetivo de fazer superávit no balanço patrimonial da União. Lula sofreu uma ação de improbidade por causa de arrecadações do Fundo Penitenciário, mas essa foi julgada improcedente pela Justiça.

**Consumo de álcool cai 40% na bomba – Valor Econômico – Agronegócios – 10/02/2010**

O consumo de álcool hidratado nas bombas de combustível fechou o mês de janeiro com queda de 40% em relação a dezembro, segundo informou o Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom), cujas associadas representam 60% do mercado brasileiro.

Foram comercializados 578 milhões de litros no primeiro mês de 2010, ante os 960 milhões de dezembro de 2009. Normalmente, segundo o Sindicom, há queda de consumo em janeiro em relação ao mês anterior, no entanto, em menor proporção. Em janeiro de 2009, por exemplo, o recuo foi de 9% em relação a dezembro de 2008. O forte recuo no consumo de álcool é explicado pela alta dos preços do combustível que deixou de ser viável em relação ao preço da gasolina em todos os Estados brasileiros, com exceção de Mato Grosso. Em média, é considerado vantajoso abastecer com álcool quando este equivale a no máximo 70% do preço da gasolina.

Ontem, a Agência Nacional de Petróleo (ANP) divulgou que o consumo de álcool hidratado em 2009 no Brasil foi de 16,47 bilhões de litros, um aumento de 24% em comparação com os 13,29 bilhões registrados de janeiro a dezembro de 2008. Somente o mês de dezembro passado, as vendas atingiram 1,5 bilhão, 23,9% mais que em igual mês de 2008. A agência ainda não divulgou os dados de janeiro deste ano. **(FB)**

**Fusão de ETH e Brenco fica para depois do Carnaval – Valor Econômico – Agronegócios – 11/02/2010**

Foi adiada para depois do Carnaval o anúncio da associação da ETH Bioenergia, do grupo Odebrecht, com a Companhia Brasileira de Energia Renovável (Brenco). A nova empresa deve nascer com cerca de R\$ 3,5 bilhões em ativos e atingir de R\$ 4,5 bilhões a R\$ 5 bilhões com a conclusão dos dois projetos da Brenco - Água Emendada (GO) e Costa Rica (MS), prevista para ocorrer entre 18 e 24 meses.

Para a conclusão do negócio, faltava a aprovação do aporte de R\$ 300 milhões pelo BNDESPar (braço de investimentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES) e por outros acionistas da Brenco. Segundo fontes, essa fase já teria sido finalizada. O recurso deve ser aplicado pela Brenco na conclusão das usinas "greenfield" de Goiás e Mato Grosso do Sul.

A capacidade de moagem da nova empresa resultante da união somará cerca de 37 milhões de toneladas, sendo 16 milhões das quatro usinas da Brenco - só duas vão iniciar a moagem nesta safra, cada uma com capacidade em fase final de moagem de 3,8 milhões de toneladas de cana. A ETH entrará com cinco usinas, que estão distribuídas em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás. A produção conjunta deve atingir 2,5 mil gigawatts ao ano de energia e 3 bilhões de litros de etanol em 2013/14. No acordo, a ETH deterá 65% de participação na nova empresa. **(FB)**

Enquanto a nova geração de biocombustíveis não surge, as grandes multinacionais do petróleo e do agronegócio resolveram correr para o etanol. Em pouco tempo, as maiores empresas brasileiras do setor se desnacionalizaram ou se associaram ao capital estrangeiro. A Cosan, a líder mundial na produção de açúcar e álcool, é um caso único: fez com a Shell um acordo bastante promissor para ambas, que não implica perda de controle acionário. A Santelisa Vale, a segunda no ranking, passou para o controle da trading francesa Louis Dreyfus, enquanto a americana Bunge arrematou a maior parte das usinas do grupo Moema e pulou para o terceiro lugar. O grupo Santa Terezinha, de capital nacional, é hoje o quarto maior produtor, com a francesa Tereos em seu encaixe. Mais gigantes chegaram ao Brasil de olho no etanol. A divisão de biocombustíveis da BP, ex-British Petroleum, fez uma joint venture com a Tropical Bioenergia.

A aposta das multinacionais, especialmente as de petróleo, parece ter como premissa que as chances de se obter uma tecnologia comercialmente viável a curto prazo para a produção de biocombustível utilizando resíduos, não concorrentes com a produção de alimentos (segunda geração), diminuiriam. A partir daí, não havia como tirar o etanol brasileiro do mapa dos negócios, pela escala de sua produção, pelos seus custos competitivos e pelo grau de redução da emissão de carbono que permite - três vezes maior que o etanol de milho produzido nos EUA. Dos combustíveis alternativos no mercado, o etanol de cana-de-açúcar é o mais viável. O etanol europeu - a União Europeia produz e consome cerca de 70% do total mundial de biocombustíveis - só se sustenta sem subsídio com o preço do petróleo acima de US\$ 115 o barril. O etanol americano, a partir do milho, é fartamente subsidiado e compete com outras culturas alimentares, uma ameaça apenas possível, e não fatal, no caso da cana-de-açúcar. Caso o Brasil chegasse à frente na produção em escala comercial do etanol celulósico (segunda geração) poderia praticamente dobrar seu fornecimento com a mesma área plantada.

Cálculos comerciais de curto prazo motivam a revoada para o etanol: há uma demanda à procura de oferta. O Ato de Segurança e Independência Energética do governo de Barack Obama rege que 45 bilhões de litros de etanol substituirão parte da energia convencional em 2010 e 136 bilhões de litros em 2022. O espaço reservado para a categoria de produtos na qual o etanol brasileiro se encaixa é de 15 bilhões de litros naquele ano. Hoje o Brasil exporta para o mercado americano 1,5 bilhão de litros dos 18,7 bilhões que produz. Na União Europeia, pelo menos 20% do consumo terá de ser preenchido por biocombustíveis em 2020.

A atratividade do etanol do Brasil cresceu aos olhos das multinacionais também por motivos de ocasião. As empresas de açúcar e álcool brasileiras partiram para rápida expansão calcada em endividamento, um modelo que foi posto brutalmente em xeque pela crise financeira global. A capacidade de produção avançou mais que a demanda e o açúcar, que já garantiu providenciais receitas compensatórias em situações difíceis, teve preços muito ruins até chegar às boas cotações de agora. Companhias asfixiadas financeiramente em setores estratégicos como o de energia costumam ser um bom alvo de compra e se a moeda do país se valoriza, como o real, barateando o preços dos ativos em dólar, tornam-se ainda mais cobiçáveis.

Não deixa de ser curioso que um governo empenhado em criar multinacionais "verde-amarelas" tenha assistido à desnacionalização da produção do álcool, que em nenhum outro país do mundo é usado em tão larga escala quanto no Brasil - rivaliza com a gasolina em pé de igualdade - e que é uma das principais bandeiras "verdes" do governo nos fóruns internacionais. A ausência da escolha de um "vencedor" a ser sagrado com benesses oficiais não impediu, como costuma ocorrer, o avanço das empresas com as melhores estratégias de negócio. A Cosan venceu todas as etapas do jogo até agora com lances ousados. A parceria com a Shell pode levá-la longe, em um casamento quase perfeito. Ao se tornar o maior produtor mundial, o grupo correu para a distribuição, abocanhando centenas de postos da Esso e da Petrosul. Isso era altamente adequado a seus objetivos e revelou-se depois algo precioso para convencer um parceiro do porte da anglo-holandesa Shell. Com sua rede de distribuição, a Cosan devolve à Shell um poder de influência no varejo de combustíveis que ela havia perdido. Cosan e Shell encostaram no grupo Ultra na disputa pela vice-liderança do mercado, com a BR à frente. A ironia é que enquanto a distribuição de combustíveis se nacionalizava, com BR e grupo Ultra à frente, a produção do álcool seguia o rumo contrário.

A Shell já é a maior distribuidora mundial de biocombustíveis, mas não se envolvera, direta ou indiretamente, na produção. A posição dominante da Cosan permite à multinacional mergulhar sem riscos relevantes em um novo negócio que exige enorme expertise. Do lado da Cosan, o interesse era óbvio e variado. Uma multinacional como a Shell pode abrir as portas do mercado externo e, por puros motivos comerciais, somar esforços para reduzir barreiras protecionistas como as dos EUA, que estarão sujeitas a revisão este ano. A BP, em menor escala, contribui significativamente para a "causa" do etanol, assim como a Bunge e a Dreyfus.

A aliança com a Shell, porém, acenou com algo igualmente valioso para a Cosan: tecnologia de ponta. A Shell trouxe para dentro da joint venture a Iogen, uma das principais empresas na pesquisa de biocombustíveis de segunda geração. A seu lado estará a Codexis, especializada em tecnologias limpas. A Shell, por sua vez, tem a possibilidade de assegurar suprimento no futuro - o Brasil, na verdade, tem pouco etanol para exportar e hoje vende 3,5 bilhões de litros - sem precisar se aventurar por terrenos desconhecidos, com um líder mundial na produção a seu lado. A Cosan obteve outra vantagem nada desprezível. Com o aporte de US\$ 1,65 bilhão da Shell, poderá reduzir o peso de suas dívidas, uma carga que se revelou letal para muitos de seus concorrentes, e preparar novos lances em um mercado que promete muitas surpresas.

**José Roberto Campos é editor-executivo e escreve quinzenalmente às quintas-feiras.**



**Paranaense Santa Terezinha chega ao time das maiores usinas do país – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 11/02/2010**

Sem muito alarde, o grupo Santa Terezinha vem incorporando usinas no Paraná e já se fortalece entre os maiores grupos sucroalcooleiros do país. A empresa, com sede em Maringá (PR), arrendou e iniciou processo de aquisição dos ativos da usina Usaciga, pertencentes à Agrocana Participações Ltda, e entrará a safra 2010/11 com capacidade instalada para 18 milhões de toneladas de cana-de-açúcar.

No ciclo passado o grupo moeu 14,2 milhões de toneladas, e com o salto a empresa tomará a frente de outras grandes empresas do setor, como a São Martinho, que deve moer no próximo ciclo 14 milhões de toneladas de cana, e a Açúcar Guarani, que deve manter os mesmos patamares do ciclo atual (13 milhões de toneladas). O grupo paranaense fica atrás apenas das gigantes Cosan, agora em processo de associação com a Shell e que soma capacidade de moagem de 60 milhões de toneladas, da LDC-SEV - associação da francesa Louis Dreyfus com a Santelisa Vale - e da Bunge que, com a aquisição dos ativos do grupo Moema e das outras acionistas deve moer ceca de 20 milhões de toneladas na próxima temporada.

No ciclo 2010/11, o grupo Santa Terezinha se manterá ainda à frente de outras companhias como ETH Bioenergia, do grupo Odebrecht, mesmo com a união com a Companhia Brasileira de Energia Renovável (Brenco), que juntos neste ano devem somar processamento próximo de 15 milhões de toneladas.

Paulo Meneguetti, diretor do grupo paranaense, explica que os ativos da Usaciga foram arrendados somente no fim do ano passado e, portanto, praticamente não entraram na capacidade da safra 2009/10. Na temporada anterior, já estava incorporada somente a usina Cocarol (Cooperativa Agroindustrial dos Produtores de Cana), de Rondon (PR), que foi arrendada em 2008 pelo grupo, que também na mesma época iniciou os trâmites para aquisição do ativo. "Mas, por ser cooperativa, a compra tem que passar por trâmites diferenciados, o que está tornando o processo moroso. Por isso, não temos uma previsão de quando conseguiremos concluir essa compra", afirma Meneguetti.

Já a aquisição dos ativos da usina Usaciga depende da conclusão de renegociação com os credores da empresa, que pertence à CEB. "Essa operação será finalizada neste semestre". Meneguetti afirma não ter ainda os valores a serem pagos pelos dois ativos. Mas, quando questionado sobre uma referência de valor no Paraná, Meneguetti acredita que o mercado esteja usando como parâmetro valor próximo de US\$ 70 por tonelada de capacidade instalada. Mas quem compra quer sempre um preço menor e quem vende, maior".

Assim, no ciclo passado, o grupo Santa Terezinha somava uma capacidade de 15,7 milhões de toneladas e só conseguiu moer 14,2 milhões por causa do excesso de chuvas no Estado. Para o próximo ciclo, que iniciará no final de março, o grupo tem uma estimativa inicial de moer 16,7 milhões de toneladas e, se o clima permitir, avançar para o patamar de 17,5 milhões de toneladas.

A empresa, que vai passar a moer 40% de toda a cana processada no Paraná - que responde por 8,3% da moagem do Centro-Sul- , tem como estratégia crescer na região Noroeste do Estado, onde já dispõem de infraestrutura logística, potencializada pela malha ferroviária da América Latina Logística (ALL). O Valor apurou que o grupo está negociando os ativos da usina Paraná, localizada em Mato Grosso do Sul e que foi adquirida no "pacote" juntamente com a Usaciga (PR). Trata-se de um projeto greenfield para moagem de 3,5 milhões de toneladas de cana e que já estaria 50% construído, segundo fontes.

Com as duas incorporações, a empresa soma oito unidades de produção de açúcar e álcool e ainda tem mais um projeto greenfield que não saiu ainda do papel por conta da crise. Trata-se de uma unidade que será construída na cidade de Santo Antônio do Caiuá (PR), com capacidade para moer 2 milhões de toneladas de cana. "Mas ainda não temos previsão de iniciar esse projeto. Aguardamos o melhor momento", diz.

Um dos mais tradicionais no Estado, o grupo Santa Terezinha, implantou a primeira usina na década de 60, em Maringá. Nos anos 80, a empresa reativou três destilarias no Noroeste paranaense e em meados de 1995, o grupo iniciou projeto para modernizar e ampliar o parque industrial existentes.

A última informação financeira disponível do grupo é de 2008, quando a receita líquida atingiu R\$ 964 milhões. Maior consolidador do Estado, o grupo Santa Terezinha também possui participação majoritária em dois terminais portuários - um de açúcar, a Pasa (Paraná Operações Portuárias), e outro de álcool, o Álcool do Paraná Terminal Portuário SA, e também é acionista de uma das maiores tradings nacionais, a CPA Trading.

Segundo a associação que representa as usinas do Paraná (Alcoopar), na atual safra, as 30 usinas do Estado processaram 44 milhões de toneladas, ante a previsão inicial de moer 48 milhões.

### **ETH e Brenco planejam aporte de R\$ 3 bi – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2010**

A ETH Bioenergia, do grupo Odebrecht, anuncia hoje os detalhes de sua associação com a Companhia Brasileira de Energia Renovável (Brenco). A nova empresa nasce avaliada em R\$ 7,3 bilhões, valor que já considera totalmente pago o projeto de nove usinas com capacidade de moagem de cana de 37 milhões de toneladas.

Os ativos já existentes - que deverão render 14 milhões de toneladas de cana processadas em 2010/11 - estão avaliados em R\$ 4 bilhões. Assim, o plano de investimento da nova companhia deverá contemplar R\$ 3 bilhões nos próximos 18 a 24 meses, segundo apurou o **Valor**. Ao contrário de outras transações, a união de ETH e Brenco representa um fortalecimento do capital nacional no ramo. Mas, mesmo assim, o novo ciclo começará com 23% da capacidade total de moagem nas mãos de capital estrangeiro, ante 12,4% em 2008/09, conforme a Datagro.

A Brenco iniciou suas atividades em 2007, com forte viés estrangeiro. Presidida pelo ex-presidente da Petrobras, Henri Philippe Reichstul, a empresa começou a construir usinas com recursos de fundos globais, como o Ashmore Energy, e acionistas como o bilionário indiano Vinod Khosla e o ex-presidente do Banco Mundial James Wolfensohn.

A Brenco foi vitimada pela crise quando já tinha aplicado os recursos que tinha. A partir de então buscou empréstimos-ponte e mais aportes do BNDESPar, que até antes da fusão com a ETH já tinha investidos R\$ 140 milhões na empresa, o equivalente a uma fatia acionária de 20,9%. No anúncio de hoje, deve ser confirmado um aporte adicional de R\$ 100 milhões do BNDESPar no projeto, além de R\$ 200 milhões de outros investidores da Brenco.

Também está em fase de desembolso pelo BNDES um financiamento de R\$ 1,2 bilhão à Brenco para a construção das quatro usinas. O banco não informou quanto desse capital já foi liberado até agora. De qualquer forma, o capital estrangeiro no fruto da fusão será diluído, mesmo com a participação de 33% da trading japonesa Sojitz na ETH.

O movimento vem na contramão do que vem ocorrendo neste pós-crise de consolidação. A ampliação do capital estrangeiro foi marcada nos últimos meses pela incorporação do Grupo Moema pela americana Bunge, pela aquisição da Santelisa Vale pela francesa Louis Dreyfus e pela entrada da anglo-holandesa Shell em uma joint venture com a Cosan, cujas negociações seguem em curso.

A concentração da produção de açúcar e álcool também ganha cores sob o prisma da ligação com a distribuição de combustíveis, já concentrada. A Cosan adquiriu em 2008 a rede da Esso no Brasil e o pacto com a Shell inclui distribuição, açúcar e álcool. Em 2009, a British Petroleum adquiriu 50% da usina Tropical Bioenergia, de Goiás, e a Petrobras abocanhou 40,4% da Usina Total (MG).

Isso não deve trazer, por enquanto, mudanças sensíveis na política de preços do etanol, segundo Julio Maria Borges, da Job. Mas na medida que a estrutura da oferta do biocombustível for mais oligopolizada, deve-se desenhar um novo formato. "Os preços deverão ser cada vez mais negociados do que regulados por fundamentos de mercado".  
**(FB)**

**ETH e Brenco se unem para criar Maior grupo global de etanol de cana – Paula Pacheco – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 18/02/2010**

Depois de cinco meses de negociações, ETH Bioenergia e Brenco anunciam hoje a união entre as duas empresas. Com a confirmação do negócio, surgirá a maior empresa produtora de etanol de cana do mundo. Elas terão capacidade de produzir juntas 3 bilhões de litros do combustível a 2,5 mil gigawattshora (GWh) por ano de energia elétrica obtida da biomassa. A Cosan, hoje a maior do setor, produz 2,3 bilhões de litros de etanol (safra 2009/2010).

A associação entre as duas empresas confirma a tendência de consolidação no setor sucroalcooleiro, que se acentuou no ano passado depois que a atividade passou por várias dificuldades de caixa.

Apr.pria Brenco sentiu de perto os efeitos da falta de dinheiro nos bancos.

Antes da ETH, tentou uma associa..o com a Petrobr.s, em agosto do ano passado. As duas empresas sa.ram do papel em 2007. Presidida por Jos. Carlos Grubisich e controladapeloGrupoOdebrecht, a ETH tem como s.cia a trading japonesa Sojitz, com 33%dasa..es.Acompanhia.a que tem a expans.o mais avan.ada.

Temcinco usinasemopera..o – Alc.dia (SP), Conquista do Pontal (SP), Rio Claro (GO), Eldorado (MS) e Santa Luzia (MS). Para a safra 2010/11, a produ..o . estimada em 11 milh.es de toneladas de cana e 720 milh.es de litros de etanol.

O plano de investimento da companhia previa, antes da uni.o com a Brenco, o desembolso de R\$ 900 milh.es neste ano.

J. a Brenco, que tem Philippe Reichstul como presidente, possui duas usinas em condi..es de come.ar a moagem neste ano.

O projeto.gua emendada fica em Gois e o Costa Rica, em Mato Grosso do Sul. Juntas, as duas plantas da Brenco t.m capacidade final de moagem de 3,8 milh.es de toneladas de cana.

Antes da associa..o, a empresa previa investir cerca de R\$ 5,5 bilh.es at. 2015, com a implanta..o de tr.s polos bioenerg.ticos com 10 unidades industriais.

O ativo das duas companhias . estimado em aproximadamente R\$ 3,5 bilh.es.

Em outubro passado, ETH e Brenco assinaram um memorando de entendimento para analisar a uni.o. Juntas, elas t.m condi..es de chegar a uma capacidade de moagem de 37 milh.es de toneladas de cana por ano, o que as colocaria entre as maiores do Pa.s.

#### MERCADO CONCENTRADO

Analista do mercado de energia da consultoria Safras & Mercado, Miguel Biegai acredita que a nova empresa, apesar da grande capacidade de produ..o, pode sofrer com a dedica..o exclusiva ao etanol. “Basta ver o que aconteceu no ano passado com as usinas dedicadas apenas ao etanol. Elas tiveram uma dificuldade tremenda por conta do pre.o baixo. O valor pago n.o remunerava nem o custo de produ..o e s. com os ganhos no a..car foi possível equilibrar as contas”, explica Biegai.

Para o especialista, a aposta dos dois grupos no setor de energia (etanol e biomassa) pode estar correta, se houver dinheiro em caixa para aguentar uma aposta com resultados apenas no longo prazo. “At. l., ETH e Brenco ter.o de investir muito nos ganhos de sinergia”, disse.

Um neg.cio entre ETH e Brenco . o segundo do setor em menos de dois meses. O primeiro foi a joint venture entre a Cosan e a Shell. A multinacional Bunge tamb.m tem planos agressivos para o setor sucroalcooleiro.

No ano passado, j. fechou a compra do Grupo Moema.

**No Nordeste, cortador de cana vira soldador** – Murillo Camarotto – Valor Econômico – Especial - 22/02/2010

Ex-cortador de cana, acostumado a passar horas sob o escaldante sol que castiga os canaviais nordestinos, o pernambucano Josenildo Francisco da Silva, de 24 anos, deixou o campo e agora "sua a camisa" em um emprego urbano, atrás de uma solda no Estaleiro Atlântico Sul, instalado no Complexo Portuário de Suape, a 60 quilômetros de distância do Recife.

Em janeiro deste ano, Josenildo levou a medalha de bronze no primeiro campeonato de solda promovido pelo estaleiro - que corre contra o tempo para entregar a primeira de suas 22 encomendas: um petroleiro do tipo Suezmax que será operado pela Petrobras. Como prêmio pelos 58 rolos de arame transformados em solda nas imensas peças dos navios, Josenildo ganhou equipamentos de soldagem e um aumento de R\$ 53 no salário, que passou a R\$ 915 mensais.

O primeiro lugar no campeonato ficou com Clécio Robson de Santana, 32 anos, que, após muitas horas extras, derreteu 99 rolos de arame e foi premiado com equipamentos de solda, televisor com tela de LCD e um aumento de salário, hoje em R\$ 1.055. Antes de ser campeão da solda, Clécio vendia biscoitos e farinha de trigo aos varejistas do litoral sul de Pernambuco.

Com a mudança em suas trajetórias, os dois trabalhadores são um reflexo de mudanças estruturais que estão em curso no Nordeste - em 2009, a região registrou, pelo segundo ano consecutivo, o maior crescimento do emprego industrial no país. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o emprego industrial na região Nordeste cresceu 3,96% em 2009, ante uma média nacional de 0,15%. O ano passado, é verdade, não foi muito favorável para a indústria, em razão da crise financeira internacional. Em 2008, entretanto, o Nordeste também ficou em primeiro, com alta de 3,15%, acima da média nacional de 2,55%.

Além de cortadores de cana e comerciários, o Atlântico Sul emprega hoje pescadores, manicures, agricultores e trabalhadores do setor hoteleiro da região, que fica próxima de destinos turísticos importantes, como a famosa praia de Porto de Galinhas.

A grandiosidade dos dois principais projetos em andamento em Suape (o estaleiro e a refinaria Abreu e Lima) vem gerando uma demanda significativa por mão de obra, especialmente nos níveis operacionais. A carência por soldadores, por exemplo, é uma das mais graves, e os profissionais mais especializados podem receber salários de até R\$ 7 mil mensais, segundo informou o diretor regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) de Pernambuco, Antonio Carlos Maranhão Aguiar.

No caso do Atlântico Sul, a dificuldade em encontrar soldadores mais qualificados levou a empresa a contratar cerca de 200 dekasseguis brasileiros "com experiência comprovada" na indústria naval e de plataformas offshore. "A necessidade de contratar mão de obra experiente fora do Brasil se deve ao curto prazo para atender às encomendas de navios para a Transpetro e do casco da plataforma P-55, da Petrobras", justifica o estaleiro.

Os benefícios e a possibilidade de ascensão em uma nova carreira, proporcionados pela crescente indústria local, justificam a troca de profissão. "Agora é muito melhor. Cortando cana, eu trabalhava mais e ganhava menos, uns R\$ 250 por quinzena. E agora ainda tenho o plano de saúde, que é muito bom para a família", conta Josenildo, que almeja os degraus mais altos da soldagem naval. "Quero ser líder de equipe e depois supervisor."

A transformação no perfil do emprego na região de Suape passa por um intenso processo de capacitação profissional, que começou a ser pensado em 2005. Naquele

ano, a decisão do governo em retomar a indústria naval brasileira, além do projeto de construção da refinaria Abreu e Lima, trouxe a necessidade de treinamento de um verdadeiro exército de profissionais, praticamente inexistentes nos arredores do porto.

Por meio de parcerias com o governo de Pernambuco e com as cinco prefeituras que integram a região de Suape, a escola do Senai instalada no município de Cabo de Santo Agostinho recebeu investimentos de R\$ 26 milhões para se modernizar. Segundo Aguiar, entre 2007 e 2009 foram treinadas no local pouco mais de 20 mil pessoas em uma série de especialidades, com destaque para soldadores, montadores, encanadores industriais, caldeireiros e carpinteiros.

Somente no âmbito do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Prominp) foram treinadas cerca de 10 mil pessoas. Segundo o diretor do Senai, outros 7 mil profissionais devem ser capacitados em 2010 por meio do programa.

Antes de serem contratados pelo Atlântico Sul, tanto Josenildo quanto Clécio passaram por diversas fases de treinamento. Na primeira, que durou três meses, receberam reforço escolar nas disciplinas de língua portuguesa e matemática. Os alunos com melhor desempenho foram matriculados no Senai. Lá, os dois fizeram, por mais três meses, o curso de soldagem básica. Novamente, os aprendizes de maior destaque foram selecionados para um terceiro treinamento, dessa vez na escola do próprio estaleiro, onde já entraram empregados.

Apesar do treinamento, Clécio confessa que só aprendeu mesmo a arte da solda após alguns meses de trabalho. Segundo ele, o curso oferecido pelo Senai "é muito básico".

A carreira na soldagem se mostra bastante promissora na região. Além das obras em Suape, que já resultaram na formação de 5 mil soldadores, projetos como a transposição do rio São Francisco, a ferrovia Transnordestina e a Copa do Mundo ainda devem demandar muitos profissionais. "Vejo que a necessidade de soldadores em Pernambuco ainda vai durar de seis a oito anos", estima Aguiar, do Senai.

Ele acredita que, no médio prazo, o desenvolvimento dos projetos na região vai demandar um volume importante de profissionais de nível técnico e superior. Diante disso, o Senai já vem pesquisando o lançamento de mais cursos técnicos, além da ampliação dos existentes. "Estamos conversando com as empresas para adequação de conteúdo", conta Aguiar. Entre os novos cursos, deve estar o de inspeção de equipamentos.

Patrão dos "campeões da solda", o presidente do Atlântico Sul, Angelo Bellelis, já manifestou algumas vezes a preocupação em perder os profissionais após todos os meses de treinamento. A ameaça vem dos novos estaleiros que devem se instalar em Suape nos próximos anos, pelo menos três, que certamente flertarão com os trabalhadores já habilitados.

No que depender de Clécio, a preocupação do chefe faz sentido. "Se o salário for bom, não tem por que não ir", afirmou. Em seguida, preferiu ponderar: "Mas é claro que

o novo estaleiro terá que ter bastante encomenda, pra gente saber que terá trabalho por muito tempo".

**Com crise da cana, Dedini muda o foco** – Ivo Ribeiro – Valor econômico – Empresas  
– 22/02/2010

Uma das maiores empresas de capital nacional líderes na fabricação de equipamentos sob encomenda, a Dedini Indústrias de Base, com sede em Piracicaba (SP), tirou grande proveito dos anos de glória do setor de açúcar e etanol, crescendo a taxas de até 40% ao ano. Com a crise mundial e a do próprio setor, a fabricante decidiu reduzir a forte dependência de vendas aos usineiros. Agora, o foco são projetos de infraestrutura - hidrelétricas e cogeração -, de extração e refino de petróleo e gás, de biodiesel e diversos setores industriais, como siderurgia, fertilizantes, bebidas, química e petroquímica, celulose e papel, alimentos, cimento e mineração e até o automotivo, com peças para estamparia de carrocerias de carros.

"Chegamos a ter 85% da nossa receita e da carteira de pedidos em encomendas da usinas de açúcar e etanol", informou Sérgio Leme dos Santos, presidente-executivo da Dedini. No ano passado, por conta da retração econômica mundial e do setor, esse percentual caiu para 45%. O impacto não para por aí: a empresa convive ainda com elevado índice de inadimplência de vendas realizadas a investidores cujos projetos de novas usinas não foram para frente ou pararam no meio do caminho.

A fabricante paulista encerrou 2009 com faturamento de R\$ 1,4 bilhão, bem abaixo de R\$ 2,2 bilhões do ano anterior. A expectativa para este ano é crescer 5%, com a melhoria das encomendas e o aumento da demanda da área de infraestrutura, principalmente de projetos hidrelétricos. Hoje, as usinas de Santo Antônio e Jirau, no Rio Madeira, em Rondônia, já respondem por expressiva fatia da carteira da Dedini. "Em 2011, já esperamos voltar ao patamar de R\$ 2 bilhões", disse Santos.

A empresa garante estar equipada para ganhar presença em obras e projetos de outros setores, com seis fábricas em operação em Piracicaba (três) e Sertãozinho (SP), Recife (PE) e Maceió (AL). Desde o ano passado, a Dedini passou a capacitar com melhorias tecnológicas sua fundição, apta a fazer 60 mil toneladas de metal e até 45 mil de peças finais, para fabricar equipamentos mais complexos e com especificações mais rigorosas. Caso de componentes para extração de petróleo em águas profundas ou tanques para uma fábrica de bebidas, em material inoxidável, e até itens para usinas de geração elétrica.

Nos alvos da empresa, fundada em 1920 pelo imigrante italiano Mário Dedini, estão projetos de grande porte no país, como a extração de petróleo no pré-sal e a futura hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. "Estamos capacitando nossa fundição, que tem capacidade de sobra, com investimentos que, apenas neste trimestre, somam R\$ 28 milhões", afirmou Renato Herz, diretor comercial e da divisão de infraestrutura e energia, além de responsável pela área de fundição.

Divisão-chave da Dedini, a fundição recebeu nos últimos três anos investimentos de R\$ 50 milhões. Os recursos visaram dotar a unidade, situada em Piracicaba, de tecnologias como soldas a laser, metalurgia de aços e ligas especiais e fornos a vácuo. Sem um desses itens, por exemplo, não poderia fazer componentes para hidrogenação de energia, lembrou Herz.

No momento, a empresa faz cotações de preços para dois projetos anunciados de siderúrgicas no Norte e Nordeste do país e assegura estar pronta para participar também das refinarias premium de petróleo da Petrobras no Maranhão e Ceará, além da Abreu Lima, em Suape (PE). Herz observa que a empresa se prepara para crescer, indiretamente, com as obras para a Copa do Mundo de 2014 e Olimpíada de 2016.

"Construção e reformas de estádios vão precisar de mais cimento, cujos fabricantes vão ter de expandir suas fábricas para atender a demanda", explicou. Da mesma forma, deverá crescer o consumo de cervejas, exigindo novas fábricas no país. Um dos negócios da Dedini é construir instalações para cervejarias, bem como tanques refrigerados para exportação de suco de laranja.

Ainda com o sonho de abrir o capital na Bovespa, iniciativa que foi abortada dois anos atrás, a Dedini quer neste ano dar um passo rumo à internacionalização. No alvo, uma filial na Índia, maior atuação no mercado da região, entrada na África e maior presença em países da América do Sul. "Nosso plano é fazer joint ventures com grupos locais", disse Santos.

Aos 90 anos de atividades, a Dedini é comandada pela quarta geração da família. Em 1970, com a morte do fundador Mário Dedini, a direção da empresa passou a Dovílio Ometto, seu genro. Desde o início de 2008, que presidente o conselho é Giuliano Dedini Ometto, bisneto do fundador, que assumiu o cargo após a morte da mãe, Juliana. Esse elo da família controla a companhia com cerca de 52%, por meio da holding Doado. Dois outros ramos herdeiros de Mário Dedini, reunidos nas holdings AD e Nidar, detêm os demais 49%.

### **Demanda por açúcar resiste, mas preço alto já é obstáculo – Valor Econômico – Agronegócios – 23/02/2010**

Depois de atingir os níveis mais elevados em 30 anos, as cotações do açúcar vêm provocando resistência por parte dos compradores da commodity, mas ainda sem sinais de que vão arrefecer. O cancelamento de compras ontem pelo Egito e pelo Paquistão pressionaram os preços futuros, mas segundo projeções do mercado, o déficit deve persistir até o final de 2011.

O contrato com vencimento em maio na bolsa de Nova York encerrou o pregão ontem a 24,12 centavos de dólar por libra-peso, queda de 184 pontos. Os elevados preços da commodity motivaram a suspensão de compra pelo Egito, de 50 mil toneladas, e do Paquistão, de 200 mil toneladas. Apesar de indicar uma desaceleração no curto prazo, ainda não há sinais de que os preços da commodity vão arrefecer.





Ontem, a consultoria e trading Czarnikow divulgou suas projeções segundo as quais o déficit de açúcar deve persistir até 2011. "O déficit não vai acabar", disse Jonathan Williams, diretor da Czarnikow. A Czarnikow estimou neste mês um déficit em 2009/10 de 14,8 milhões de toneladas, aproximando-se do recorde estimado de 15,6 milhões de toneladas em 2008/09.

"O mercado continua com uma oferta baixa em 2010, e ainda parece extremamente apertado em 2011 e parece se mover para um excedente somente em 2012", acrescentou Williams. A Índia deve continuar sendo um importador, afirmou ele. O Brasil, que respondeu no ano passado por cerca de 50% do mercado total de açúcar do mundo, ou 75% do mercado de açúcar bruto, parece estar expandindo a produção, mas enfrenta uma competição do etanol e riscos climáticos que podem afetar a oferta, segundo ele. "A concentração da oferta significa que o mundo está cada vez mais vulnerável a um choque da oferta", disse.

Mesmo diante da escassez do produto, a União Europeia negou ontem o pedido feito por Portugal de suspensão temporária da tarifa sobre importação de açúcar bruto de cana (€ 98, ou US\$ 133,5 por tonelada). O pedido foi feito para aliviar a escassez nas refinarias portuguesas, que estariam pagando alto pelo açúcar do Brasil. **(Com Reuters e Bloomberg)**

## **Biodiesel**

**Brasil Ecodiesel coloca terras à venda** - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 09/02/2010

A Brasil Ecodiesel vai colocar à venda 23 mil hectares de terra localizados no Piauí, Ceará e Minas Gerais, segundo o presidente da empresa, Mauro Cerchiari. De acordo com o executivo, das terras que possui no País, a companhia vai conservar apenas 17 mil hectares que possui em Irecê, na Bahia. A medida, divulgada ontem, faz parte de mais um passo na reestruturação estratégica do grupo.

A empresa foi criada em 2003 com a estratégia de produzir biodiesel usando matérias-primas regionais e alternativas – como amamona, produzida pela agricultura familiar e incentivada pelo programa do governo federal. Mas os investimentos regionalizados não deram certo e a empresa passou a acumular prejuízos sucessivos, que culminaram em um processo de reestruturação completa.

Concentrou sua produção na soja, reduziu a operação de suas unidades nordestinas e menos competitivas e foi através de nova capitalização. Em dezembro, anunciou a desativação de duas unidades de produção de biodiesel no Nordeste.

Segundo Cerchiari, diante da expectativa do crescimento do mercado de biodiesel nos próximos anos e da percepção de que este mercado deverá ser livre dentro de no máximo dois anos, o sucesso da companhia depende de custos de matéria-prima, localização geográfica das unidades, o desenvolvimento de produtos e processos alternativos, busca por novos mercados e desenvolvimento gerencial e organizacional, além da evolução e regulação do setor.

De acordo com o documento que traça os próximos passos do direcionamento estratégico da Brasil Ecodiesel, além da venda das terras, a empresa investirá em pesquisa e desenvolvimento de oleaginosas alternativas, como o pinhão manso. O planejamento prevê a busca de parcerias estratégicas para áreas mais produtivas localizadas no Rio Grande do Sul e na Bahia, além de mapear o mercado e as oportunidades para fusões e aquisições. “O setor é muito pulverizado e muitas empresas estão ainda sofrendo com a crise e com dificuldades em operar.” Segundo ele, se essas empresas derem ganho de escala, aumento de market share e incorporarem tecnologia da Brasil Ecodiesel, formas de associação serão aproveitadas.

Cerchiari disse que a empresa irá alterar seu relacionamento com os produtores da agricultura familiar, priorizando a compra de cooperativas e não mais do agricultor individual.

Conforme o executivo, o plano de redirecionamento, que entra em vigor imediatamente, concentrará a gestão da empresa em São Paulo. “Antes a gestão estava dividida entre Rio de Janeiro e Fortaleza.

A unificação em São Paulo nos dará mais agilidade nas decisões”, disse.

## POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

### **Etanol**

#### **Perspectivas para os biocombustíveis – Sítio eletrônico da CNA – 08/02/2010**

No ano de 2009, as vendas do setor de combustíveis fósseis e renováveis alcançaram perto de 100 bilhões de litros, alta de 2% em relação ao período de 2008.

A venda do álcool (etanol) cresceu perto de 25%, em um total de 27 bilhões de litros. Para tanto, perto de 60% da cana-de-açúcar nas indústrias foram destinados ao fabrico do etanol.

Quanto à gasolina, a demanda permaneceu inalterada em 2009, com o consumo perto de 25 bilhões de litros.

Para 2010, o etanol hidratado continuará ultrapassando o uso da gasolina: no período 2012/13, perto de 37 bilhões serão consumidos.

Ademais, o álcool anidro é adicionado à gasolina automotiva, visando à substituição do chumbo e à melhoria da qualidade do derivado do petróleo (octanagem).

Ao contrário dos preços do açúcar, mais favoráveis em decorrência da falta de produção suficiente na Índia, considerada o maior consumidor mundial, o etanol, no ano transcorrido, foi vendido com custo abaixo da produção.

Já no ano de 2008, o etanol hidratado foi entregue com menos de 8% do valor do seu fabrico.

No primeiro trimestre do ano passado, inclusive, as vendas do etanol hidratado foram efetuadas com mais de 30% abaixo do custo de produção.

No acumulado do ano de 2009, o licenciamento de unidades flex foi de 90% no segmento dos veículos leves.

Desta forma, tão-só no período de 2003 a 2009, o uso do etanol nos carros flex evitou a emissão de 80 milhões de toneladas de gás carbônico (CO<sub>2</sub>) na atmosfera, segundo os dados da Unica.

A queima dos combustíveis fósseis, como gasolina, diesel e carvão mineral, provoca a emissão de gases como ozônio e monóxido de carbono.

A moagem da cana (safra 2009/2010) deverá ficar em torno de 600 milhões de toneladas, apesar das condições climáticas adversas, com o excesso chuvas em relação à média de três décadas anteriores, o que provoca a inversão da sacarose de cana e baixos rendimentos industriais.

Quanto ao óleo diesel, 45 bilhões de litros, destinados na maioria ao transporte rodoviário, foram queimados no ano transcorrido, o que resultou no aumento das importações do produto.

O governo deveria criar condições mais favoráveis ao aumento da produção do biodiesel a fim de diminuirmos o déficit da produção do diesel.

Outra singularidade de 2009 foi o ingresso de expressivos recursos financeiros do exterior na indústria do açúcar e do etanol, o que é um reconhecimento da qualidade, da tecnologia e da competitividade do mercado brasileiro nesse setor.

As multinacionais vão moer 20% da cana prevista para a vindoura safra de 2010/2011.

Ainda em 2010, as expectativas continuam otimistas para o agronegócio da cana, diante do crescente preço do petróleo -já em torno de 80 dólares por barril, no mercado- e também pela previsão de melhores condições do mercado financeiro.

No agonizar do ano de 2009 e início do ano novo, os preços do etanol hidratado nas bombas deixaram de ser competitivos em algumas regiões brasileiras e o levantamento junto aos postos mostra que o derivado de cana ultrapassa 70% do preço da gasolina, inclusive, em vários estabelecimentos da metrópole paulistana.

Ao que tudo indica, a situação deverá persistir até o início da vindoura produção sucroalcooleira, em março, penalizando, dessa forma, o usuário do etanol.

Para os especialistas, a política de preços dos combustíveis do governo brasileiro congelou o preço da gasolina, quando poderíamos assumir a condição de mercado livre sem protecionismo.

Nos países desenvolvidos, a energia limpa e renovável é isenta de tributação, em virtude dos benefícios decorrentes do seu uso para o meio ambiente e para a saúde da população.

Em sete anos, uso do etanol em carros flex evitou emissão de 80 milhões de t de gás carbônico.

*\* Autor: Luiz Gonzaga Bertelli. Fonte: Jornal DCI de 08/02/2010.*

**China sai na frente para produzir energia limpa** - Keith Bradsher – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 01/02/2010

A China superou no ano passado suas antigas concorrentes na Dinamarca, Alemanha, Espanha e Estados Unidos, tornando-se amaior fabricante de turbinaseolicas,eesteanodevera registrar uma expansão maior ainda. Alem disso, nos dois ultimos anos a China ultrapassou o Ocidente destacandose como a maior fabricante

de painéis solares do mundo. E trabalhou com igual intensidade para construir reatores nucleares e centrais elétricas mais eficientes movidas a carvão.

Os seus esforços para dominar tecnologias destinadas a produção de energia renovável apontam para a perspectiva de que, algum dia, o Ocidente possa trocar sua dependência do petróleo do Oriente Médio pela possibilidade de explorar a produção de energia mediante painéis solares, turbinas eólicas e outros equipamentos fabricados na China.

“A maior parte dos equipamentos para a produção de energia trará impressa a frase ‘Made in China’”, disse K.K. Chan, executivo do Nature Elements Capital, um fundo de ações de Pequim, que se concentra em energias renováveis.

Em seu discurso sobre o Estado da União, na semana passada, o presidente Obama advertiu que os EUA estão ficando para trás em relação a outros países, principalmente a China, na área de energia. “Não aceito um futuro em que os empregos e as indústrias de amanhã se desenvolvam além das nossas fronteiras – e sei que os senhores também não aceitam”, afirmou ao Congresso.

Os EUA e outros países estão oferecendo incentivos para o desenvolvimento dos respectivos setores de energia renovável, e Obama pediu redobrados esforços aos americanos neste sentido. Entretanto, executivos ocidentais e chineses prevêem que a China predominará na corrida pela tecnologia neste campo.

Algumas companhias multinacionais responderam ao rápido crescimento do mercado chinês construindo fábricas enormes e sofisticadas. A Vestas, da Dinamarca, acaba de concluir o maior complexo para a produção de turbinas eólicas no nordeste do país, e transferiu a tecnologia para a construção dos controles e geradores eletrônicos mais avançados.

“É preciso avançar rapidamente com o mercado”, comentou Jens Tommerup, presidente da Vestas China. “Ninguém nunca viu um crescimento tão rápido no mercado eólico.”

Os setores de energias renováveis criaram logo empregos, chegando a 1,12 milhão em 2008, com um aumento de 100 mil ao ano, segundo a Associação Chinesa de Indústrias de Energia Renovável, que tem o respaldo do governo.

Entretanto, talvez a energia renovável contribua mais para a economia chinesa do que para o meio ambiente. A geração total de energia na China deverá ultrapassar os EUA em 2012 – e a maior parte deste acréscimo de capacidade ainda será proveniente do carvão.

A China estabeleceu como meta que, até 2020, a energia solar, eólica e produzida com biomassa represente 8% de sua capacidade de geração de eletricidade. Em comparação, agora ela representa menos de 4%, tanto na China quanto nos EUA. Até lá, o carvão ainda representará dois terços da capacidade do país asiático, e a energia nuclear e hidrelétrica a maior parte do restante.

A China, que procura dominar as exportações de equipamentos para a produção de energia, tem a vantagem de ser o maior mercado mundial para o setor. O governo gasta somas enormes para modernizar suas redes, e somente em 2009 desembolsou US\$ 45 bilhões.

Uma das principais preocupações da liderança chinesa é a política energética: na quarta-feira, o governo criou a Comissão Nacional para a Energia, uma espécie de superministério chefiado pelo próprio primeiro-ministro, Wen Jiabao.

As autoridades reguladoras determinaram que as companhias de geração de energia deverão usar mais energia renovável. Os generosos subsídios concedidos aos

consumidores que instalem seus próprios painéis ou aquecedores solares provocaram uma intensa atividade sobre os telhados das casas em toda a China.

**Energia Limpa** – Xico Graziano – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 23/02/2010

Vitória ambiental do etanol no exterior. A Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos acaba de considerar um “biocombustível renovável de baixo carbono”. Abrem-se as portas do mercado internacional para o “cool” combustível oriundo da cana-de-açúcar.

Ponto para o Brasil.

Segundo as normas do Tio Sam, para obter essa importante classificação o produto precisa emitir, no máximo, 50% menos gases de efeito estufa em comparação com a gasolina. No caso do etanol brasileiro, essa redução chega a 61%.

Foi pouco. Os estudos daqui mostravam que o etanol de cana pode emitir até 82% menos gases que a gasolina.

Eufóricos passaram o carnaval os produtores nacionais de etanol. Faziam contas em dólares.

Isto porque os Estados Unidos devem consumir, pelo menos, 45 bilhões de litros de biocombustíveis em 2010, volume que deve subir para 136 bilhões até 2022. A demanda pela importação do etanol brasileiro pode quadruplicar, atingindo 15 bilhões de litros. Dados positivos.

O “cool” ético, batizado de *etanol* no mundo dos combustíveis, surge a partir da fermentação anaeróbica, quer dizer, aquela que ocorre sem a presença de oxigênio. Nesse processo biológico, fungos microscópicos (leveduras) decompõem os açúcares, quebrando as moléculas para liberar energia, necessária em sua multiplicação. O etanol resulta como um subproduto dessa transformação química.

Qualquer matéria-prima que acumule açúcares, carboidrato ou amido serve para a fabricação de etanol. Basta ser inoculado e deixado a fermentar, como sempre se procedeu nas bebidas alcoólicas. Vem de longe essa história. Vinho de uva se fazia desde o Egito antigo. Os índios tupiniquins produziam *cauim* de mandioca. Já os incas fermentavam a *chicha* do milho macerado. Perceba que cada qual utilizava uma matéria-prima, segundo sua cultura e oportunidade.

Quando se promove a destilação, purifica-se o “cool” existente no caldo fermentado, retirado por evaporação. Cachaça fabrica-se destilando o caldo fermentado de cana-de-açúcar; vodka e uísque, de cereais; tequila, de uma cactícea. “b”ico o processo da fermentação. Por isso volta e meia se encontra por aí andando pelo interior do País, bebida alcoólica de tudo quanto tipo, feita de batata, castanha, arroz, abacaxi, jabuticaba. Curioso.

Das bebidas para os veículos.

No caso dos combustíveis para motores do ciclo Otto, desenvolvidos inicialmente para queimar gasolina, destacam-se dois tipos de etanol: o anidro e o hidratado. Anidro significa um “cool” com pureza máxima de 99,3°, ou seja, quase nada de água em sua composição. No caso do “cool” hidratado, a pureza cai para 92,6°. Este tipo se usa diretamente no tanque dos veículos. Aquele outro, puro, se mistura com a gasolina, entre 20% e 25%, para melhorar a potência carburante.

Reduz poluição. O reconhecimento dos norte-americanos indica que o rendimento energético do etanol oriundo da cana-de-açúcar ultrapassa o produto deles,

advindo do milho. O etanol, nos dois casos, é o mesmo, surgindo pela fermentação. Mas na conta energética, de elevado valor ambiental, calcula-se o dispêndio de energia fóssil utilizado na produção, desde a rotação, de cada um dos processos.

Vence fóssil o etanol da cana. Há anos se sabia disso, mas por razões da competição econômica inexistia o reconhecimento internacional. Em 2006, estudo publicado por Andreoli e Souza, pesquisadores da Embrapa, indicava que o balanço de energia para converter o milho em etanol resultava negativo, na base de 1,29:1, enquanto o etanol da cana dava positivo, da ordem de 1:3,24. Quer dizer, cada kcal de etanol de milho elaborado exige 29% a mais de energia em sua produção; no etanol de cana a relação se inverte: cada kcal de energia gera um ganho de 224%.

Várias razões explicam o fenômeno.

A mais importante delas diz respeito ao rendimento fóssil por hectare plantada. Uma boa lavoura de cana produz 100 toneladas de colmos por hectare (ha), ricos em açúcar.

Do milho se colhe, em geral, 10 toneladas/ha. Em álcool produzido, após a fermentação industrial, a cana-de-açúcar apresenta uma produtividade três vezes superior, comparada ao milho, para cada hectare plantado.

Isso se reflete no custo financeiro, mais elevado no etanol do milho.

Em consequência, sem subsídio, ao contrário do etanol de cana, não se sustenta.

A curiosidade manda perguntar: por que, então, os norte-americanos não produzem a maravilha da cana-de-açúcar, em vez do oneroso milho? A razão é simples: a doce gramínea detesta frio.

Isso mesmo, oriunda dos trópicos, a cultura da cana não vingou bem nos países temperados.

Se plantada na época de verão dos gringos, até que nasce bem. Mas sendo um cultivo semipermanente, com duração média de sete anos, seus colmos sucumbem no inverno gelado. Sorte do Brasil.

Por causa da crise ambiental do planeta, energia renovável está virando moda tecnológica.

Ainda bem. Na eletricidade doméstica, nos fornos industriais, no transporte, procura-se alternativa sustentável, viável economicamente.

Todos invejam o Brasil, campeão mundial com 46% de energia limpa em sua matriz energética. No mundo, a proporção fica em 13%.

Embora não configure uma panaceia entre os combustíveis sustentáveis, o etanol firma-se como excelente opção da agroindústria nacional, gerando empregos e renda no interior.

Mas existe um senão. O governo federal precisa participar mais dessa agenda ambiental, abonando o etanol verde, sustentável, financiando estoques, preservando a concorrência, impedindo cartéis. Economia verde pressupõe ativismo estatal.

Senão o biocombustível pode ir bem lá fora, mas falta etanol barato aqui dentro.

Não pode.

**Energia do vento atrai grandes usuários** – Estado de São Paulo – Vida & - 25/02/2010

A Associação Brasileira dos Investidores em Auto-Produção de Energia (Abiape), entidade que reúne nomes como Vale, Votorantim, Gerdau, Arcelor-Mittal, CSN e Alcoa,

entre outros, decidiu promover um estudo de viabilidade do uso da energia eólica pelos grandes consumidores industriais.

Uma das constatações é de que, embora o custo da chamada energia limpa seja superior a o adagera pelas fontes tradicionais (leia-se hidrelétricas), as empresas não deveriam descartar o vento como fonte energética.

Em primeiro lugar, porque, em termos relativos, os custos de produção já baixaram muito em relação ao passado, como foi constatado no primeiro leilão de energia eólica, realizado no final de 2009.

Em segundo lugar, a recomendação tem a ver com o tema da sustentabilidade. Apesar do custo de produção, a possibilidade de que as empresas passem a exibir o verde da energia limpa pode funcionar como um diferencial de mercado numa série de países da Europa e da Ásia, além dos Estados Unidos. “Seria de muito valor estratégico para uma empresa ter, por exemplo, 5% de energia eólica em sua matriz energética”, disse Mario Menel, presidente da Abiape, à repórter Renata Pereira. “Seria um tremendo reforço de imagem nesses mercados exigentes e sensíveis à questão do meio ambiente.” Segundo Menel, a Abiape deve coordenar a implantação de um parque experimental de energia eólica, com capacidade para a geração entre 50 e 100 megawatts (MW), como forma de popularizar a alternativa sustentável entre seus associados. Ao mesmo tempo, será feito um esforço de envolvimento dos fabricantes de equipamentos para energia eólica, no sentido de uma redução de preços de viabilização dos projetos.

Comparado a mercados mais amadurecidos, como o europeu, americano e chinês, o Brasil ainda tem uma posição discreta em termos de produção e consumo de energia eólica.

A capacidade instalada no País é de 606 MW, contra 9,9 mil MW nos EUA ou 25,1 mil MW na China, líder mundial.

As perspectivas, por sua vez, são de crescimento: no Leilão de Reserva de 2009, foram comercializados 1,8 mil MW a serem entregues até 2012.

## **Rainha promete "carnaval" para Lula no Pontal – Ricardo Schwarz - Folha de São Paulo – Brasil – 04/02/2010**

O líder sem-terra José Rainha Júnior disse ontem que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ministra Dilma Rousseff irão visitar um assentamento na região do Pontal do Paranapanema (oeste de SP), na próxima semana, e que vai promover um "carnaval" para recebê-los. A visita será na próxima quinta, segundo Rainha, que disse que sua ala do MST



(Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) pode interromper as invasões. "Pode ser que aconteçam [invasões]. Mas, com o Lula estando no Pontal, vamos trocar o "carnaval vermelho" pelo "carnaval com o presidente e com a candidata Dilma", disse.

A assessoria do Planalto confirmou um voo de Lula no dia 11 com destino a Presidente Prudente, mas disse que a viagem ainda será confirmada. Segundo Rainha, foi a Casa Civil que o avisou sobre a visita de Lula e Dilma. O encontro seria no assentamento Dona Carmem, em Mirante do Paranapanema.  
**(RICARDO SCHWARZ)**

**Biocombustível empurra boi para a mata** – Rafael Garcia – Folha de São Paulo – Ciência – 09/02/2010

Novo estudo sugere que aumentar produção sem controle fundiário desmataria em 2020 uma área maior que a Paraíba

Segundo autores, troca de petróleo por álcool de cana e biodiesel levaria 250 anos para compensar as emissões provocadas por tal desmate

Ao aumentar a produção de biocombustíveis para substituir o petróleo, o Brasil pode dar grande contribuição para o mundo reduzir as emissões de gases-estufa, mas essa política pode acabar sendo um tiro pela culatra, indica um novo estudo. Se a tendência atual de mudanças no uso da terra continuar, plantações de cana-de-açúcar e soja tomarão o lugar de pastagens, e estas serão empurradas para áreas de floresta, desmatando e emitindo carbono. Isso é o que indica uma projeção feita pelo ecólogo paulista David Lapola, da Universidade de Kassel (Alemanha), autor principal de um estudo publicado na edição de hoje da revista "PNAS". Segundo ele e seus coautores, se o Brasil cumprir seu objetivo para 2020 -aumentar em 35 bilhões de litros a produção de álcool e em 4 bilhões de litros a de biodiesel de soja- essas duas culturas empurrariam as pastagens para cerca de 60 mil km<sup>2</sup> de floresta, desmatando uma área maior do que a Paraíba. Segundo os cientistas, a troca de petróleo por biocombustível levaria 250 anos para compensar as emissões desse desmate. As conclusões de Lapola e seus colegas saíram da projeção de uma tendência que já se verifica. "Identificamos quais seriam as mudanças diretas de uso da terra, e a maioria era biocombustível tomando lugar de pasto", explica Lapola. "As mudanças indiretas eram o gado que estava naquele espaço sendo realocado em outras regiões, sobretudo Amazônia e cerrado." Mais de 90% da expansão da soja na Amazônia em 2006, por exemplo, ocorreu sobre áreas de pastagem. Especialistas afirmam que o estudo do ecólogo é consistente, mas sua conclusão é polêmica. Para o físico Rogério Cezar de Cerqueira Leite, especialista em política energética e membro do conselho editorial da **Folha**, o artigo tenta "assegurar que na distribuição internacional do trabalho [agricultura] o Brasil se mantenha como produtor de alimento barato". "Se esse alerta pretende criar desconfiança em relação a nossos produtos, acho ruim, principalmente agora que os EUA acabam de reconhecer o etanol brasileiro como um combustível avançado", diz Suzana Kahn Ribeiro, secretária nacional de Mudança Climática.

Lapola explica que seu trabalho não deve ser visto como uma profecia incontornável, mas como um dado a partir do qual planejar ação. Segundo ele, por exemplo, se a

produtividade do gado tiver um pequeno aumento de intensidade -de 0,09 cabeças por hectare para 0,13- o problema poderia ser contornado. A recuperação de pastos degradados e abandonados também ajudaria. Para Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura, essas mudanças já estão acontecendo. "Nos últimos 20 anos a área de pastagem diminuiu, e a produção de carne aumentou."

Lapola, porém, defende que o governo atue para fomentar a produção intensiva. "Muitos subsídios hoje vão para aquisição de animais, manutenção da infraestrutura e várias outras coisas, mas pouco vai para incentivar o aumento da intensidade da criação ou a recuperação das pastagens degradadas."

**Virada pró-agroenergia** – Roberto Rodrigues - Folha de São Paulo – Opinião – 27/02/2010

DESDE O princípio deste ano, tem sido muito intenso o noticiário sobre biocombustíveis na imprensa brasileira e internacional. Não é para menos: o preço do etanol subiu bastante no período, levando o consumidor, acertadamente, a reduzir o seu consumo, trocando-o pela gasolina. A principal razão para isso foi a grande quebra na produção da safra passada, quando se produziram 4 bilhões de litros a menos, por causa da chuvarada que perturbou a colheita e do baixo rendimento industrial: quanto mais chuva, menos álcool. Só esse aumento de preços já é motivo suficiente para noticiário e especulação, até porque os preços mundiais de açúcar são os mais altos em quase 30 anos, devido à seca na Índia, que de exportador se tornou importador do produto. A antecipação da safra deste ano logo normalizará tudo isso. Mas tem muito mais coisa acontecendo: a grande movimentação pós-crise no setor é inédita: a compra da Santa Elisa/Vale pela Dreyfus, que se transformará numa gigante global; a Bunge crescendo também, com a compra do Grupo Moema; a ETH (sociedade da Odebrecht com um forte grupo japonês) comprando a Brenco; a parceria da Cosan (maior produtora do mundo) com a Shell, que muda o paradigma da distribuição de biocombustíveis, além de a mesma Cosan, no ano passado, ter adquirido a distribuição nacional da Esso; a parceria da grande Usina São Martinho em sua unidade de Goiás com a Amyris, empresa americana de tecnologia, que fará diesel a partir da garapa; a gigante indiana Shree Renuka Sugar comprando a Equipav; enfim, há uma agitação sem precedentes no mercado sucroalcooleiro com o que se sabia que ocorreria: concentração, consolidação e internacionalização. Mas não é só aqui: empresas europeias começaram a negociar terras na África para produzir etanol exportável à União Europeia sem tarifas. A suíça Addax Bioenergy já está em Serra Leoa; a sueca Sekalb, que importa etanol brasileiro, está negociando investir na Tanzânia; o Brasil também se prepara para fazer propostas no Senegal e em Guiné-Bissau nos mesmos moldes da parceria que temos com os Estados Unidos para produzir na América Central e no Caribe. Houve um seminário em janeiro no Japão para reavaliar a entrada do produto nos países asiáticos. Enfim, muita agitação. A chegada de poderosas multinacionais sinaliza a criação do mercado global, finalmente. Ninguém se arriscaria a investimentos tão grandes pensando apenas no nosso mercado interno. Mesmo as recorrentes preocupações sobre o efeito do uso incorreto de terra pela cana estão sendo esclarecidas e tranquilizam. Mas, sem dúvida, a mais importante novidade deste ano é o reconhecimento, pela Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, de que nosso etanol de cana é um

"biocombustível avançado". De acordo com estudos da EPA, as emissões de CO2 do etanol de cana-de-açúcar correspondem a 39% das emissões da gasolina. Esse fato possibilita a abertura do mercado americano mais cedo do que se esperava, inclusive com a possível redução de tarifa imposta ao nosso etanol -e apenas ao nosso!-, que hoje dificulta as exportações para lá. Nunca é demais lembrar que em 2022 os Estados Unidos consumirão 136 bilhões de litros de biocombustível avançado. Já estamos na fila. Não é à toa que tanto gigante está de olho no produto.

---

**ROBERTO RODRIGUES**, 67, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp e professor do Departamento de Economia Rural da Unesp - Jaboticabal, foi ministro da Agricultura (governo Lula). Escreve aos sábados, a cada 15 dias, nesta coluna.

[rr.ceres@uol.com.br](mailto:rr.ceres@uol.com.br)

**Etanol terá taxa de importação zerada** – Eliane Oliveira – O Globo – Economia – 03/02/2010

Governo quer estimular os EUA a fazerem o mesmo com o álcool brasileiro

**Eliane Oliveira**

BRASÍLIA. A Câmara de Comércio Exterior (Camex) deve reduzir a zero, em reunião no próximo dia 9, a tarifa de importação do etanol, atualmente em 20%. A informação foi dada ontem pelo secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Célio Porto, após um encontro com representantes do setor privado, em que se discutiu estratégias de comércio exterior para 2010.

Porto explicou que o principal objetivo da medida é estimular os Estados Unidos a fazerem o mesmo e acabarem com as barreiras aplicadas ao álcool importado do Brasil.

— Não vemos sentido em propor que os outros reduzam suas tarifas, se não fazemos o mesmo — disse Porto.

Os EUA aplicam uma tarifa de US\$ 0,54 centavos o galão.

De acordo com o secretário de Relações Internacionais, o Brasil iniciou uma negociação com os americanos para que essa barreira caia.

No entanto, precisa fazer o mesmo com o produto importado.

Os dois países são os maiores produtores de etanol do mundo.

Porto acrescentou que, como objetivo secundário para a redução da tarifa a zero, está o de viabilizar a possibilidade de importação do etanol até o início da nova moagem. Ele lembrou, no entanto, que nenhum país tem a oferta na dimensão que o Brasil necessita.

— Não há excedente no mundo — afirmou.

O pedido de redução da tarifa de importação partiu das indústrias sucroalcooleiras nacionais. Não há, porém, unanimidade entre os ministérios que integram a Camex (Desenvolvimento, Fazenda, Relações Exteriores, Desenvolvimento Agrário e Agricultura) e a decisão final será tomada após exaustivas discussões, acreditam técnicos ligados à câmara

## **Alerta no etanol - O Globo – Opinião – Editorial – 16/02/2010**

O etanol tem importância crescente na matriz energética brasileira, mas ainda possui participação modesta em escala internacional, embora as fontes renováveis venham se valorizando na esteira do debate sobre compromissos que as nações precisam assumir para evitar o aquecimento global.

Barreiras à importação de etanol persistem nos países ricos, entre outras razões pelo argumento de que não existem fornecedores no planeta em condições de suprir a demanda em potencial.

A médio prazo, o próprio ambiente de negócios pode contribuir para a supressão das barreiras.

Recentemente, a subsidiária brasileira do grupo Shell (um dos maiores do mundo em combustíveis) se associou ao maior produtor de açúcar e álcool no Brasil (a Cosan), já detentora da antiga rede de distribuição da Esso no país. Com isso, o etanol brasileiro ganha um forte reforço na conquista de mercados externos.

Surgiram, porém, problemas de abastecimento no mercado interno que podem alimentar desconfianças.

Como fonte renovável de energia, o etanol se revelou um substituto adequado para a gasolina. (combustível fóssil). No caso do Brasil, é produzido a custos competitivos a partir da cana. Condições normais de mercado geralmente levam as usinas a dividir sua capacidade de produção entre açúcar e álcool, mas em determinados momentos esse equilíbrio é rompido, pois se torna mais atraente produzir mais um do que outro.

Foi o que aconteceu no ano passado, com a quebra da safra de cana na Índia. As cotações do alimento subiram, porque a própria Índia passou a importar açúcar. Paralelamente, chuvas em excesso retardaram o corte na região Sudeste do Brasil, e a cana não atingiu os índices ideais de sacarose. O resultado é que, mesmo com aumento da produção, o volume de etanol disponível no mercado brasileiro não atendeu plenamente ao consumo. Os preços subiram e o governo foi obrigado a reduzir o percentual de mistura de álcool na gasolina.

A maior parte da frota de veículos que usa etanol no Brasil é dotada de motores flex, adaptados para queimar gasolina. Não se verificou um desabastecimento, mas a alta de preços sem dúvida decepcionou consumidores. Com o início da nova safra de cana, essa situação deve se regularizar. Mas do episódio deve-se tirar alguma lição para se evitar a repetição do problema no futuro.

Não é possível se estocar cana nas usinas e nem etanol por prazos longos, mas com alguma antecedência talvez se possa detectar a possibilidade de escassez para que a correção de rumos seja feita o mais rapidamente possível, e não como aconteceu em 2009/2010.

## **Odebrecht compra usina e cria gigante do etanol - Aguinaldo Novo – O Globo – Economia – 18/02/2010**

Empresa, que estava com problemas de caixa, tinha entre sócios ex-presidentes do Bird e da Petrobras SÃO PAULO. A ETH Bioenergia, empresa do grupo Odebrecht, anuncia hoje a compra da Companhia Brasileira de Energia Renovável (Brenco).

Com a operação, nascerá uma das maiores produtoras de etanol do mundo, com capacidade inicial de três bilhões de litros/ano e geração de 2.500 gigawatts-hora (GWh) de energia a partir da queima do bagaço de cana.

Criada em 2007, a Brenco passava por problemas de gestão e de caixa, e a negociação com a ETH foi a melhor solução encontrada pelos atuais sócios para tentar preservar o capital já investido.

Entre os sócios da empresa, estão o indiano Vinod Khosla (fundador da Sun Microsystems), o ex-presidente do Banco Mundial (Bird) James Wolfensohn, o BNDESpar (braço de investimentos do BNDES) e o ex-presidente da Petrobras Henri Philippe Reichstul.

Já a ETH é administrada pela Odebrecht em associação com a japonesa Sojitz, dona de 33% das ações. A operação também vai representar mais um movimento na direção da consolidação do setor no país. No início do ano, a Shell fechou acordo com a Cosan para “produção de etanol, açúcar e energia elétrica, além da oferta, distribuição e transporte de combustíveis”. Com mais de US\$ 3,8 bilhões em caixa depois de vender as operações de fertilizantes para a Vale, a Bunge foi outra a anunciar que pretende dobrar suas apostas na produção de etanol.

— O setor vai sair de uma situação competitiva na oferta do produto para uma situação de oligopólio — afirmou o consultor Julio Maria Martins Borges, para quem no prazo de cinco a dez anos o número de produtores no Brasil deve cair de 300 para 15 ou 20 no máximo.

Para o consultor, passada a crise financeira de 2008, que fez os empresários engavetarem projetos de novos investimentos, o cenário aponta para o aumento do preço do barril do petróleo a médio e longo prazos.

E, nesse cenário, a busca por fontes alternativas de combustíveis vai ganhar cada vez mais espaço na estratégia dos gigantes mundiais do setor.

— Os grandes players começam a se movimentar e o Brasil é um dos grandes tabuleiros nesse jogo — afirmou Borges.

De 60% a 70% da companhia devem ficar com a Odebrecht. As negociações entre ETH e Brenco começaram em outubro passado. Antes, a Brenco também conversou com a britânica BP, a francesa Total e até a Petrobras. Procuradas ontem, as companhias não quiseram comentar a operação. No meio da tarde, em nota, a ETH anunciou para hoje entrevista “sobre a combinação de ativos das duas empresas”.

Pelas informações de executivos que têm acesso às empresas, a Odebrecht deverá ficar com um percentual entre 60% e 70% da nova companhia e com sete dos dez assentos no conselho de administração.

Como parte da operação, a Brenco também deve fazer nova emissão de debêntures, no valor aproximado de R\$ 155 milhões, e destinar o dinheiro para a construção de novas usinas.

O projeto inicial da Brenco previa a inauguração de dez usinas até 2015, com investimentos superiores a R\$ 5 bilhões. Instaladas na região Centro-Oeste do país, teriam como objetivo principal suprir a demanda por etanol do mercado externo. Mas, depois de R\$ 700 milhões investidos e novos aportes dos sócios, nenhuma ainda começou a operar. A expectativa é que a usina de Morro Vermelho (GO) inicie o processamento de cana-de-açúcar neste semestre. Alto Taquari (MT) ficou para o fim do ano e Costa Rica (MS) e Água Emendada (GO), para 2011. Já a ETH tem cinco

usinas, sendo que três começaram a operar no ano passado: Rio Claro (GO), Santa Luzia (MS) e Conquista do Pontal (SP).

Para fechar o negócio, a EHT teria exigido a manutenção do atual cronograma de investimentos por parte das empresas — por isso, a emissão de R\$ 155 milhões em debêntures.

Concluída a compra, o projeto é fazer a abertura de capital da nova companhia até o próximo ano.

Para entidade, investidores voltaram a apostar no etanol Para o diretor-técnico da União da Indústria de Cana-deAçúcar (Unica), Antonio de Pádua Rodrigues, os investidores voltaram a apostar no etanol.

Mas ele frisa que, por ora, o interesse é pela compra de ativos já existentes, e não a construção de novos.

— O setor comemora todos os negócios, mas o que temos até agora não traz crescimento assegurado de oferta para os próximos anos.

Pelas contas da entidade, o número de novas usinas que entraram em operação caiu de 30, em 2008, para 19 em 2009. A previsão é de dez a 12 para este ano.

Rodrigues afirmou que a combinação de falta de crédito e de baixa de preços do produto no mercado interno “desestimulou” novos aportes de capital nos últimos dois anos.

— É preciso investir em novos projetos. Uma usina pode levar de três a cinco anos para entrar plenamente em operação — disse o diretor da Unica.

### **Produção de agrocombustíveis gera emissões por desmatamento – Sítio Eletrônico do MST – 19/02/2010**

19 de fevereiro de 2010

*Do Amazonia.org*

Estudo divulgado pela PNAS (Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA) indica que os impactos indiretos das mudanças de uso da terra geradas pela produção de biocombustíveis no Brasil podem se sobrepor à utilidade do uso desse produto para redução de emissões de gases do efeito estufa.

Segundo a pesquisa, que se baseia na previsão das alterações do uso da terra que seriam causadas pela expansão da produção de biocombustíveis no Brasil até 2020, o cultivo de matérias-primas para biocombustíveis poderá causar emissões por desencadear, de forma indireta, o desmatamento da Amazônia.

"Nossas simulações mostram que as mudanças diretas do uso da terra têm um impacto pequeno nas emissões de carbono porque a maioria das plantações de biocombustíveis poderia substituir áreas de pasto. Entretanto, alterações indiretas, especialmente aquelas que empurram a fronteira da pecuária para a floresta amazônica, poderiam compensar a economia de emissões possibilitada pelo uso de biocombustíveis", explica o estudo.

Segundo o relatório, o etanol da cana e o biodiesel feito a partir da soja contribuiriam com aproximadamente metade do desmatamento indireto projetado para 2020 (121.970 km<sup>2</sup>), criando um débito de carbono que levaria 250 anos para ser reparado pela substituição de combustíveis fósseis por biocombustíveis.

Os pesquisadores responsáveis pela análise afirmam terem testado diferentes matérias-primas que poderiam satisfazer a demanda do Brasil por biocombustíveis. Com isso, eles descobriram que o óleo de palma poderia causar as menores mudanças no uso da terra e, com isso, menor débito de emissões de carbono associadas à produção.

Para estimar a ampliação da área de pastos necessária nos próximos anos no Brasil, o estudo se baseou num aumento da densidade do rebanho para 0,09 cabeças por hectare.

De acordo com os pesquisadores, um aumento maior da concentração de gado por área, de 0,13 cabeças por hectare, em todo o país, poderia evitar as mudanças no uso da terra indiretas, causadas pelos biocombustíveis, enquanto ainda supriria toda a demanda brasileira por alimento e bioenergia. A constatação aponta a necessidade de investimentos em pecuária intensiva.

"Nós sugerimos que uma colaboração ou uma ligação institucional estreita entre os setores de biocombustíveis e pecuária nos próximos anos será crucial para a economia efetiva das emissões causadas por biocombustíveis no Brasil", conclui a pesquisa.

### **Cana-de-açúcar: altos impactos socioambientais** – Sítio Eletrônico do MST – 26/02/2010

A safra 2008/09 da cana-de-açúcar terminou com uma série de impactos socioambientais negativos, como violações aos direitos trabalhistas, degradação ambiental e desrespeito aos direitos de populações indígenas. Essas são algumas conclusões do último relatório do Centro de Monitoramento de Agrocombustíveis (CMA) da ONG Repórter Brasil.

O estudo faz uma análise dos vetores que puxaram a produção de cana no país em 2009. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção brasileira atingiu 612,2 milhões de toneladas em 2009, alta de 7,1% em relação ao período anterior. O estado de São Paulo concentrou 57,8% da produção e colheu 354,3 milhões de toneladas, 2,5% a mais do que em 2008.

Além do preço do açúcar, que estimulou o setor em 2009, o etanol também serviu de motivação para os usineiros. A venda de veículos flex, ou seja, que podem utilizar gasolina ou etanol, representaram 92,3% do total de unidades negociadas no país em 2009. Foram 2,6 milhões de veículos novos vendidos ao longo de 2009, uma alta de 13,9% em relação ao ano anterior, de acordo com dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

O grande problema, segundo o relatório do CMA, é que o aumento a produção de cana-de-açúcar e de etanol tende a ser feito sobre bases pouco comprometidas em termos socioambientais. Uma análise das condições trabalhistas do setor é reveladora. Em 2009, 1.911 trabalhadores escravos foram libertados no setor da cana nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Pernambuco, e Rio de Janeiro.

Em São Paulo, onde está a maior parte da produção, os problemas trabalhistas se concentram no excesso de jornada e em más condições de segurança, higiene e alimentação. As violações em termos laborais não envolvem apenas pequenos produtores. Vale lembrar que a Cosan, maior grupo sucroalcooleiro do país, foi inserido em dezembro de 2009 na "lista suja" do trabalho escravo do Ministério do Trabalho e Emprego – e saiu em seguida, após liminar obtida na Justiça.

Propostas para enquadrar o setor sucroalcooleiro em 2009, o Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar (ZAE) e o Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar permanecem no papel. Enquanto o ZAE depende de avaliação pelo Congresso Nacional, os gestores do "Compromisso" ainda não definiram como será feito o monitoramento das usinas signatárias.

Estimativas dão conta de que 600 mil hectares de Cerrado nativo poderão ser convertidos diretamente em cana até 2035 e outros 10 milhões, hoje com outras atividades agropecuárias, correm o risco de se tornarem grandes canaviais. Estados com áreas de expansão, como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, tiveram em 2007 e 2008 áreas de floresta convertidas em cana.

O estudo do CMA também faz uma alerta sobre a segurança alimentar do país. A tese do governo e do setor sucroalcooleiro de que a expansão da cana se dará, sobretudo, sobre pastagens degradadas pode ser uma tendência para o futuro, mas não é em todo verdadeira. De acordo com o Canasat, sistema de monitoramento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), nos estados de Minas Gerais, Goiânia, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso foram principalmente as culturas alimentares que perderam área para a cana nos últimos anos.

O relatório também traz análises sobre os impactos causados pela cana a populações indígenas. Problemas fundiários entre produtores de cana e indígenas são graves no Mato Grosso do Sul. Entre as 42 Terras Indígenas já reconhecidas no Estado, grande parte se concentra na região da expansão canavieira no Cone Sul do Estado. De acordo com o Ministério Público Federal, 16 usinas estão localizadas nos municípios sul-mato-grossenses onde há terras já identificadas e delimitadas pela Funai.



A enorme discussão a respeito do aumento estacional do preço do etanol revela a sua importância na substituição dos derivados do petróleo no setor de transporte (leve e pesado) e, muito em breve, na produção de energia elétrica. Estima-se que quase 2/3 daqueles derivados são utilizados no transporte de pessoas e mercadorias. As importações de petróleo são responsáveis por 61% do formidável déficit comercial dos EUA em 2009, o que mostra que aquele país perdeu a sua autonomia energética que caracteriza, junto com as autonomias alimentar e militar, o poder do Império.

Não foi à toa, ou por acaso, que no lançamento do seu programa energético (5 de maio de 2009), o então recém-eleito presidente Barack Obama disse: "Devemos investir numa economia de energia limpa, que criará novos empregos, novos negócios e reduzirá nossa dependência da importação de petróleo. As medidas que estamos anunciando levam-nos para perto desse objetivo. Se desejarmos liderar a economia global do século XXI, devemos liderar a tecnologia da produção de energia limpa. Com a engenhosidade e determinação dos americanos, podemos e vamos ser bem-sucedidos".

Seu competente e eficiente secretário de Energia, Steven Chu anunciou, ao lançar o programa de quase US\$ 800 bilhões (metade do PIB anual do Brasil!): "O desenvolvimento da tecnologia de próxima geração de biocombustíveis é a chave para terminar nossa dependência da importação de petróleo e amenizar a crise climática. Ao mesmo tempo criará milhões de empregos que não podem ser transferidos para o exterior (outsourced)", e acrescentou: "Com os investimentos e a engenhosidade dos americanos - e recursos criados aqui mesmo no país - poderemos liderar o desenvolvimento da nova economia verde".

Atualmente, o Brasil, graças às pesquisas de organismos privados, da Embrapa e da Petrobras, lidera a produção de etanol e caminha na produção mais eficiente do biodiesel. Como demonstrou em excelente artigo no **Valor** o competente ministro de Ciência e Tecnologia, Sérgio Machado Rezende, o Brasil está antenado para tentar conservar essa liderança. A prova disso é a inauguração, em Campinas, do Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE). Este é um investimento fundamental.

As novas tecnologias que estão sendo desenvolvidas nos laboratórios e na academia dos EUA (graças à dotação dos US\$ 800 bilhões!) devem trazer, num futuro não muito distante, surpresas insuspeitadas em matéria de produção de energia verde. Um dos caminhos promissores (e privilegiados pelo programa americano) é a tecnologia da produção de etanol derivado de algas. Tudo indica que quando ela for economicamente factível (as pesquisas já têm mais de 50 anos) haverá uma verdadeira revolução na substituição do petróleo.

O uso do etanol como combustível líquido no setor de transporte (terrestre e aéreo), no setor de energia elétrica (turbinas a etanol) e nos derivados do álcool-química são visíveis a olho nu. Dentro de alguns anos será fator determinante na formação dos preços dos combustíveis fósseis. Isso sem falar nas outras fontes de energia (solar, geotérmica, eólica, atômica etc.), cujas tecnologias se desenvolvem celeremente.

A energia fóssil (carvão e petróleo), que produziu a revolução industrial e o desenvolvimento dos séculos XVIII a XX, vai perder a sua hegemonia no século XXI.

Trará, como subproduto, uma redução da produção de CO<sub>2</sub> (e outros gases de efeito estufa) por unidade do PIB, o que amenizará os efeitos da atividade humana sobre a evolução do clima do planeta.

Essa perspectiva sugere que devemos tentar fazer do limão (o tremendo aumento estacional do etanol na safra 2009/2010) uma limonada: trabalhar para tornar, efetivamente, o etanol uma commodity, com preços regulados por contratos bem construídos nas bolsas internacionais. Isso exige uma ação preliminar do Brasil e dos Estados Unidos. O primeiro, eliminando a tarifa alfandegária de 20% sobre a importação do etanol; o segundo, aproveitando a oportunidade para eliminar seu abusivo imposto sobre a unidade do produto (2,5% "ad valorem", mais US\$ 0,54 por galão) sobre sua importação.

Esse é o único caminho para amenizar (não eliminar) a natural variação estacional dos preços de um produto agrícola (com safras diferentes dependendo da latitude dos países) que é produzido num curto período (menos de seis meses) e consumido de forma quase uniforme ao longo de 12 meses. Exatamente por causa das "incertezas do tempo" é necessário, também, manter um estoque de reserva de dois a três meses de consumo. A estocagem da reserva de passagem e do produto ao longo do ano tem um custo respeitável. Com parâmetros razoáveis: reserva de passagem de dois meses e meio, taxa de juros da ordem de 10% a 20% ao ano e custo de armazenagem de 1%, os preços do etanol são onerados entre 9% e 15%.

Esse custo poderia ser significativamente reduzido e seus preços menos influenciados pelas variações estacionais, com o etanol como uma commodity internacional. É preciso não ser tentado pela solução aparentemente fácil que tal objetivo possa ser intermediado pela construção de um estoque regulador nacional controlado pelo governo. Esse filme nós já produzimos em preto e branco e não teve um final feliz...

**Álcool 61%** - André Meloni Nassar – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 17/02/2010

A Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos EUA finalizou a regulamentação para o programa de utilização de combustíveis renováveis em misturas na gasolina e no diesel.

A publicação da legislação era esperada ansiosamente aqui, no Brasil, porque um dos biocombustíveis em análise pela EPA é o etanol de cana-de-açúcar. A regulamentação concluiu que o etanol de cana é um "bom biocombustível", ou seja, um combustível renovável que reduz substancialmente as emissões de gases de efeito estufa (GEEs) em relação à gasolina.

Considerar o etanol um bom combustível traz alguma surpresa para nós, brasileiros?

Não. Por que, então, o resultado foi recebido com satisfação no Brasil? Esse resultado, embora pareça óbvio, esconde um longo processo de negociação e de reavaliação das posições da EPA. A versão inicial da lei, publicada em maio de 2009, havia considerado o etanol de cana-de-açúcar exatamente o oposto, ou seja, um "combustível ruim" quanto às emissões de GEEs. Especialmente para nós, do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône), que estivemos

umbilicalmente envolvidos na parte técnica, causou positiva surpresa a atitude da EPA de reconhecer a ajuda dada pelos especialistas brasileiros consultados no decorrer da revisão da legislação.

Diferentemente do Brasil, a regulamentação que determina a utilização de biocombustíveis nos EUA requer que as emissões de GEEs sejam quantificadas para garantir que os combustíveis renováveis contribuam para as metas globais de redução de emissões. A lógica do legislador norte-americano é que só faria sentido misturar etanol à gasolina se o combustível renovável reduzisse substancialmente as emissões de GEEs. Esse “substancialmente” foi definido como 20% de redução no caso do etanol renovável – classificação criada para enquadrar o etanol de milho, 50% de redução no caso do etanol avançado (categoria para o etanol de cana-de-açúcar) e 60% no caso do etanol celulósico. Isso significa o seguinte: considerando que a gasolina emite 98 kg de CO<sub>2</sub> equivalente por milhão de BTUs de energia gerada, o etanol de cana, para ser considerado avançado, deveria emitir, no máximo, 50% desse valor (49 kg de CO<sub>2</sub>e/mmBTU). As emissões calculadas pela EPA apontam para emissões médias de 38 kg de CO<sub>2</sub>e/mmBTU, 61% menos que as emissões da gasolina.

Nem sempre os resultados foram estes. Na primeira versão da regulamentação o cálculo da EPA apontava para emissões do etanol de cana de 72,3 kg de CO<sub>2</sub>e/mmBTU, ou seja, 26% menos que a gasolina. O reconhecimento pela EPA da eficiência do etanol de cana-de-açúcar quanto às emissões de GEEs tem duas implicações.

A primeira é que a lei norte-americana de segurança energética garante um mercado de, pelo menos, 15 bilhões de litros em 2022 para os biocombustíveis avançados. A segunda é que a EPA deu o primeiro passo para colocar uma pá de cal na discussão sobre as emissões indiretas do etanol de cana.

Combustíveis renováveis de base agrícola, como o etanol e o biodiesel, têm como principal insumo produtivo a terra. À medida que a demanda pelo biocombustível aumenta, ainda que menos do que proporcionalmente, em decorrência dos ganhos de produtividade, a demanda por terra também aumenta.

Assim, para um cenário de aumento de demanda pelo etanol brasileiro no Mercado norte-americano, que deverá ocorrer por conta da lei de segurança energética, espera-se aumento da área plantada com cana. Se, simultaneamente à expansão da cana, ocorrer aumento da área agrícola total, aumento esse que não estaria ocorrendo se a cana não se tivesse expandido, cria-se uma relação de causa e efeito entre o avanço da cana e a conversão de vegetações naturais.

As emissões da conversão da vegetação natural, na presença dessa relação de causa e efeito, passam a ser atribuídas à cana, elevando as emissões de GEEs do etanol. Esse simples e óbvio raciocínio econômico se transformou num dos testes de fogo para o etanol, teste que o brasileiro vai deixando para trás com os novos resultados da EPA. Da versão preliminar para a versão final da regulamentação, as emissões associadas à mudança no uso da terra foram reduzidas em dez vezes.

Dentre as diversas razões que explicam essa guinada de avaliação da EPA, além do impecável trabalho desenvolvido pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) e pelo governo brasileiro, está um trabalho técnico de alimentação da EPA com informações e análises que permitissem ao órgão do governo norte-americano entender a dinâmica da expansão da produção agropecuária no Brasil e seus efeitos na conversão de vegetação natural em atividades produtivas.

Essas informações chegaram ao EPA por meio de uma ferramenta que, no Icone, batizamos de Blum (*Brazilian Land Use Model*, em português, Modelo Brasileiro de Uso

da Terra) e, na EPA, ficou conhecida como Módulo Brasileiro. Desenvolvido pelo Icone, em conjunto com um grupo da Universidade de Iowa, nos EUA, o Módulo Brasileiro foi usado como ferramenta pela EPA para quantificar os efeitos da expansão da cana na fronteira do cerrado e da Amazônia brasileiros e, conseqüentemente, calcular as emissões de GEEs. Antes de usar o Módulo Brasileiro, na publicação da primeira versão da regulamentação, a EPA chegou à conclusão de que, para cada hectare de expansão de cana, ocorria a conversão de 1,4 hectare na fronteira, sobretudo na Amazônia. Com o Módulo Brasileiro, o mesmo hectare de cana provocaria 0,6 hectare de conversão na fronteira – quase nada na Amazônia –, já que parte da expansão da cana seria absorvida pela intensificação de pastagens, sem prejuízo da produção de carne e leite.

Ao reconhecer que havia a necessidade de revisar os números das emissões do etanol de cana, e ao decidir fazer isso a partir de contribuições de especialistas brasileiros, a EPA mostrou que nem sempre a política está à frente da ciência. ●

### **Etanol embala retomada sucroalcooleira – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2010**

O segmento sucroalcooleiro começa uma nova safra no Brasil, em março, com a percepção de que está diante do início de um novo ciclo virtuoso alimentado pela boa demanda internacional por açúcar e pela flagrante renovação das apostas na consolidação do etanol como combustível global competitivo, renovável e mais limpo.

No curto prazo, os estoques apertados dos dois principais subprodutos da cana tendem a sustentar cotações e melhorar as margens das usinas. Somados à circulação menos restrita de crédito, os bons preços deverão paulatinamente deixar para trás dois anos de caixa vazio, quebra de empresas e contenção de aportes - e, estruturalmente, de mudança de perfil.

Se por um lado representou bilhões de dólares em investimentos represados e frustração em importantes polos canavieiros do Centro-Sul, por outro a crise acelerou transformações que, em boa medida, esbarravam nos bolsos cheios de usineiros históricos.

É verdade que, mesmo com o cenário adverso, a Cosan, maior companhia sucroalcooleira do mundo, reinventou gestão e negócios e tornou-se fundamentalmente um grupo de combustíveis, sobretudo após a parceria com a anglo-holandesa Shell, também interessada em transformar o etanol em commodity.

Mas players tradicionais como os também paulistas Santelisa Vale e Moema foram incorporados por multinacionais em migração para a energia renovável - Louis Dreyfus e Bunge, respectivamente -, e novos players nascidos no país na maré favorável de 2007, como ETH e Brenco, uniram forças antes de retomar promessas de expansões.

Apesar da mudança de quadro, coroada pelo atestado da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de que o etanol de cana é mesmo um "biocombustível avançado", o que deixa o produto sem concorrentes economicamente viáveis, a volta dos grandes investimentos deverá ficar para a próxima safra (2011/12).

E isso por uma razão simples: produzir está caro e os custos dos projetos também subiram com as boas perspectivas, mesmo que as empresas ainda tenham ajustes a efetuar seja por dificuldades do passado recente ou pelos trabalhos de integração em curso.

A valorização do real em relação ao dólar em 2008 e 2009 pesou bastante no encarecimento da atividade. Segundo a consultoria Datagro, entre 2002 e 2010 os custos de produção quase triplicaram. Em 2002, a produção de um litro de álcool anidro (misturado à gasolina) custava 17 centavos de dólar, valor que em 2010 já estava em 45 centavos de dólar.

Conforme Plínio Nastari, presidente da Datagro, por essas e outras o investimento para se construir uma nova usina no Centro-Sul saltou, na mesma comparação, de US\$ 35 a US\$ 40 por tonelada para entre US\$ 100 a US\$ 110 a tonelada de cana processada. Esse valor recuou nos anos de crise, mas já voltou a aumentar com o cenário otimista.

Na mesma comparação, se for descontada a inflação, o preço do álcool recuou. Da safra 2002/03 para a 2009/10, os preços médios do anidro vendido pelas usinas às distribuidoras (sem impostos) caíram de R\$ 1,12 o litro para aproximadamente R\$ 0,99, segundo dados do Cepea/Esalq já deflacionados pelo IGPM.

Independentemente da equação, Antônio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), lembra que novos aportes serão necessários. "Até 2015, o consumo interno de álcool deve dobrar de 26 bilhões para 50 bilhões de litros, e a demanda externa pelo produto brasileiro pode chegar a 15 bilhões de litros. Isso exigirá investimentos US\$ 50 bilhões em novas usinas de etanol. Mas tais aportes ainda não estão acontecendo".

Apesar de os preços do açúcar estarem em patamares recordes e terem até ajudado a abreviar a agonia de algumas usinas, a decisão de implantar um projeto greenfield de usina (construção a partir do zero) normalmente não considera os preços praticados em uma única temporada.

"Nas nossas avaliações de taxa de retorno, não compensa neste momento construir um greenfield. O retorno não é adequado", confirma Jacyr Costa Filho, CEO da Açúcar Guarani, pertencente ao conglomerado francês Tereos.

É por isso que grande parte dos aportes em andamento limitam-se a ampliar a produtividade agrícola e a melhorar processos industriais. A própria Guarani faz isso na unidade São José, em Colina (SP), que na nova safra terá capacidade de moagem de cana de 3,6 milhões de toneladas, 700 mil a mais que em 2009/10. "Os bons resultados desta próxima safra devem estimular novos investimentos", diz Jacyr.

Os preços atuais do açúcar, afirma Plínio Nastari, viabilizam projetos, mas a questão central para o segmento, agora, é ampliar sua competitividade, até por conta dos maiores custos de produção. "O capital está sendo empregado em modernização de ativos, aumento de eficiência energética e diversificação de produtos. Busca-se também

a flexibilidade da produção entre açúcar e álcool para que se possa captar os melhores preços".

As indústrias de base que fornecem equipamentos para usinas corroboraram a tendência de mais investimentos, mas menores. Líder nesse mercado, a Dedini, de Piracicaba (SP), é exemplar. A empresa projeta vendas de R\$ 1,3 bilhão em 2010, 25% mais que em 2009 mas longe do recorde de R\$ 3 bilhões de 2007, quando havia mais projetos do que cana.

A curva ascendente do número de novas usinas estreantes em todo o país tornou-se mais aguda em 2005, quando cinco unidades entraram em operação, segundo a Job Economia e Planejamento. Em 2006 foram 12, em 2007 mais 17 começaram a rodar e em 2008, mesmo com os sinais de que tempos difíceis viriam, foram 29.

Dali em diante, dezenas de projetos ficaram pelo caminho e os que avançaram o fizeram com empréstimos-ponte, endividamento a juros altos, venda de ativos e consolidações. Com isso, aponta a Job, 20 usinas entraram em operação em 2009 e a previsão para 2010 é de 15 estreias, o que levará o número total para 472.

Esse "efeito inercial" de projetos que não podiam parar colaboraram para manter os desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em alta. Em 2010 mais R\$ 6 bilhões do banco de fomento devem chegar ao segmento, mesmo nível do ano passado.

Neste ponto o ambiente futuro favorável ao etanol, nos mercados domésticos e - sobretudo - internacional, ajuda a garantir, no mínimo, a aceleração da retomada de novos investimentos. "A chancela do EPA [a agência ambiental americana] vai dar mais segurança para o investidor continuar apostando na produção do etanol", diz Joel Velasco, representante-chefe para a América do Norte da Unica.

Nesse sentido, observa Velasco, o próximo passo é vencer a batalha no Congresso dos EUA, ainda este ano, para derrubar a tarifa de importação que o país impõe sobre o etanol. Daí o quadro para a consolidação de uma commodity global e para a multiplicação de aportes no Brasil estará completo.

#### **Aval de agência americana é 'passaporte' do combustível – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2010**

Depois de duas safras de preços do etanol pouco ou nada remuneradores, as empresas brasileiras que atuam no ramo já tiveram em 2010 duas notícias de peso para o futuro dos negócios com o combustível no mercado externo.

O primeiro foi o reconhecimento, pela Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos, de que o álcool de cana do Brasil é um "biocombustível avançado", o que tende a quebrar resistências e facilitar a abertura de mercados para o produto em outros países. O segundo, ligado ao primeiro, foi a efetiva entrada de grandes petroleiras no segmento, o que também deve facilitar a disseminação da "nova" commodity.

Joel Velasco, representante-chefe para a América do Norte da União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica), observa que, agora, é preciso continuar trabalhando pela redução da tarifa americana sobre as importações de etanol - ou pelo menos para que ela não seja renovada quando expirar, em 31 de dezembro de 2010.

"O reconhecimento da EPA nos dá credibilidade para pedir a redução da tarifa. Mas já há argumentos do outro lado de que o etanol brasileiro já teve o 'privilégio' de ser considerado melhor ambientalmente, e que a redução ou o fim da tarifa iria prejudicar em demasia os produtores de etanol americanos", diz Velasco.

Também prejudicadas pela crise financeira mundial, muitas indústrias de etanol dos EUA viveram momentos difíceis mesmo com os subsídios do governo, o que é usado hoje como apelo político. Estima-se no mercado que 22 usinas de etanol das 186 existentes estão atualmente paralisadas no país.

A tarifa de importação é de 0,54 centavos de dólar por galão de etanol vendido e limita as exportações do Brasil. Mário Silveira, analista da FCStone, esclarece que a exportação aos Estados Unidos acaba sendo viável apenas em momentos de oscilações cambiais ou baixos preços no mercado brasileiro, como em época de safra.

Assim, reforça Marcos Jank, presidente da Unica, se a tarifa não cair, será difícil conseguir exportar em volumes significativos. "Hoje 15% do álcool do Brasil é exportado. Até 2011 podemos atingir 20%, mas isso vai depender de como essa combinação do reconhecimento do EPA vai se dar com a redução tarifária, que é alta nos Estados Unidos e em outros países", diz.

As argumentações brasileiras na EPA começaram há um ano e meio e só há duas semanas veio o reconhecimento da agência. Para ser considerado "avançado", um biocombustível precisa emitir, no mínimo, 50% menos CO<sub>2</sub> do que a gasolina. E o etanol reduz em 61% essa emissão. Melhor que isso: só o etanol de celulose, ainda em pesquisas e no campo das promessas, aparece como ambientalmente melhor.

André Nassar, diretor-geral do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône), conta o longo percurso para alterar a definição anterior da EPA, que inicialmente considerava que o etanol de cana do Brasil reduzia apenas em 26% a emissão de CO<sub>2</sub> na comparação com a gasolina.

"O mais difícil foi explicar e convencer o órgão americano de que o crescimento da área plantada de cana não estava indo para a Amazônia, mas para pastagens e áreas já ocupadas com agricultura, sobretudo grãos", diz o diretor do Icône, que trabalhou para a Unica na argumentação sobre o uso da terra.

Segundo a legislação americana, o uso de biocombustíveis em 2010 no país será de 49 bilhões de litros, dos quais 760 milhões de litros são reservados para biocombustíveis avançados - ou seja, o etanol de cana. O volume é irrisório mesmo em comparação ao que o Brasil já exporta aos EUA, mesmo com tarifa.

Em 2009, por exemplo, que foi um ano de exportações mais magras, o volume enviado atingiu 2,7 bilhões de litros. Isso somente em exportações diretas, ou seja, sem

considerar o volume que entra nos EUA depois de triangulações por países da América Central.

Mas o ambicioso programa americano, que prevê uma progressiva ampliação até o pico de 136 bilhões de litros de biocombustíveis até 2022, determina para 2015 o uso de 5,7 bilhões de litros do produto avançado. E nessa categoria, até agora, só o Brasil. **(FB)**

### **Aprovação do etanol brasileiro** – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 18/02/2010

A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido a partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado – que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina – derruba uma das principais barreiras não tarifárias à entrada do álcool combustível brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.

Para entrar no Mercado americano, no entanto, o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos – alguns criados pela política externa do Brasil, como a perda do apoio ao produto brasileiro atribuído agora pelo Congresso Americano Judaico. Por causa da aproximação do governo Lula do governo iraniano chefiado por Ahmadinejad, o Congresso decidiu que não mais se esforçar pela entrada do etanol brasileiro nos EUA.

Apesar dessa nova dificuldade, a certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007 – que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa –, estabelece um consumo máximo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.

Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros estão reservados para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros.

A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecer que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o máximo exigido de 40%. Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008.

Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%. Em estudo que apresentou à EPA, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) enfatizou o papel da cana-de-açúcar como matéria-prima principal para a produção de energia limpa e renovável – o etanol americano, que usa basicamente o milho, reduz em apenas 21% a emissão de gases de efeito estufa – e mostrou que a produção no Brasil é sustentável, pois a área plantada com cana representa pouco mais de 1% da área agrícola do País. “O impacto de médio e de longo prazos dessa decisão é mais importante do que uma eventual redução da tarifa de importação do etanol aplicada pelos Estados Unidos”, comemorou o representante da Unica em Washington, Joel Velasco.

“A decisão da EPA ressalta os muitos benefícios ambientais do etanol de cana e afirma que este combustível avançado, renovável e de baixa emissão de carbono pode



ajudar o mundo a mitigar os efeitos do aquecimento global e, ao mesmo tempo, diversificar a matriz energética, inclusive nos EUA.”

Mas o etanol ainda está longe de ter um mercado global.

Apresentado desde o início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a emissão de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformá-lo em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US\$ 0,54 por galão.

Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. O grande potencial de Mercado para o etanol brasileiro nos EUA, como mostram os números acima citados. Na União Europeia, o potencial é menor, pois pelo programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da Unica indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida por biodiesel).

### **Energia eólica chega ao mercado livre – Valor econômico – Empresas – 19/02/2010**

A estratégia da Tractebel para este ano, a maior empresa privada de geração de energia e que possui uma das maiores comercializadoras do país, é atrair supermercados, shoppings e grandes lojas para o mercado livre com a venda de energia eólica. Esse tipo de energia alternativa tem um desconto para empresas que consomem entre 500 kW e 3000 kW, e pode se tornar um bom negócio para elas que tem um desconto de 50% na tarifa de distribuição. Por outro lado, as geradoras podem viabilizar seus projetos de energia eólica antes mesmo que o governo federal faça seu próximo leilão.

De acordo com o presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, já está confirmado um novo leilão de energia de reserva para este ano no qual poderão ser comercializados energia da biomassa, PCHs e também de origem eólica. As linhas do leilão ainda não estão definidas, mas os tipos de energia não devem competir entre si, serão vendidas em produtos diferentes.

O que animou o governo foi o sucesso do leilão do ano passado em que se comercializou 1.800 MW de capacidade instalada de energia eólica. Tolmasquim diz, inclusive, que o plano decenal de energia deverá trazer um projeto com uma boa quantidade anual de energia alternativa. Isso dará uma nova perspectiva para as empresas que estão apostando no setor e esperam inclusive abrir capital na Bovespa. Caso da Renova Energia, que já está com um processo de emissão de ações em andamento e que no ano passado vendeu no leilão do governo 14 parques eólicos com capacidade de gerar 270 MW.

A venda de energia eólica no mercado livre se tornou possível depois que o primeiro leilão do governo, realizado em meados de dezembro, estabeleceu um patamar

de preço para esse tipo de energia e que se mostrou competitivo com outros tipos de energia incentivada, como biomassa e pequenas centrais hidrelétricas. O preço-teto do leilão ficou em R\$ 189,00, mas a energia foi vendida em média a R\$ 150,00.

Os primeiros contratos de venda no mercado livre já foram inclusive feitos, pela Bioenergy, que vendeu 230 MW para a empresa comercializadora da Cemig em um leilão privado que tinha como preço mínimo R\$ 140,00 e um contrato de 20 anos. A Bioenergy ainda vendeu 162 MW no leilão do governo federal e a ideia agora é buscar novos clientes, a exemplo da Tractebel, naquele grupo que pode comprar energia incentivada.

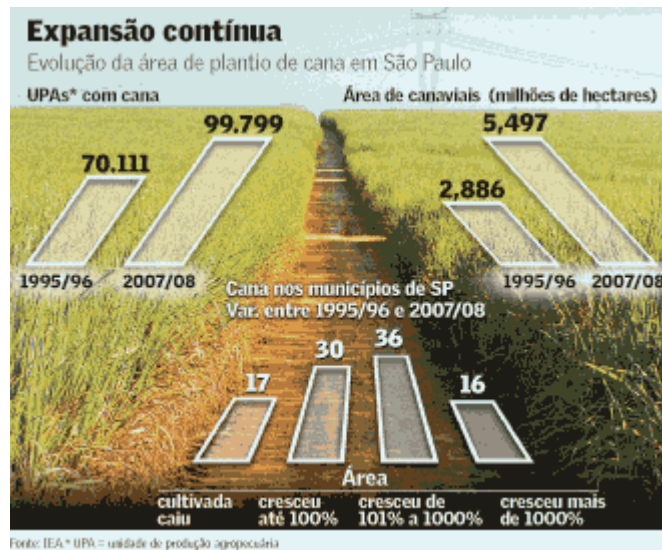
Como já têm parques sendo construídos ou até em operação, os dois grupos podem se aproveitar do ganho de escala e passar a vender em prazos não tão longos como o do contrato com a Cemig. A Tractebel, por exemplo, tem dois parques eólicos que foram erguidos no âmbito do Proinfa e que podem agora ser expandidos a medida em que a energia é vendida. O presidente da empresa, Manoel Zaroni, diz que tem expectativa de vender cerca de 150 MW de energia por dez anos e a um preço um pouco maior do que os R\$ 150,00 em média negociados no primeiro leilão de energia eólica.

Zaroni conta que a Tractebel tinha dois projetos habilitados para o leilão, mas não foram competitivos porque a empresa não contou com a renovação do convênio Confaz que dava isenção de ICMS a aerogeradores. Não fosse isso, os preços seriam competitivos segundo Zaroni porque a capacidade produtiva de seu parques chega a 40%. A maioria dos projetos vendidos no leilão ano passado tinham esse percentual de fator de produtividade. **(JG)**

### **Censo mapeia expansão da cana em SP – Fernando Lopes – Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2010**

Sim, a área plantada de cana cresceu vertiginosamente em São Paulo nas últimas décadas. Um número maior de propriedades rurais passou a investir na cultura no Estado, e grande parte do avanço dos canaviais se deu sobre áreas que antes abrigavam pastagens, grãos e laranja. Mesmo assim a produção paulista de alimentos cresceu, ainda que a perda de espaço de algumas lavouras tenha afetado o ritmo de incremento.

Com uma ou outra ressalva, o diagnóstico acima é repetido por especialistas do setor desde que uma nova onda global em torno do etanol começou a se formar, no fim de 2006. Mas, sobretudo no caso do avanço dos canaviais sobre outras atividades, faltavam dados mais concretos de campo para comprovar a tese, e esse talvez seja o principal objetivo do novo Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo.



De autoria dos pesquisadores Mário Pires de Almeida Olivette, Katia Nachiluk e Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco, do Instituto de Economia Agrícola (IEA) - vinculado à Secretaria da Agricultura do Estado -, a nova versão do Projeto Lupa, como é conhecido o censo, será publicado nos próximos dias e compara a evolução dos canaviais e seus reflexos em "concorrentes" entre as safras 1995/96 e 2007/08.

A partir da análise dos dados coletados entre julho de 2007 e setembro de 2008 por meio da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) e IEA, o novo levantamento mostra que a área cultivada com cana-de-açúcar aumentou 101% entre as duas safras e alcançou 5,497 milhões de hectares, ou 26,8% do total ocupado no Estado por culturas perenes, temporárias, pastagens, reflorestamento, vegetação natural, brejos e várzeas e áreas de descanso ou complementares.

Em 2007/08, a área total de cana em São Paulo dividia-se por 99.799 unidades de produção agropecuária (UPAs), ante 70.111 propriedades que tinham canaviais em 1995/96. O número de UPAs aumentou, portanto, 42%, enquanto a área cresceu 101%. O levantamento realça que, de todos os municípios paulistas, 17% reduziram a área de cana entre 1995/96 e 2007/08, enquanto 30% a ampliaram em até 100%, 36% de 100% a 1.000% e 16% em mais de 1.000%.

Com o aumento de área apurado e os ganhos de produtividade obtidos com o desenvolvimento de novas técnicas de manejo, variedades de cana mais eficientes e mecanização, a colheita de cana em São Paulo passou de 191,192 milhões de toneladas em 1996 para 332,234 milhões em 2007, conforme dados adicionais fornecidos ao **Valor** por Mário Olivette. E é nesse ponto que o pesquisador atenta: apesar de acossadas pelos canaviais, a produção de outras cadeias, inclusive alimentos, também aumentou no intervalo.

"Nosso objetivo foi demonstrar o que apontavam os discursos, sobretudo na questão da disputa de terras entre energia e alimentos. No período analisado, vimos que as pesquisas ajudaram a incentivar a expansão dos canaviais, mas também a produção

de alimentos no Estados. Na região oeste de São Paulo, por exemplo, a produção de grãos está muito tecnificada", afirma Olivette.

Mesmo a produção de laranja, também muito afetada pela proliferação de doenças como o greening e que cedeu espaço para a cana nesses últimos anos, sobreviveu e manteve-se praticamente estável. A área plantada com a fruta caiu de 865,8 mil hectares, em 1995/96, para 741,316 mil em 2007/08. São Paulo abriga o maior parque citrícola do mundo e é responsável por mais de 80% das exportações brasileiras de suco de laranja - que, por sua vez, respondem por mais de 80% dos embarques totais globais.

No caso do milho, grão mais cultivado no Estado, a área encolheu quase 46%, de 1,234 milhão de hectares para 667,7 mil. Na soja, a queda foi de 44,5%, para 396,4 mil, enquanto no feijão foi de 35,8%, para 104,2 mil, e no arroz foi de 63%, para 16,8 mil. Ainda assim, informa Olivette, a colheita de grãos em São Paulo mais do triplicou de lá para cá.

O levantamento destaca que área e produção de café diminuíram de 1995/96 a 2007/08, o que foge da tendência dos demais produtos citados, que a braquiária, que domina as pastagens paulistas, perdeu pouco espaço e segue soberana na ocupação da terra, com 7,190 milhões de hectares em 2007/09, e que o eucalipto, no time da cana, passou a ocupar uma área maior no Estado - 862,5 mil hectares, 27% acima do resultado apurado em 1995/96. A produção de frutas em geral também disparou.

Levando-se em consideração a ocupação da terra pela cana, o levantamento do governo divide o Estado em quatro áreas principais. O grupo 1, formado por 201 municípios do centro e do oeste de São Paulo (32,5% do total de municípios paulistas), é caracterizado por um incremento pujante dos canaviais, de 506,8 mil hectares para 2,034 milhões. Nesta porção, a cana tomou espaço de grãos e pastagens, principalmente.

No grupo 2, composto por 174 municípios espalhados também pelo centro e o oeste do Estado, mas também na "perna leste" do mapa, a expansão dos canaviais foi menor, mas também expressiva - a área foi de 56,7 mil para 178,9 mil hectares. Neste rol a tomada de áreas de outras culturas foi bem mais modesto e o crescimento dos eucaliptos também foi elevado.

No grupo 3, que se concentra no centro-norte do Estado e onde está o polo de Ribeirão Preto, talvez o mais conhecido centro canavieiro do Brasil e do mundo, o plantio de cana, mais maduro, também cresceu, mas menos. O que chama a atenção nesta frente é a redução do espaço ocupado pelos pomares de laranja - de 338,5 mil hectares em 1995/96 para 147,9 mil em 2007/08 -, mas muito mais por causa de problemas fitossanitários próprios do que pelo assédio sucroalcooleiro. No grupo 4, espalhado no sul e mais perto do litoral, a cana tem pouca influência.

## **Biodiesel**

**Ecólogo defende dendê no lugar do biodiesel de soja** – Folha de São Paulo – Ciência  
– 09/02/2010

O estudo de David Lapola também toca no delicado no debate sobre qual planta será a melhor para produzir biodiesel no Brasil. Segundo o trabalho, quase toda a pressão indireta que a soja produziria sobre a mata seria eliminada caso o combustível oriundo dela fosse trocado pelo de dendê. "Para atender a mesma demanda de biodiesel, o dendê requer uma área muito menor, porque produz mais", explica Lapola. "Com ele, o biodiesel ajudaria a promover a agricultura familiar e de pequena escala, sobretudo no Nordeste." No governo, porém, essa ideia ainda encontra resistência. "O problema principal é mais associado à logística e à escala do que à matéria prima. A única oleaginosa que tem escala agora no Brasil para poder baixar o preço do biodiesel é a soja", diz Suzana Kahn Ribeiro. "O biodiesel de dendê, por exemplo, congela em temperaturas mais frias, e é preciso usar um aditivo descongelante." (RG)

**Ciclo verde** – Folha de São Paulo – Opinião – Editorial – 16/02/2010

É desejável que o Brasil eleve a eficiência de sua pecuária e libere novas áreas para a produção de biocombustíveis

EM QUE PESE o refluxo da negociação internacional para combater o aquecimento global, após o fiasco de Copenhague, biocombustíveis estão em alta no mundo. No Brasil, país que está entre os líderes do setor, o lance mais recente foi a associação entre a petroleira Shell e a Cosan. É mais um passo para fazer do álcool uma commodity, ou seja, transformá-lo em produto com cotação internacional, negociado em bolsas de mercadorias. A tendência é irreversível. Mesmo com futuras altas do preço do petróleo, que viabilizem prospecção e exploração de novas jazidas, trata-se de um recurso não renovável. O mesmo vale para o carvão e o gás natural, que completam a tríade dos chamados combustíveis fósseis. Biocombustíveis -seja o álcool de cana ou milho, seja o biodiesel de oleaginosas como soja e dendê- constituem a alternativa à mão para uma reforma sem solavancos da civilização do petróleo. Eles têm a vantagem de capturar de volta da atmosfera a maior parte do CO2 emitido na queima, quando as plantas que lhes servem de matéria-prima crescerem na safra seguinte. Comparados com os fósseis, cuja combustão lança na atmosfera carbono estocado há milhões de anos no interior da Terra, os biocombustíveis só contribuiriam marginalmente para o aquecimento global. Mas há obstáculos a essa "marcha verde". Há riscos de que o aumento da área plantada devaste matas. A queima da biomassa florestal lançaria no ar o carbono ali armazenado, contribuindo para agravar o efeito estufa. O exemplo clássico é o biodiesel de dendê, cuja exploração foi decisiva para o desmatamento na Ásia. Os produtores nacionais de álcool combustível e biodiesel alegam que o caso do Brasil foge a esse padrão. Aqui, a expansão da cana e da soja se dá sobre áreas de pastagem. Mas estudo recente, publicado pelo ecólogo paulista David Lapola, da Universidade de Kassel (Alemanha), no prestigiado periódico científico americano "PNAS" sustenta que, de modo indireto, os biocombustíveis contribuem para o desflorestamento.

Pelas contas de Lapola, a meta para 2020, de elevar em 35 bilhões de litros a produção brasileira de álcool e em 4 bilhões a de biodiesel de soja, levaria à conversão de 60 mil km<sup>2</sup> de florestas em pastagens -área maior que a da Paraíba. A economia de carbono obtida com os combustíveis renováveis precisaria de 250 anos para compensar as emissões pela devastação. Engana-se quem concluir que o pesquisador paulista se aliou aos inimigos da principal agroindústria de seu Estado natal. Lapola ressalva que não produziu uma profecia, mas dados que devem servir para orientar o planejamento da agropecuária. Um aumento da ordem de 10% na produtividade da pecuária bovina, com mais cabeças por hectare e recuperação de pastagens degradadas, liberaria toda a área de que a soja e a cana necessitam para aplacar a sede planetária por biocombustíveis.

#### **MDA abre chamada para projetos na cadeia do biodiesel – Sítio Eletrônico do MDA – 26/02/2010**

A Secretaria de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA) abre nesta sexta-feira (26) a seleção de projetos para a chamada Fomento à Participação da Agricultura Familiar na Cadeia do Biodiesel. O objetivo é selecionar projetos propostos por entidades privadas sem fins lucrativos que promovam o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar na cadeia de produção de oleaginosas e na cadeia do biodiesel, de forma articulada com instituições que desenvolvam trabalhos e promovam o desenvolvimento de tecnologias para a agricultura familiar. Em todo o país, a estimativa é de que mais de 100 mil agricultores familiares sejam beneficiados por meio da execução dos projetos.

Serão aprovados três projetos, um para cada tema: Apoio ao Cooperativismo, Transferência Tecnológica e Organização da Base Produtiva. Os recursos destinados para os dois primeiros projetos são de R\$ 1,2 milhão para cada um. Para o tema Organização da Base Produtiva os recursos são de até R\$ 5,5 milhões.

O projeto Apoio ao Cooperativismo visa a implementação ou aprimoramento de sistemas de gestão nas cooperativas de agricultores familiares fornecedoras de matéria-prima para empresas produtoras de biodiesel, em alguns estados da região Nordeste e Semiárido.

Já o projeto Transferência Tecnológica tem como objetivo a instalação de no mínimo 80 Unidades Técnicas de Demonstração e Observação (UTDs), com capacidade de difundir e transferir tecnologia e conhecimento. Além disso, estas Unidades visam capacitar agricultores familiares e técnicos, em sistemas de produção de mamona e girassol, em todos os pólos de produção do Nordeste e Semiárido.

O projeto Organização da Base Produtiva tem a finalidade de atuar em âmbito nacional, na organização da base produtiva dos agricultores familiares na cadeia do biodiesel, a partir da articulação de grupos de trabalho em microrregiões de importância para o Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB).

## **Prazos**

Recebimento das propostas: de 26 de fevereiro a 19 de março de 2010.  
Divulgação dos resultados: até 31 de março de 2010.  
Início da contratação dos projetos: a partir da divulgação.  
Apresentação de recursos: até 15 dias após a divulgação dos resultados.

Para apresentação das propostas, as instituições deverão acessar o Portal de Convênios – SICONV e incluir a proposta no programa 490002010073. Mais informações a respeito da chamada estão disponíveis no site: <http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/programas//biodiesel>.

## RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### **Etanol**

#### **Exportadores de açúcar se reúnem na OMC – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/02/2010**

Os exportadores de açúcar Brasil, Austrália e Tailândia vão se reunir hoje com outros países na OMC (Organização Mundial de Comércio), em Genebra, para pressionar pela retirada das exportações de açúcar extra-cota pela União Europeia. O bloco tem uma cota para exportação do produto. Como o preço do açúcar estava subindo, especialmente por causa da quebra da colheita na Índia, o bloco elevou a cota de exportações para forçar a queda no preço do produto no mercado mundial. Os três países disseram não descartar uma ação maior, incluindo a reabertura de processo que poderia levar à retaliação.

#### **Etanol caro faz Petrobras trazer gasolina da Venezuela – Samantha Lima – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/02/2010**

Estatal importa 2 milhões de barris para suprir demanda

A alta no preço do etanol provocada pela crise no abastecimento levou a Petrobras da condição de exportadora de gasolina a importadora. A empresa espera para a próxima semana um navio com 2 milhões de barris, da Venezuela, para fazer frente ao aumento de consumo do combustível. A decisão de importar gasolina venezuelana foi tomada em janeiro, quando a vantagem do preço da gasolina sobre o do etanol se ampliou, tornando-a mais competitiva em 25 dos 26 Estados e no Distrito Federal, segundo o diretor de Abastecimento da Petrobras, Paulo Roberto Costa. Ele confirmou que a empresa "sempre teve autossuficiência em gasolina" e que ainda exportava parte do que produzia. Segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo), no ano passado o país exportou de 700 mil a 2 milhões de barris por mês. As importações de gasolina vinham em volume irrisório nos dois últimos anos -menos de mil barris anuais, incluindo outras distribuidoras.

"A alternativa seria produzir menos diesel nas refinarias para produzir mais gasolina, já que a capacidade de refino é limitada. Isso nos obrigaria a importar o diesel, o que é mais caro", diz Costa, sem revelar o valor do contrato com a Venezuela. Segundo o "Estado de S.Paulo", a encomenda custará US\$ 140 milhões à Petrobras. O volume importado de 2 milhões de barris deve durar um mês e meio e equivale a 20%



da produção mensal de gasolina no país. O preço do etanol vem subindo, segundo os produtores, devido a problemas com a safra provocados por excesso de chuva e à alta do preço do açúcar no mercado internacional.

**‘Etanol ganha passaporte para o mundo’** - Renée Pereira – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 05/02/2010

Quando foi escalado para presidir a maior associação da indústria canavieira do Pa? (a Unica), em junho de 2007, Marcos Jank recebeu a missão de convencer o mundo das vantagens do etanol brasileiro e transformar o produto – que costumava ser bombardeado no exterior por ambientalistas – em uma commodity, negociada no mercado internacional.

Para cumprir o desafio, ele instalou equipes nos potenciais países consumidores do biocombustível. A principal delas ficou em Washington para contrariar o lobby dos produtores do etanol de milho, que sempre tentaram desqualificar o produto brasileiro. Depois de muitos estudos, palestras, discussões e lobby junto ao Congresso americano, eles conseguiram a maior vitória da indústria canavieira nos últimos anos. Na quarta-feira, a Agência Americana de Proteção Ambiental (EPA) classificou o etanol feito de cana como um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em 61% comparado a gasolina. “Essa decisão nos deu o passaporte para colocar o etanol de cana no mundo”, comemora Jank. A seguir trechos da entrevista:

#### **Como o sr. avalia a decisão?**

Foi a principal conquista nesses quase três anos que estou aqui. Isso reflete um trabalho de equipe que foi montado desde o começo da minha gestão, que foi colocar escritórios no exterior. Essas pessoas estão fazendo um trabalho cotidiano.

Entre Estados Unidos e Europa, são seis pessoas trabalhando full time nesses assuntos. Sabemos que o debate seria o combustível de baixo carbono – o que quer dizer uma gasolina ou diesel que ao se adicionar ao etanol ou biodiesel reduz o seu teor das emissões – e que na medida que passasse nesse teste a gente poderia entrar numa briga mais séria sobre tarifa.

#### **O que vem pela frente agora?**

Entramos na terceira fase do etanol, que é o reconhecimento do nosso produto no mundo. Passamos dois anos sendo muito criticados e agora o principal órgão regulador americano – equivalente ao nosso Ibama, mas com uma estrutura muito maior – nos deu o passaporte para colocar o etanol de cana no mundo. Basicamente o que eles dizem é que o nosso etanol reduz as emissões em 61% comparado à gasolina enquanto o etanol de milho, 21%. O número é três vezes maior que o do milho. Isso incluindo o famigerado uso da terra. Eles não sabem medir as emissões desde o plantio da cana até o escapamento do carro como também acrescentam o uso direto e indireto da terra.

O uso direto é a expansão da cana sobre a floresta, que não existe mais no Brasil. Hoje 99% da expansão da cana no Pa? ocorre em áreas de pastagem ou áreas agrícolas. Mas eles alegavam que havia um efeito indireto, que quando há o aumento de uma área

plantada em Piracicaba, por exemplo, eu empurro o boi para o cerrado ou para a Amazônia.

### **A decisão finalmente vai transformar o etanol em commodity?**

Acho que estamos entrando na fase que será a consolidação do etanol como commodity global. Ganhamos o passaporte para isso. Daqui para frente o nosso futuro não é só substituir petróleo ou abastecer os carros flex brasileiros.

Temos a terceira oportunidade que é o reconhecimento do etanol como elemento fundamental de mitigação de gases de efeito estufa no mundo.

### **Como pôr a decisão americana em prática?**

Primeira coisa importante, e não por acaso, é que um acordo como esse que foi assinado esta semana entre Shell e Cosan é um reflexo do que ocorreu ontem. São duas notícias interligadas.

Estamos verificando o interesse das petroleiras pelo etanol. Todas as grandes vieram conversar com a gente. Elas sabem que o etanol que sai da cana é o mais eficiente, que mais reduz emissões e o mais comercialmente viável, como afirmou o primeiro vice-presidente da Shell. Apesar das outras opções futuras, como etanol de celulose e etanol de milho, hoje concretamente a melhor alternativa é o etanol de cana. Esse passaporte nos abre a porta para o resto do mundo. O que falta agora? Falta derrubar a tarifa americana. Mas, na medida que empresas como BP e a Shell estão investindo nisso, elas ajudam a defender a causa lá fora, com grande poder de persuasão.

### **Mas quando vamos exportar mais etanol para os EUA?**

Com a redução das tarifas, por enquanto podemos elevar a exportação via Caribe até o limite de 7% do consumo americano.

Mas isso tem custo alto.

Além disso, não vamos conseguir fornecer uma quantidade muito grande de etanol em um ou dois anos. Acho difícil ocorrer muita coisa este ano, porque tivemos uma quebra de safra de 4 bilhões de litros de etanol. Por isso é importante derrubar a tarifa, porque temos previsibilidade de demanda e poderemos investir no aumento da capacidade.

E como se dará o debate da tarifa? A tarifa tem sido renovada pelo lobby do milho desde 1980, quando foi criada como temporária. A primeira renovação teria de ocorrer ao longo deste ano para não expirar em 31 de dezembro. E vou tentar renovar. Existe um discurso nacionalista nos EUA que diz: “Precisamos de segurança energética e não podemos depender do petróleo brasileiro”.

### **A decisão da EPA fortalece a consolidação do setor?**

A consolidação começa a ocorrer desde a crise financeira e vai continuar intensa. O setor é muito segmentado. Temos 438 usinas nas mãos de 200 grupos econômicos. A tendência é um número menor de empresas com tamanhos cada vez maiores.

Empresas da Europa começam a alugar terras na África para produzir etanol, exportar livres de tarifas para o mercado europeu e concorrer no futuro com o biocombustível brasileiro.

A companhia suíça Addax Bioenergy acaba de assinar contrato com o governo de Serra Leoa, um dos países mais pobres do planeta, para aluguel de 10 mil hectares de terras visando produzir 100 milhões de litros de etanol a partir de cana-de-açúcar.

O projeto é estimado em US\$ 200 milhões, com cofinanciamento do Banco Europeu de Investimentos e Banco Africano de Desenvolvimento, além de apoio da Agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), segundo seus diretores. A produção deve começar em 2012. A empresa está em discussão também com indústrias brasileiras para o fornecimento de equipamentos.

A sueca Sekab, que costuma importar etanol do Brasil, é outra que tem projeto de aluguel de terra na Tanzânia. Além disso, começa a ser desenvolvido gradualmente um projeto tripartite, entre a União Europeia, Brasil e União Africana, para produção do combustível na África visando também o mercado europeu.

A Addax Bioenergy afirma que um argumento pesou forte na sua escolha: o etanol de Serra Leoa será exportado para os 27 países do bloco europeu livre da tarifa de € 192 por mil litros que é aplicada sobre o produto brasileiro.

Isso não inquieta representantes brasileiros. Para cumprir sua meta de adicionar 10% de biocombustível na gasolina vendida no mercado europeu, a UE precisa importar. E há espaço para todos os produtores. Para os brasileiros, o importante no momento é transformar o biocombustível em commodity global. Além disso, os projetos na África estão longe de chegar à dimensão da produção brasileira.

Serra Leoa sofreu uma guerra até dez anos atrás e seus seis milhões de habitantes têm dificuldades para se alimentar. Mas a companhia suíça argumenta que o país está calmo hoje. Afora isso, o clima é favorável, a cultura irrigada da cana-de-açúcar dá rendimentos comparáveis ou superiores aos do Brasil, onde o rendimento energético é duas vezes maior que o etanol americano e a economia de CO<sub>2</sub>, três vezes superior. Um funcionário afirma que o projeto foi totalmente inspirado na experiência brasileira.

A Addax vai pagar aluguel de US\$ 12 por hectare por ano, dos quais 60% serão pagos diretamente aos proprietários das terras. A plantação de cana não deverá atingir nem as zonas úmidas destinadas à produção de arroz, nem as florestas. A empresa promete criar dois mil empregos diretos.

O investimento em Serra Leoa está sendo submetido a estritas normas para reduzir impactos ambientais e sociais. Os bancos financiadores procuraram todas as garantias, para não serem acusados de participar da recolonização da África por meio da compra de terras para produção de algo que a população local ignora. Organizações humanitárias são céticas.

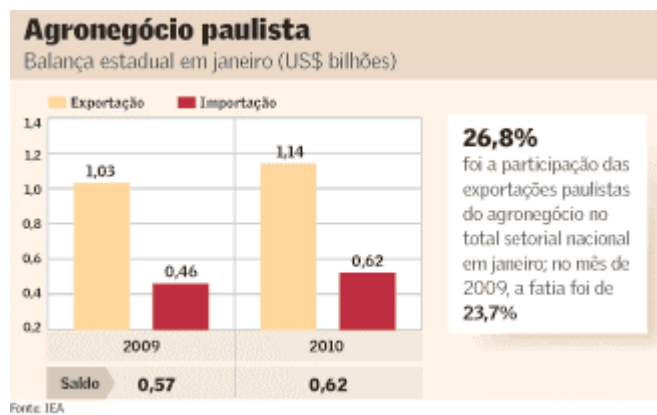
O fenômeno do "land grabbing" cresce. Esse é o termo usado para compra ou aluguel de vastas áreas de terras por investidores privados ou países ricos, como Arábia Saudita e Coreia do Sul, em nações em desenvolvimento, para produzir alimentos destinados à exportação. Desde 2008, 180 contratos teriam sido assinados, segundo um instituto de Oakland, nos EUA. O International Food Policy Research Institute estima que investidores estrangeiros já garantiam entre 15 milhões e quase 20 milhões de hectares de terras em países pobres entre 2006 e meados de 2009.

A Organização das Nações Unidas (ONU) começou a discutir um código de conduta para regular os investimentos estrangeiros em terras agrícolas. Mas serão regras voluntárias, que vão demorar um ano, talvez mais, para ser aprovadas.

### **Exportações estaduais do setor crescem 11% em janeiro – Valor Econômico – Agronegócios – 25/02/2010**

Puxadas pelo segmento sucroalcooleiro, as exportações paulistas do agronegócio somaram US\$ 1,14 bilhão em janeiro deste ano, 10,7% mais que no mesmo mês de 2009. As importações aumentaram 13% em igual comparação, para US\$ 520 milhões, e com isso o superávit estadual do setor registrou incremento de 8,8%, para US\$ 620 milhões.

Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) compilados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA) - vinculado à Secretaria da Agricultura do Estado -, com o desempenho observado a participação do agronegócio nas exportações totais de São Paulo diminuiu para 36,4% no mês passado, ante fatia de 37,5% em janeiro de 2009. No caso das importações, houve aumento de 10,3% para 11,6%. Vale observar que a balança paulista consolidada, envolvendo todos os setores, tornou-se menos deficitária em janeiro passado (US\$ 1,36 bilhão).



Em relação à balança nacional do setor, o peso paulista cresceu. Nas exportações do agronegócio, São Paulo representou 26,8% dos embarques brasileiros em janeiro, ante 23,7% no mesmo mês do ano passado, ao passo que nas importações a fatia passou de 32,9% para 34,4% entre os primeiros meses de 2009 e 2010.

Na balança comercial nacional, apontam os cálculos divulgados ontem pelo IEA, a parte do agronegócio no total apresentou comportamento um pouco distinto dos sinalizados pelos resultados estaduais. Nesta relação, o peso do setor nas exportações diminuiu - de 44,4% em janeiro de 2009 para 37,7% em janeiro deste ano - e também ficou menor nas importações (13,6% para 13,2%).

## **Indústrias do Brasil de olho em projetos de usinas na África – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 26/02/2010**

As vantagens tarifárias obtidas pelos países da África, assim como topografia e clima favoráveis, estão fomentando investimentos no cultivo de cana e em indústrias de açúcar e etanol. Apenas as principais empresas brasileiras que fornecem equipamentos para usinas negociam contratos que somam investimentos industriais de US\$ 2 bilhões no continente.

Ao todo são nove usinas de açúcar, álcool e cogeração, uma de etanol e outras três apenas de cogeração a partir do bagaço de cana. As propostas estão em fase de negociação e a expectativa é de que os projetos sejam implantados nos próximos dois anos.



O volume de investimento considera apenas os contratos em negociação no momento pelas paulistas Dedini Indústria de Base e pela Sermatec, especializadas em

fornecimento de equipamentos para usinas. O montante não considera capital que será aplicado na área agrícola, tampouco na infraestrutura de irrigação.

No entanto, somente na área industrial, o interesse em todo o continente certamente é maior, segundo Sérgio Leme, diretor da Dedini. "O continente africano é a bola da vez. Somente no Sudão sabemos que há em todo o mercado entre 15 a 17 projetos de etanol e açúcar em análise", afirma Leme.

A empresa negocia atualmente contrato para implantação de nove usinas na África, que contemplam a produção de açúcar, álcool e co-geração. Os projetos, em média, são para moer 2 milhões de toneladas de cana em capacidade plena, e estão localizados principalmente no Sudão, onde há dois deles, e em Moçambique. Também há negociações em curso em Gana, Serra Leoa, Marrocos e Angola.

No fim de 2009, a Dedini entregou uma usina de etanol para a multinacional Kenana, no Sudão, que até então produzia apenas açúcar. A unidade, explica Leme, tem capacidade para produzir até 36 milhões de litros de etanol por ano com previsão de triplicar a atual capacidade em dois anos.

Além da Kenana, também apostam em projetos na África a companhia suíça Addax Bioenergy. Segundo publicou o **Valor**, a Addax assinou contrato com o governo de Serra Leoa para aluguel de 10 mil hectares de terras visando produzir 100 milhões de litros de etanol a partir de cana-de-açúcar.

Mas, entre todos os países africanos, o Sudão é considerado o mais promissor, segundo analistas. Já há oito usinas de açúcar no país. A maior é da Kenana, com 42 mil hectares de cana, e a estimativa da consultoria em projetos de irrigação Irriger é que as demais usinas tenham 60 mil hectares, totalizando no país o cultivo de 100 mil hectares. "A tendência é de um crescimento de 40% a 50% nos próximos cinco anos", Everardo Mantovani, consultor da empresa.

Atualmente, estima-se que o Sudão produz 800 mil toneladas de açúcar, sendo a metade da Kenana. Apesar do clima desértico, o país tem como diferencial as águas do rio Nilo que, apesar de muito ligado à história do território Egípcio, é na capital no Sudão que ele se forma integralmente - é onde se encontram os dois Nilos (o Azul, que nasce na Etiópia, e o Branco, cuja nascente é na Uganda). "As áreas da Kenana, por exemplo, são irrigadas por sulco e a produtividade é elevada, da ordem de 119 toneladas de cana por hectare", afirma Mantovani.

Com território equivalente a 25% do brasileiro, o Sudão, assim como outros países do continente, é beneficiado pelo acordo EBA (tudo menos armas, na sigla em inglês), portanto, tem isenção de taxas na exportação para Europa, diferentemente do Brasil, por exemplo, cujo etanol paga 192 euros para cada metro cúbico exportado ao bloco.

Já a Sermatec negocia contratos de uma usina de etanol e co-geração em Angola. No ano passado, a empresa forneceu duas caldeiras e um difusor de cana para a Biocom, empresa do governo angolano que tem como acionista a brasileira Odebrecht.

## **Demanda por cogeração na América do Sul surpreende – Valor Econômico – Agronegócios – 26/02/2010**

Enquanto na África o foco é produção de açúcar e álcool, na América Central e, principalmente, na América do Sul, vem crescendo o interesse por projetos de cogeração de energia. A Sermatec, uma das líderes em fornecimento de caldeiras para usinas, está em negociação final de oito projetos de co-geração com bagaço de cana demandados pelos países da região e também pelo México. Somente essas propostas devem representar US\$ 150 milhões ao faturamento da empresa neste ano.

Entre os países que estão demandando essas usinas estão Guatemala, além de Argentina, Chile e Bolívia, segundo Anderson Esgrinholi, diretor-industrial da Sermatec. "A América Central sempre adquiriu nossa tecnologia para co-geração e agora estão ampliando a capacidade. Mas países da América do Sul, como Argentina e Bolívia, tem surpreendido", diz Esgrinholi.

A Sermatec já possui 22 projetos para cogeração de energia por biomassa instalados na América Latina, totalizando o equivalente a 598 Megawatts por hora (MW/h). Na América Central há elevada necessidade de aumento de uso de fontes renováveis, segundo Cleber Guarani, da FGV Projetos. Alguns desses países, como El Salvador, possui apenas planta de desidratação de etanol. A maior parte do produto vem do Brasil, é processado e exportado aos EUA sem a taxa de 54 centavos de dólar por galão.

Mas a FGV Projetos há quase dois faz levantamento nesses países para identificar o potencial de investimento. O mais avançado está em El Salvador, onde o Banco Interamericano de Desenvolvimento apoia a elaboração de projeto de usina de etanol para moagem de 1,5 milhão de toneladas. **(FB)**

Coordenador  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

**Assistentes de Pesquisa**

Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

**Secretária**

Diva de Faria

**oppa** Observatório de Políticas  
Públicas para a Agricultura

**cpda** Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais  
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214  
Fax: 21 2224 8577 – r. 217  
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br  
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actionaid



NEAD

Ministério do  
Desenvolvimento Agrário

